

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARCELO ALENCAR LEITE

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS CORPOS E AS SUAS RELAÇÕES
COM AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO COM DISCENTES
DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO IFCE CAMPUS CEDRO

SÃO LEOPOLDO
2025

MARCELO ALENCAR LEITE

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS CORPOS E AS SUAS RELAÇÕES COM AS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO COM DISCENTES DO ENSINO MÉDIO
INTEGRADO DO IFCE CAMPUS CEDRO

Tese apresentada como requisito
parcial à obtenção do título de Doutor
em Educação pelo Programa de Pós-
Graduação em Educação, Área de
Ciências Humanas, Universidade do
Vale do Rio dos Sinos – Unisinos.

Linha de Pesquisa 1: Educação,
História e Política

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Manoel Dias da
Silva

SÃO LEOPOLDO
2025

L533r Leite, Marcelo Alencar.

As representações sociais dos corpos e as suas relações com as aulas de educação física : um estudo com discentes do ensino médio integrado do IFCE Campus Cedro / Marcelo Alencar Leite. – 2025.

191 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2025.

“Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Manoel Dias da Silva”.

1. Representações sociais. 2. Corpo. 3. Adolescentes.
4. Educação física escolar. I. Título.

CDU 37:796

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Amanda Schuster Ditbenner – CRB 10/2517)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha esposa, Rhamara Costa e Silva. A pessoa que mais acreditou em mim, mesmo quando eu achava que não seria capaz de fazer algo ela acreditou e me ajudou a conseguir.

AGRADECIMENTO

Agradeço a todos/as que estiveram me acompanhando ao longo de todo esse processo de pós-graduação. Deixo os agradecimentos especiais à minha esposa, Rhamara, à minha filha, Maria Cecília, que deu um novo sentido para a minha vida, à minha mãe, Filomena, por sempre ter estado ao meu lado, à minha sogra, Maria, por sempre ser uma pessoa com palavras de apoio e crença no que eu posso fazer e ao meu orientador, Professor Dr. Rodrigo Manoel, por ter acreditado no potencial do trabalho e ter me ajudado na construção da tese. Agradeço, também, a Direção do Campus Cedro pela autorização para a realização da pesquisa e, em especial, a todos/as discentes que aceitaram participar e foram fundamentais para a construção da tese.

RESUMO

O presente estudo investiga as representações sociais dos corpos entre discentes do ensino médio integrado e suas relações com as aulas de Educação Física, considerando a influência de contextos socioculturais. Partindo de uma abordagem teórica que articula contribuições da Educação Física crítica, sociologia do corpo e Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1976, 1978, 2004), analisou-se como padrões corporais hegemônicos são construídos, reproduzidos ou contestados no ambiente escolar. A pesquisa, de natureza qualitativa envolveu 29 estudantes do Instituto Federal do Ceará (IFCE), com média de idade de 17,26 anos, apresentando um desvio padrão de 0,60. Foram utilizadas técnicas como Associação Livre de Palavras, questionários e quatro oficinas temáticas filmadas e gravadas. Os dados foram analisados mediante Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977, 2011, 2016) com apoio do software NVivo15®. Os resultados evidenciaram a persistência de uma busca pelo corpo idealizado, musculoso e saudável, influenciado por redes sociais e mídia, embora os participantes demonstrassem consciência crítica sobre a artificialidade desses padrões. Destacou-se a representatividade positiva de corpos pretos como fator de autoaceitação, além da percepção de que as aulas de Educação Física podem reforçar estereótipos ou promover inclusão, dependendo da abordagem pedagógica. A escola deve priorizar ambientes seguros para reflexão sobre pluralidade corporal, revisão de materiais didáticos inclusivos e parcerias com profissionais de saúde mental. Conclui-se que a Educação Física é reafirmada como espaço estratégico para desconstruir normatizações opressoras, valorizando a diversidade e fomentando autoconfiança e respeito às individualidades. O estudo aponta a necessidade de políticas públicas educacionais que integrem equidade de gênero, representatividade e infraestrutura adequada, visando transformar a disciplina em ferramenta de empoderamento e crítica social.

Palavras-chave: Representações Sociais; Corpo; Adolescentes; Educação Física Escolar.

RESUMEN

Este estudio investiga las representaciones sociales de los cuerpos entre estudiantes de educación media integrada y sus relaciones con las clases de Educación Física, considerando la influencia de contextos socioculturales. A partir de un enfoque teórico que articula contribuciones de la Educación Física crítica, la sociología del cuerpo y la Teoría de las Representaciones Sociales (MOSCOVICI, 1976, 1978, 2004), se analizó cómo los patrones corporales hegemónicos se construyen, reproducen o cuestionan en el ámbito escolar. La investigación, de naturaleza cualitativa, involucró a 29 estudiantes del Instituto Federal de Ceará (IFCE), con una edad promedio de 17,26 años, con una desviación estándar de 0,60. Fueron utilizados técnicas como Asociación Libre de Palabras, cuestionarios y cuatro talleres temáticos filmados y grabados. Los datos se analizaron mediante Análisis de Contenido (BARDIN, 1977, 2011, 2016) con apoyo del software NVivo15®. Los resultados evidenciaron la persistencia de una búsqueda del cuerpo idealizado (musculoso, saludable), influenciado por redes sociales y medios, aunque los participantes demostraron conciencia crítica sobre la artificialidad de estos patrones. Se destacó la representatividad positiva de cuerpos negros como factor de autoaceptación, además de la percepción de que las clases de Educación Física pueden reforzar estereotipos o promover inclusión, dependiendo del enfoque pedagógico. La escuela debe priorizar entornos seguros para la reflexión sobre la pluralidad corporal, revisión de materiales didácticos inclusivos y alianzas con profesionales de salud mental. Se concluyó que la Educación Física se reafirma como espacio estratégico para deconstruir normativas opresoras, valorizando la diversidad y fomentando la autoconfianza y el respeto a las individualidades. El estudio señala la necesidad de políticas públicas educativas que integren equidad de género, representatividad e infraestructura adecuada, buscando transformar la disciplina en herramienta de empoderamiento y crítica social.

Palabras-clave: Representaciones Sociales; Cuerpo; Adolescentes; Educación Física Escolar.

ABSTRACT

This study investigates the social representations of bodies among integrated high school students and their relationship with Physical Education classes, considering the influence of sociocultural contexts. Based on a theoretical framework integrating critical Physical Education, sociology of the body, and Social Representations Theory (MOSCOVICI, 1976, 1978, 2004), the research analyzed how hegemonic body standards are constructed, reproduced, or challenged in the school environment. The qualitative study involved 29 students from the Federal Institute of Ceará (IFCE), with an average age of 17.26 years, with a standard deviation of 0,60. Were used techniques such as Free Word Association, questionnaires, and four filmed/recorded thematic workshops. Data were analyzed through Content Analysis (BARDIN, 1977, 2011, 2016) supported by NVivo15® software. Results revealed a persistent pursuit of an idealized body (muscular, healthy), influenced by social media and mainstream media, though participants demonstrated critical awareness of the artificiality of these standards. Positive representation of Black bodies emerged as a factor for self-acceptance. Additionally, Physical Education classes were perceived as either reinforcing stereotypes or promoting inclusion, depending on pedagogical approaches. The schools should prioritize safe environments for reflection on bodily diversity, inclusive educational materials, and partnerships with mental health professionals. The study concludes that Physical Education is reaffirmed as a strategic space to deconstruct oppressive norms, valuing diversity and fostering self-confidence and respect for individuality. The research highlights the need for educational public policies integrating gender equity, representation, and adequate infrastructure to transform the discipline into a tool for empowerment and social critique.

Keywords: Social Representations; Body; Teenagers; School Physical Education.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 1: Organização das palavras listadas	58
QUADRO 2: Apresentação das justificativas das escolhas das palavras	60
QUADRO 3: Frequência das palavras evocadas e categorias criadas	64
QUADRO 4: Organização das palavras listadas	67
QUADRO 5: Justificativas das escolhas das palavras	69
QUADRO 6: Frequência das palavras evocadas e categorias criadas	72
QUADRO 7: Ponto de Vista Feminino	85
QUADRO 8: Ponto de Vista Masculino	86
QUADRO 9: Como você se vê?	98
QUADRO 10: Como você gostaria de se vê?	102
QUADRO 11: Criação/representações dos corpos ideais feitas pelos/as discentes.....	109
QUADRO 12: Diferença entre a silhueta que se tem e a que deseja ter	117
QUADRO 13: Diferença entre a silhueta que se tem e a que deseja ter	118
QUADRO 14: Satisfação/insatisfação com o corpo	119
QUADRO 15: Realização de intervenção cirúrgica estética	127
QUADRO 16: Receio de participar das aulas práticas de Educação Física	139
QUADRO 17: Aulas teóricas e/ou aulas práticas de Educação Física	142
QUADRO 18: O que acha das aulas de Educação Física	145
QUADRO 19: Diferença de gênero nas percepções das aulas de Educação Física	148
QUADRO 20: Sugestões para as aulas de Educação Física	150
QUADRO 21: Diferença de gênero nas sugestões para as aulas de Educação Física	153

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1: Nuvem de Palavras	64
FIGURA 2: Prevalência das palavras em cada categoria	66
FIGURA 3: Nuvem de Palavras TALP 2	73
FIGURA 4: Prevalência das palavras em cada categoria	74
FIGURA 5: Desenho Grupo 1	78
FIGURA 6: Desenho Grupo 2	79
FIGURA 7: Desenho Grupo 3	79
FIGURA 8: Desenho Grupo 4	80
FIGURA 9: Desenho Grupo 5	80
FIGURA 10: Desenho Grupo 6	81
FIGURA 11: Escala de Silhueta de Stunkard et.al. (1983)	115
FIGURA 12: Respostas sobre como os/as discentes percebiam suas silhuetas	116
FIGURA 13: Respostas sobre como os/as discentes percebiam suas silhuetas	116
FIGURA 14: Satisfação com o próprio corpo	122
FIGURA 15: Sensações sobre situações que envolvem o corpo	123
FIGURA 16 Faria alguma intervenção cirúrgica?	127

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC – Análise de Conteúdo

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFCE – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

SCIELO – *Scientific Electronic Library Online*

TALPs – Técnica de Associação Livre de Palavras

TRS – Teoria das Representações Sociais

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

MARCELO ALENCAR LEITE

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS CORPOS E AS SUAS RELAÇÕES COM AS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO COM DISCENTES DO ENSINO MÉDIO
INTEGRADO DO IFCE CAMPUS CEDRO

Tese apresentada como requisito
parcial à obtenção do título de Doutor
em Educação pelo Programa de Pós-
Graduação em Educação, Área de
Ciências Humanas, Universidade do
Vale do Rio dos Sinos – Unisinos.
Linha de pesquisa 1: Educação,
História e Política.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Manoel Dias da Silva

BANCA EXAMINADORA

Orientador Prof. Dr. Rodrigo Manoel Dias da Silva – UNISINOS

Prof.^a Dra. – Marília Veríssimo Veronese - UNISINOS

Prof.^a Dra. – Viviane Inês Weschenfelder - UNISINOS

Prof. Dr. Thiago Camargo Iwamoto - UEG

Prof.^a Dra. – Dulce Maria Filgueira de Almeida – UNB

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO	19
1.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	19
1.2 CORPO	29
1.3 ADOLESCÊNCIA E ENSINO MÉDIO.....	39
1.3.1 Adolescência.....	39
1.3.2 Ensino Médio Técnico-integrado	42
CAPÍTULO II – PERCURSO METODOLÓGICO.....	46
2.1 CARACTERIZAÇÃO DO <i>LÓCUS</i> DE PESQUISA	46
2.2 PÚBLICO-ALVO	46
2.3. CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	47
2.4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	48
2.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	52
CAPÍTULO III – OFICINAS TEMÁTICAS	56
OFICINA 1 – A CONSTRUÇÃO DO CORPO	57
OFICINA 2 – ESTEREÓTIPOS CORPORAIS E DE GÊNERO E IMPACTOS NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE.....	84
OFICINA 3 – A VIRTUALIZAÇÃO DO CORPO E OS PADRÕES DE BELEZA DAS REDES SOCIAIS	97
OFICINA 4 – OS CORPOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	114
CAPÍTULO IV – REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES	157
REFERÊNCIAS	168
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ..	175
APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ÁUDIO E IMAGEM	177
APÊNDICE C – ROTEIRO DAS OFICINAS SOBRE O CORPO	178

OFICINA 1 – A Construção do Corpo	178
OFICINA 2 – Estereótipos Corporais e de Gênero e Impactos na Formação da Identidade	178
OFICINA 3 – A Virtualização do Corpo e os Padrões de Beleza das Redes Sociais	179
OFICINA 4 – Os Corpos na Educação Física Escolar	179
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIOS	180
TALP 1	180
TALP 2	182
Questionário Oficina 3	184
Questionário Oficina 4	187

1 INTRODUÇÃO

O corpo, enquanto objeto de estudo, é campo de atuação de várias áreas de conhecimento e teve muitas interpretações ao longo da história, sendo mais estudado nos campos das ciências biológicas, da filosofia e da sociologia, por exemplo. Como objeto de estudo da Educação Física, passando por transformações ao longo dos tempos, dependendo do momento político e social vivido pelo país, bem como era reorganizada a partir da forma como a Educação Física era trabalhada no contexto escolar (CASTELLANI FILHO, 2010). O corpo já foi estudado apenas considerando os aspectos anátomo-fisiológicos, aspectos ligados à saúde e desenvolvimento de aptidões (SANTIN, 1987) que tornassem os indivíduos mais fortes e dóceis (BRACHT, 19), mas hoje estamos vivenciando uma etapa da Educação Física que considera os aspectos sociais e culturais em suas práticas (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Para nortear a discussão acerca da temática do corpo, parte-se da ideia trazida por Almeida, Wiggers e Jubé (2014) de que o corpo é um fenômeno social vivido por cada sujeito. Para as autoras, o Corpo “pode ser mais inclinado a produzir a própria subsistência, ou com tendência a se modificar para que possa ser inserido em um determinado grupo social”. (ALMEIDA; WIGGERS; JUBÉ, 2014, p. 972).

A partir do que foi apresentado, pode-se refletir sobre a influência do meio social na construção que os indivíduos fazem dos/nos próprios corpos. Os entendimentos acerca do que pode, ou não, ser considerado certo ou adequado está ligado às experiências vividas em seus grupos sociais, sejam eles familiares, religiosos e, até mesmo, escolar. Podemos compreender que o corpo é algo plural, a partir de Le Breton, (2004, p. 252), “O corpo é plural uma vez que a vontade do indivíduo assim deseja e porque ele o concebe como material de uma produção deliberada de si. Torna-se artífice de si, construtor da sua própria aparência física, inventor das formas que o revelam ao mundo”. Uma vez que pode ser construído pelo próprio indivíduo, como por exemplo, a aparência física, que são as formas de se revelar ao mundo, essa pluralidade de formas de perceber o corpo está relacionada ao que Le Breton (2007) menciona ao afirmar que “o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência das relações com o mundo é construída. [...] Antes de qualquer coisa a existência é corporal” (LE BRETON, 2007, p.7).

A partir dessas reflexões, pode-se perceber que, apesar da individualidade das escolhas, das formas de expressões e significados que se dá ao corpo, a sua construção está relacionada aos contextos sociais que nos rodeiam. Assim, compreender o meio social é importante para

que se possa compreender os indivíduos.

O estudo sobre o corpo, por muito tempo, se manteve nos campos das ciências biológicas e da medicina. Com o passar dos anos, as Ciências Sociais também passaram a estudar o corpo e a contribuir enormemente para o entendimento mais amplo do indivíduo. A partir da discussão de várias áreas de estudo, “o corpo assumiu uma conotação de organismo vivo” (GONÇALVES, 2011, p. 5).

Como objeto de estudo da Educação Física, ao longo do tempo foram dados muitos sentidos e significados ao estudo do corpo. A Educação Física já teve o momento histórico de considerar o corpo apenas em seu conceito biológico, sendo utilizado os conhecimentos das áreas médicas na intervenção com a sociedade, bem como já buscou moldar o corpo para o projeto de nação em curso, buscando moldar corpos fortes para o trabalho e para a defesa do país. Já foi utilizada como forma de entretenimento e desmobilização social, tendo uma supervalorização do esporte espetáculo e hoje, em sua fase crítica, enxerga no corpo as dimensões históricas e sociais que contribuíram para o estabelecimento dos padrões que se segue (CASTELLANI FILHO, 2010).

Como afirma Martins (2003, p. 10), “neste sentido, a Educação Física cumpre o papel de ditar ao corpo uma sujeição controlada, uma disciplina, para que possa desenvolver e aperfeiçoar o corpo enquanto conjunto mecânico”. É retirado dos corpos a autonomia dos movimentos livres e prazerosos e lhes são impostos movimentos que adestram o corpo para uma utilidade produtiva, até mesmo os momentos de lazer são pensados e construídos de forma a buscar uma produtividade e não como um momento apenas de prazer e descanso.

Silva (2001), discute que não se tem mais apenas um corpo, como ideia e padrão a ser seguido, mas existem vários corpos, dependendo da cultura e sociedade onde esteja inserido. A diversidade cultural e social proporciona que os sujeitos possam compreender e experienciar o corpo de formas diferentes, cada um com a sua subjetividade e individualidade.

O meio social exerce uma cobrança, ou imposição, mesmo que velada, para que se busque seguir os padrões. Esses padrões impostos retiram dos corpos as suas individualidades e lhes transformam em objetos a serem reproduzidos. A disputa existente entre se encaixar em algum padrão ou contestar aquilo que é imposto gera tensões sociais que resultam, também, em um conjunto de conflitos íntimos e biográficos, no plano individual. A construção da ideia do corpo está presente na natureza política e nas relações de poder. “Diferentes tecnologias políticas de controle do corpo, entre elas os dispositivos sexuais, a higiene e os exercícios escolares contribuíram, ao mesmo tempo, para uma objetivação do corpo e para a criação de

espaços de transgressão” (NÓBREGA, 2010, p. 12).

A objetificação do corpo e a sua consequente desumanização, acaba tornando mais fácil moldá-lo de acordo com os interesses vigentes em cada época, pois sendo uma ‘coisa’ pode ser reciclado e ressignificado sem que seja necessário pensar nos impactos que são causados. A reflexão sobre os aspectos políticos que são dados ao corpo e a influência dos meios sociais na sua modulação devem ser objetos de estudo e intervenção, proporcionando um aprofundamento e um olhar crítico acerca dos processos de construção das identidades e manifestações corporais, principalmente no ambiente escolar, que ainda se mostra um local com menos acesso às discussões e se torna um local de reprodução dos estereótipos.

O meio onde se está inserido afeta a percepção que se tem acerca do corpo, sendo um elemento constitutivo da identidade individual. Essa identidade se forma por meio da assimilação do que é exposto, para reproduzir ou contestar. “Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade” (LE BRETON, 2007, p. 7).

A influência do meio social instituindo algo como o padrão a ser seguido por ser entendido como belo, adequado ou, até mesmo, aceitável é uma constante nos dias de hoje. Essa cobrança social requer uma grande atenção dos/as docentes de Educação Física, para que busquem conhecer e refletir sobre essas influências sociais nos corpos, induzindo ao seguimento de determinados padrões corporais apontados como adequados ou valorizados como belo, bem como a replicação dos comportamentos tidos como aceitáveis, buscando uma uniformização dos sujeitos e não respeitando, ou mesmo desconsiderando, os aspectos da individualidade e subjetividade que cada um traz consigo.

Como forma de evidenciar essa subjetividade e buscar compreender os processos de construção que cada indivíduo tem de si, a Teoria das Representações Sociais surge como uma excelente ferramenta, uma vez que é uma abordagem teórica que tem como objetivo entender como as pessoas constroem e compartilham conhecimento sobre o mundo social em que vivem. Foi desenvolvida por Serge Moscovici e seus colaboradores na década de 1960, na França, como uma alternativa à abordagem individualista e cognitivista da psicologia social (GALEGO *et. al.*, 2023), (BATISTA; ANDRADE, 2023).

Segundo a Teoria das Representações Sociais, as pessoas não apenas recebem informações do ambiente social, mas também as transformam e reinterpretam a fim de torná-las compreensíveis e significativas em sua vida cotidiana. Essa transformação é influenciada pelos valores, crenças, normas e experiências compartilhadas que existem em um determinado

contexto social (BATISTA; ANDRADE, 2023), (SILVA; QUADROS, 2022).

As representações sociais são construídas a partir de um processo dinâmico de interação entre indivíduos e grupos sociais e são influenciadas por fatores como a comunicação, a mídia, as instituições e as relações de poder. Elas podem ser entendidas como um conjunto de ideias, imagens, valores e práticas que são compartilhados por um grupo social e que permitem a compreensão e a interpretação dos fenômenos sociais em um determinado contexto (BATISTA; ANDRADE, 2023), (SILVA; QUADROS, 2022).

A Teoria das Representações Sociais tem sido aplicada em diversas áreas do conhecimento, como a psicologia, a sociologia, a antropologia e a educação, e tem contribuído para a compreensão de fenômenos sociais complexos, como a formação de identidades sociais, a construção de estereótipos e preconceitos, e a dinâmica dos movimentos sociais, pois se propõe a entender como as pessoas constroem e compartilham conhecimento sobre o mundo social em que vivem, e como esse conhecimento é influenciado por fatores sociais e culturais (RODRIGUES; MELO, 2022).

A Teoria das Representações sociais tem suas raízes na tradição sociológica europeia, que buscava entender a construção do conhecimento social e sua relação com a cultura e a história. A partir dos anos 1950, surgiram na França várias correntes de pensamento que buscavam entender a relação entre indivíduo e sociedade, entre elas a escola de Durkheim¹ e a escola de Vygotsky². Porém, foi somente na década de 1960 que a teoria das representações sociais começou a ser formulada por Serge Moscovici, em colaboração com outros pesquisadores, como Jean-Claude Abric e Denise Jodelet (SANTOS; GUARESCHI, 2019).

Assim, Moscovici propôs uma abordagem teórica que considerava a construção do conhecimento como um processo social, influenciado por fatores como a comunicação, a mídia,

¹ Durkheim entendia essas representações como produtos estáveis da estrutura social, transmitidos através de instituições como a escola e a família para garantir a continuidade cultural. Moscovici, porém, reformulou essa noção ao propor que as representações são processos dinâmicos de construção simbólica, gerados na interação cotidiana e mediados pela comunicação. Enquanto Durkheim enfatizava a determinação social sobre o indivíduo, Moscovici introduziu a noção de universos consensuais, onde saberes científicos e senso comum se hibridizam, permitindo a transformação social através da atividade interpretativa dos grupos. Essa transição teórica marcou a passagem de uma sociologia da estabilidade para uma psicologia social da mudança (SANTOS; GUARESCHI, 2019).

² Vygotsky propôs que o desenvolvimento cognitivo do indivíduo ocorre por meio da internalização das práticas sociais e culturais, utilizando signos e instrumentos como mediadores dessa apropriação. Moscovici incorporou essa perspectiva ao entender as representações sociais como processos dinâmicos de construção coletiva do conhecimento, nos quais o social não apenas influencia, mas constitui o indivíduo. Enquanto Vygotsky focou no desenvolvimento individual a partir da interação social mediada por signos, Moscovici ampliou essa ideia para explicar como grupos constroem e compartilham sistemas simbólicos que orientam o comportamento social (SPADONI LEMES; ZANATTA; RODRIGUES DE ANDRADE, 2017).

as instituições e as relações de poder. Ele argumentava que as representações sociais são construídas a partir de um processo dinâmico de interação entre indivíduos e grupos sociais, e que elas são influenciadas por fatores como a cultura, a história, a política e a ideologia.

A Teoria das Representações Sociais tem como principal característica a ênfase na dimensão social do conhecimento. Ela parte do pressuposto de que o conhecimento é construído a partir de um processo dinâmico de interação entre os indivíduos e o ambiente social em que estão inseridos (MOSCOVIC, 1976, 1978, 2004). Assim, as representações sociais são entendidas como um conjunto de ideias, imagens, valores e práticas que são compartilhados por um grupo social e que permitem a compreensão e a interpretação dos fenômenos sociais em um determinado contexto.

Buscou-se responder o seguinte problema de pesquisa: quais são as representações sociais dos corpos, por discentes do ensino médio integrado, e a suas relações com as aulas de educação física?

Para que fosse possível responder o problema da pesquisa, teve-se como objetivo geral compreender quais são as representações sociais dos corpos, por discentes do ensino médio integrado, e a suas relações com as aulas de educação física. A pesquisa teve os seguintes objetivos específicos: a) Compreender como o corpo é percebido pelos/as discentes do ensino médio integrado; b) Discutir sobre a influência do meio social na construção da ideia de corpo; c) Debater acerca da influência das aulas de Educação Física no processo de formação e consolidação da ideia de corpo por parte dos/as discentes do ensino médio integrado.

A pesquisa seguiu as prerrogativas legais para a realização de pesquisa com seres humanos, sendo submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), obtendo a sua aprovação no parecer consubstanciado número: 6.841.579.

A pesquisa foi desenvolvida com discentes do 3º ano do ensino médio técnico integrado, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), no *Campus* Cedro, na região Centro-sul do Ceará. A pesquisa contou com a participação de 29 discentes, sendo 10 homens e 19 mulheres, tendo uma média de idade de 17,26 anos, com desvio padrão de 0,60. O desenvolvimento metodológico da pesquisa se deu por meio da abordagem qualitativa, fazendo uso da aplicação da Técnica de Associação Livre de Palavras – TALP, aplicação de questionários e realização de quatro oficinas temáticas.

As oficinas foram realizadas em quatro encontros, sendo três quintas-feiras, devido ao fato das oficinas 2 e 3 terem sido realizadas no mesmo dia, do mês de agosto de 2024. As

oficinas foram realizadas nos dias 8, 15, e 22. Cada encontro teve um tema específico para ser desenvolvido e foi trabalhado em forma de oficinas. A primeira oficina teve como tema o “A Construção do Corpo” e buscou saber como os/as discentes constroem a imagem do corpo e como essa imagem se aproxima da realidade em que estão inseridos. A segunda oficina teve como foco a discussão acerca dos “Estereótipos Corporais e Identidade”, buscando saber como a influência do meio social em que estão inseridos e dos estereótipos de corpo influenciam na construção da identidade dos/as participantes. A terceira oficina trouxe como tema norteador “A Virtualização do Corpo”, buscando discutir sobre os aspectos inerentes as redes sociais e os apelos aos padrões corporais estereotipados. Por fim, a quarta oficina buscou discutir sobre a “Os Corpos na Educação Física Escolar”, que pretendeu compreender como os/as discentes percebem as aulas de Educação Física e se esse ambiente é inclusivo ou excludente, se reforça os estereótipos de corpo ideal ou se propõe a ser um ambiente de reflexão. As oficinas foram filmadas e gravadas em áudio para posterior análise das discussões realizadas.

A análise dos dados obtidos foi feita por meio da Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (1977, 2016), tendo como ferramenta auxiliar o *software* Nvivo15®, que auxiliou nas análises dos dados qualitativos.

A pesquisa está dividida em 4 capítulos, sendo o Capítulo I – Referencial Teórico, dedicado a apresentar a bibliografia que ajuda a nortear a pesquisa, trazendo os/as autores/as que são importantes para a compreensão da discussão.

O Capítulo II – Percurso Metodológico, contém as informações que são relevantes para a realização da pesquisa. Apresenta caracterização do lócus de pesquisa e do público-alvo, bem como apresenta os procedimentos éticos adotados e explica a forma que os dados foram coletados e analisados.

O Capítulo III – Oficinas Temáticas, apresenta a forma como foram realizadas as oficinas e traz os dados que foram obtidos a partir da participação dos/as discentes. Também faz a reflexão acerca do que foi possível perceber no que os/as discentes produziram, compreendendo a forma como os/as participantes compreendem o que é o corpo e como essa compreensão se relaciona com as aulas de Educação Física.

Por fim, o Capítulo IV – Considerações, faz o apanhado de tudo que foi possível perceber com a realização das oficinas temáticas e apresenta alguns caminhos metodológicos para que a Educação Física, no nível médio de ensino, possa ficar cada vez mais fortalecida e consiga atender as demandas e necessidades que os/as discentes trazem consigo.

CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo tem a finalidade de apresentar os marcos teóricos que irão nortear as discussões sobre os temas das Representações Sociais, do Corpo e sobre os adolescentes, que são o público do ensino médio técnico integrado, foco do estudo. As discussões sobre as Representações Sociais têm por base autores como Moscovici (2001), Jodelet (2001), Guareschi (1996), entre outros, que ajudam a compreender a estrutura das discussões acerca da Representações Sociais.

As discussões sobre o Corpo e a sua relação com a Educação Física, serão norteadas a partir das discussões de Gonçalves (2011), Daólio (1995), Soares (2000), Nóbrega (2010), entre outros, que ajudam a compreender a dinâmica da discussão social sobre o Corpo e a sua relação com a Educação Física no âmbito escolar.

As discussões sobre a Adolescência têm por referência o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990, que defini o que é considerado ser criança e adolescente perante a lei e quais são os direitos que esses grupos passam a ter assegurados. Gattiboni (2015) apresenta a discussão acerca da preocupação que os/as adolescentes têm com relação aos padrões estéticos cobrados socialmente. Andrade, Amaral e Ferreira (2010) apresentam que as meninas adolescentes são mais afetadas com a insatisfação corporal do que os meninos.

A discussão acerca do Ensino Médio se dá a partir de Santos (2012), que faz um resgate histórico sobre o processo de implementação da Educação Profissional no Brasil. Também se pauta na discussão sobre os impactos que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, a partir da definição dos níveis da educação nacional, que passa a reconhecer o Ensino Profissionalizante e, por fim, há a apresentação da Lei nº 11.892 (2008) que cria os Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia e aponta quais são as suas finalidades e objetivos.

1.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das Representações Sociais é uma abordagem psicossocial que visa compreender e explicar como os indivíduos e os grupos constroem e compartilham o conhecimento sobre a realidade social, considerando a dimensão histórico-crítica (OLIVEIRA, 2008). Trata-se da produção dos saberes sociais. Centra-se na análise da construção e transformação do conhecimento social e tenta elucidar como a ação e o pensamento se interliga

na dinâmica social (REIS; BELLINI, 2011, P. 149)

A Representação Social (RS) é sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito) (REIS; BELLINI, 2011, p. 149). A teoria das RS é uma teoria sobre a produção dos saberes social. Saber, aqui se refere a qualquer saber, mas a teoria está especialmente dirigida aos saberes que se produzem no cotidiano, e que pertencem ao mundo vivido (JOVCHELOVITCH, 1998 *apud* REIS; BELLINI, 2011, p. 149).

Para Natt e Carrieri (2014, p. 71) “As representações sociais podem ser compreendidas ao serem observadas como corpo organizado de conhecimentos e devem ser encaradas como uma maneira direcionada para a compreensão e comunicação do que já se conhece em algum outro lugar”. Os autores complementam a ideia destacando que: “Em outras palavras, para que ocorra o processo de criação das representações sociais é preciso que informações sobre algo que já existe sejam disseminadas e, a partir da interação popular com tais informações, as representações serão estabelecidas” (NATT; CARRIERI, 2014, p. 71).

Reis e Bellini (2011) trazem uma reflexão, a partir do pensamento de Moscovici, para ilustrar como a sociedade interfere na forma na forma como os indivíduos percebem o que está ao seu redor. Assim, as autoras destacam que:

Na concepção de Durkheim, o indivíduo sofre pressão das representações dominantes na sociedade. É a sociedade que pensa ou exprime os sentimentos individuais. As representações não são, assim, necessariamente conscientes pelos indivíduos. Assim, de um lado, as representações conservam a marca da realidade social onde nascem, mas também possuem vida independente, reproduzem-se e se misturam, tendo como causas outras representações e não apenas a estrutura social (MOSCOVICI, 2001 *apud* REIS; BELLINI, 2011, p. 150).

O conceito de representação social pode ser definido como um sistema de valores, ideias, crenças e práticas que funcionam como um quadro de referência para que as pessoas possam interpretar e dar sentido às coisas que acontecem no seu contexto sociocultural. As representações sociais são formadas e transformadas através das experiências pessoais, do conhecimento prévio, das informações obtidas por diferentes meios e da interação com os outros. Elas orientam o comportamento, a comunicação e a identidade dos indivíduos e dos grupos.

Pode-se usar o termo ‘senso comum’ para falar das Representações Sociais do cotidiano.

Igualmente ao conhecimento científico, o senso comum envolve conjuntos de abstrações, formalizações e generalizações. Esses conjuntos são construídos, são fatos interpretados no dia a dia. Desse modo, a existência cotidiana é dotada de significados e portadora de estruturas de relevância para os grupos sociais que vivem, pensam e agem em determinado contexto social. Esses significados - que podem ser objeto de estudo dos cientistas sociais – são selecionados por meio de construções mentais, de ‘representações’ do ‘senso comum’ (MINAYO, 1995 *apud* REIS; BELLINI, 2011, p. 150).

Mesquita (2018) traz o destaque que a Teoria das Representações Sociais dá ao que é chamado de senso comum, pois dá uma interpretação ao conhecimento do senso comum, bem como dos universos consensuais. Além disso, ainda demonstra a importância da objetivação no processo de mediação entre o agente social e a sociedade onde está inserido.

Guareschi (1996, p. 16) apresenta os elementos ligados ao conceito de Representação Social:

É um conceito dinâmico e explicativo, tanto da realidade social, como física e cultural, possui uma dimensão histórica e transformadora; junta aspectos culturais, cognitivo e valorativo, isto é, ideológicos; está presente nos meios e nas mentes, isto é, ele se constitui numa realidade presente nos objetos e nos sujeitos; é um conceito relacional, e por isso mesmo social.

Na abordagem de Jodelet (2001, p. 27), há cinco características fundamentais da representação social:

- A representação social é sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito). As características do sujeito e do objeto nela se manifestam;
- A representação social tem com seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações);
- O Sujeito é considerado de um ponto de vista psicológico.
- Forma de saber: a representação será apresentada como uma modelização do objeto diretamente legível em (ou inferida de) diversos suportes linguísticos, comportamentais ou materiais;
- Qualificar esse saber de prático se refere à experiência a partir da qual ele é produzido, aos contextos e condições em que ele o é e, sobretudo, ao fato de que a representação serve para agir sobre o mundo e o outro, o que desemboca em suas funções e eficácias sociais.

Oliveira e Werba (2013), acrescentam que para a análise das Representações Sociais há três níveis de compreensão:

- Nível fenomenológico – as RS são objetos de esses objetos são elementos investigação. realidade da social, são modos de conhecimento, saberes do senso comum que surgem e se legitimam na conversação interpessoal cotidiana. Têm como objetivo compreender e controlar a realidade social;
- Nível teórico – é o conjunto de definições conceituais e metodológicas, construtos, generalizações e proposições referentes às RS;
- Nível metateórico – é o nível das discussões sobre a teoria. Neste expõem-se os debates e as refutações críticas aos postulados e pressupostos da teoria comparando-a com modelos teóricos de outras teorias (OLIVEIRA; WEBA, 2013, p. 145).

Para Reis e Bellini (2011, p. 151):

A Teoria das Representações Sociais trata de operacionalizar o pensamento social em sua dinâmica e sua diversidade. Parte do pressuposto de que existe forma de conhecer e de se comunicar guiada por objetivos diferentes, formas que são móveis. Moscovici define duas delas, ‘a consensual e a científica’, cada uma gerando seu próprio universo.

Partindo desse pressuposto apresentado, Arruda (2002) discute sobre o Universo Consensual e o Universo Reificado (ou científico) que o Moscovici havia trazido em sua discussão. Esses dois conceitos podem ser entendidos da seguinte forma:

A Teoria das Representações Sociais – TRS - operacionalizava um conceito para trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade. Partia da premissa de que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes, formas que são móveis, e define duas delas, presentes nas nossas sociedades: a consensual e a científica, cada uma gerando seu próprio universo. A diferença, no caso, não significa hierarquia nem isolamento entre elas, apenas propósitos diversos. O universo consensual seria aquele que se constitui principalmente na conversação informal, na vida cotidiana, enquanto o universo reificado se cristaliza no espaço científico, com seus cânones de linguagem e sua hierarquia interna. Ambas, portanto, apesar de

terem propósitos diferentes, são eficazes e indispensáveis para a vida humana. As representações sociais constroem-se mais frequentemente na esfera consensual, embora as duas esferas não sejam totalmente estanques (ARRUDA, 2002, p. 129).

Reis e Belline (2011) apresentam as duas funções que as Representações têm, a partir da discussão de Moscovici (2004). As autoras destacam:

Para Moscovici (2004, p. 34), as representações apresentam duas funções:

a) Elas ‘convencionalizam’ os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as põem como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Todos os novos elementos se juntam a esse modelo e se sintetizam nele. Mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser nem compreendido, nem decodificado. Nós pensamos através de uma linguagem; nós organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura;

b) Representações são ‘prescritivas’, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado (REIS; BELLINI, 2011, p. 151).

A partir da discussão acerca das funções das Representações Sociais, Reis e Belline (2011) também apresentam que Abric (2000) afirma que as Representações Sociais têm grande importância na forma como as dinâmicas das relações sociais ocorrem e que as Representações Sociais têm quatro funções que lhes dão uma base de sustentação, sendo elas:

1) Função de saber: as RS permitem compreender e explicar a realidade. Elas permitem que os atores sociais adquiram os saberes práticos do senso comum em um quadro assimilável e compreensível, coerente com seu funcionamento cognitivo e os valores aos quais eles aderem.

2) Função identitária: as RS definem a identidade e permitem a proteção da especificidade dos grupos. As representações têm por função situar os

indivíduos e os grupos no campo social, permitindo a elaboração de uma identidade social e pessoal gratificante, compatível com o sistema de normas e de valores socialmente e historicamente determinados.

3) Função de orientação: as RS guiam os comportamentos e as práticas. A representação é prescritiva de comportamentos ou de práticas obrigatórias. Ela define o que é lícito, tolerável ou inaceitável em um dado contexto social.

4) Função justificadora: por essa função as representações permitem, a posteriori, a justificativa das tomadas de posição e dos comportamentos. As representações têm por função preservar e justificar a diferenciação social, e elas podem estereotipar as relações entre os grupos, contribuir para a discriminação ou para a manutenção da distância social entre eles (ABRIC, 2000, p. 28 *apud* REIS; BELLINI, 2011, p. 152).

Moscovici (2004) discute acerca do que é familiar e o que é não-familiar. Para o autor aquilo que é chamado de familiar se configura como o universo consensual do indivíduo. Nesse universo não há conflitos, pois tudo está de acordo com as crenças daquilo que já foi adquirido ao longo da vida. Por outro lado, aquilo que é chamado de não-familiar é o que vai causar tensões naquilo que já estava estabelecido como consenso. É aquilo que se posiciona como diferente, ou antagônico, do que já estava estabelecido como familiar. Moscovici (2004) também afirma que nas situações de conflito entre aquilo que é familiar e o não-familiar há sempre a possibilidade de ocorrer um processo de assimilação daquilo que é não-familiar e essa assimilação pode acarretar modificações da que era familiar.

Para que esse processo de assimilação do não-familiar seja realizado Moscovici (2004) estabelece que é necessário que ocorram dois processos, o primeiro, chamado de ancoragem, e o segundo, chamado de objetivação.

Para Moscovici (2004) esse processo é:

Um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e comparar com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser acolhedores. É quase como que ancorar um bote perdido em um dos boxes (pontos sinalizadores) de nosso espaço social (MOSCOVICI, 2004, p. 61).

Para o autor, esse é um processo importante, pois a partir do momento que é possível trazer algo, até então estranho, para o nosso universo de consenso e esse algo pode ser

assimilado, há uma transformação na forma de observar e perceber os fenômenos que nos cercam.

Moscovici (2004) define a ancoragem como sendo:

Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificados e que não possuem nome são estranhos, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras. Nós experimentamos uma resistência, um distanciamento, quando não somos capazes de avaliar algo, de descrevê-lo a nós mesmos ou a outras pessoas. O primeiro passo para superar essa resistência, em direção à conciliação de um objeto ou pessoa, acontece quando nós somos capazes de colocar esse objeto ou pessoa em uma determinada categoria, de rotulá-lo com um nome conhecido. [...]. Pela classificação do que é inclassificável, pelo fato de se dá um nome ao que não tinha nome, nós somos capazes de imaginá-lo, de representá-lo (MOSCOVICI, 2004, p. 61).

A ancoragem consiste em integrar um objeto desconhecido ou estranho ao sistema de referência já existente do indivíduo ou do grupo. Esse processo permite classificar o objeto em categorias familiares e atribuir-lhe um nome ou um rótulo. A ancoragem facilita a identificação e a comparação do objeto com outros objetos semelhantes ou opostos. Por exemplo, quando surge um novo conceito científico ou uma nova tecnologia, as pessoas tendem a ancorá-lo em termos de seu conhecimento prévio ou de suas crenças sobre o assunto. Assim, elas podem associar o conceito ou a tecnologia a algo positivo ou negativo, útil ou inútil, fácil ou difícil.

Ao discutir acerca do que é a objetivação, Moscovici (2004) apresenta que:

Objetivação une a ideia de não-familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade. Percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, uma objetivação aparece, então, diante dos nossos olhos, física e acessível. Sob esse aspecto, estamos legítimos ao afirmar, com Lewin, que toda representação se torna real – realiza, no sentido próprio do termo – um nível diferente da realidade (MOSCOVICI, 2004, p. 71).

O autor ainda complementa dizendo que, objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar é já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância (MOSCOVICI, 2004, p. 71).

A objetivação consiste em tornar concreto e palpável um objeto abstrato ou complexo. Esse processo permite simplificar e ilustrar o objeto por meio de imagens, metáforas, exemplos ou símbolos. A objetivação facilita a visualização e a memorização do objeto, bem como sua difusão e aceitação social. Por exemplo, quando se quer explicar um fenômeno físico ou biológico, as pessoas tendem a objetivá-lo por meio de analogias com objetos ou situações do cotidiano. Assim, elas podem representar o fenômeno como uma máquina, um organismo, um jogo,

A partir dessas explicações, podemos perceber que o processo de tornar algo não-familiar em familiar depende da realização do processo de ancoragem, onde o desconhecido é confrontado, trazido para a discussão e o posterior processo de objetivação, onde se busca trazer essa ideia para a realidade concreta.

Ao falarem sobre a aplicação da Teoria das Representações Sociais, Reis e Belline (2011), apresentam a teoria como método de pesquisa. As autoras destacam que:

As Representações Sociais, além da teoria, proporcionam também método de trabalhos e de pesquisas, que podem ser aplicadas em diversas áreas científicas. A TRS nos permite trabalhar a historicidade do espaço, suas formas e seus conteúdos e a objetivação, classificar, recortar e compreender a descontextualização dos discursos e ideologias (REIS; BELLINI, 2011, p. 155).

As autoras, também, apresentam as Representações Sociais como o processo que tem a sua origem na interação entre os indivíduos nos seus cotidianos. A Representação Social surge como uma forma de explicar o processo de formação da imagem do objeto, tornando familiar o que era estranho. Para as autoras:

Representações Sociais é o conjunto de explicações que se originam por meio das comunicações interindividuais da vida cotidiana. Elas se constituem num trabalho mental do sujeito que tem como resultado a formação de uma imagem do objeto. É um ato do pensamento que traz para perto o que estava longe, que torna familiar o que era estranho. Os trabalhos baseados na teoria das RS buscam compreender os fenômenos sociais e a maneira como estes são captados, interpretados, visualizados e expressos no cotidiano pelos indivíduos ou grupos sociais (REIS; BELLINI, 2011, p. 157).

Ao abordar sobre a neutralidade, Mesquita (2018), aponta que não há neutralidade, uma vez que a realidade é expressada de acordo com a percepção de cada indivíduo trazendo os seus julgamentos e valores, para a autora:

A neutralidade não é exercida, visto que a representação da realidade é expressa de acordo com a elaboração dos signos linguísticos absorvidos e compreendidos por cada indivíduo, exprimindo julgamentos de valor sobre vestimentas, linguagem e comportamentos utilizados pelo outro que servirão para ratificar ou retificar o julgamento disposto pelos sujeitos (MESQUITA, 2018, p. 52).

A autora demonstra a dinâmica e a multiplicidade da sociedade, além disso apresenta a importância do aspecto da sociabilização dos indivíduos na construção da representação individual. Há uma relação entre o que é criado e compartilhado nos grupos sociais com aquilo que os sujeitos trazem em suas representações.

O fato da sociedade ser dinâmica e múltipla, com capacidade de se ressignificar simultaneamente em vários aspectos, congrega nuances e significados de outras culturas, mediante a subjetivação coletiva acerca do modo de compreender o mundo, corroborando para o compartilhamento das representações sociais elaboradas pelo grupo. Assim, as representações que os indivíduos possuem de mundo estão atreladas aos conhecimentos, costumes, valores em que foram socializados, ou seja, os sujeitos elaboram sua representação sobre o real a partir de suas concepções adquiridas em suas vivências (MESQUITA, 2018, p. 53).

Pesquisar acerca da compreensão de como ocorrem as significações sociais é importante para que se possa compreender a forma como os indivíduos formulam a percepção de si próprios, uma vez que a forma como o sujeito se vê e se percebe está relacionada ao contexto social onde está inserido (GOLDENBERG, 2011).

Ao falar sobre a natureza simbólica da vida social, Goldenberg (2011), a partir da interpretação de Herbert Mead, trazendo que interações que os indivíduos experimentam produzem as significações sociais.

Acerca da contribuição da Teoria das Representações Sociais para a pesquisa e

investigação em Ciências Sociais, Natt e Carrieri (2014) fazem uma discussão, a partir de Abric (2000). Para os autores a TRS possibilita uma interpretação e compreensão de realidades particulares em determinados meios sociais.

Os autores apresentam que quando os sujeitos são expostos a uma mesma realidade, compartilhamento de visões coletivas e internalizadas de forma particular, considera-se uma forma de representação. Essa representação é uma forma individual de interpretação da realidade social compartilhada. As autoras também argumentam sobre as contradições apresentadas por Abric (2000) que permeiam as representações sociais, uma vez que os indivíduos (emissores das informações) têm a sua individualidade, que acaba acarretando diferentes formas de perceber e transmitir o mesmo tema. Isso ocorre porque cada sujeito “deixa a sua marca” antes de “repassar” a informação. O que fica de comum é o que vai imprimir uma representação social. Para as autoras, a partir da ideia de Moscovici (1978), as representações sociais remodelam ou reproduzem a realidade exterior e a partir desse processo se difunde, solidariamente, as marcas do contexto e dos valores e as noções de regras. Os autores destacam como esse processo ocorre:

Em primeiro lugar a institucionalização das representações sociais perpassa uma proposta de integração tanto de aspectos teóricos e consensuais, quanto do universo reificado. No primeiro caso, observa-se a sociedade como uma criação visível, contínua, perpassada por sentido e finalidade, onde o ser humano é a medida fundamental para todas as coisas. Quanto ao universo reificado, o que ocorre é a transformação da sociedade em um sistema de identidades sólidas, fundamentais e invariáveis, mas que não são passíveis de distinguir a individualidade, e acabam por ignorar as particularidades inscritas na própria criação (NATT; CARRIERI, 2014, p.71).

Para os autores as crenças que impactam os indivíduos se dão na diferença entre o universo consensual e o universo reificado. Esse impacto é social e emocional existindo do conflito existente entre os dois universos. Assim sendo, a teoria das representações sociais “auxilia na compreensão da transformação de conceitos difundidos no universo reificado – para nós entendido como o universo da ciência – e na sua transmutação para o universo consensual – espaço extra-acadêmico, do senso comum” (NATT; CARRIERI, 2014, p. 72).

Os autores destacam que a teoria das representações sociais:

Trata-se de construções sócio-históricas que resultam dos processos de

socialização, envolvendo as tensões entre os sujeitos e o mundo socialmente constituído. É no espaço público que se viabiliza, ou não, a alteridade e a perenidade da história. É onde as tradições ou transformações ocorrerão e se manifestarão, seja a partir de artefatos ou de narrativas (NATT; CARRIERI, 2014, p. 73).

Ao abordar sobre a discussão acerca dos processos de ancoragem e objetivação Natt e Carrieri (2014) trazem que esses são processos que recriam os objetos e sentidos, levando o sujeito a se identificar com aquilo. Para os autores há um erro ao acreditar que na objetividade das coisas, como se elas fossem, exatamente, da forma como são percebidas. A partir desse fenômeno a realidade é percebida por cada um de forma única. É argumentado que a partir do processo de organização do mundo real os sujeitos, também, se organizam e se constroem, pois há uma assimilação da realidade e, a partir disso, o sujeito se torna, ou não, importante no meio que está exposto. Os autores ainda trazem a reflexão de Moscovici (1978), de negar a dicotomia entre o sujeito e o objeto, uma vez que o universo socialmente objetivado só existe a partir do sujeito.

A Teoria das Representações Sociais é uma abordagem teórica que oferece uma perspectiva original e crítica sobre o conhecimento social. Ela reconhece que as pessoas não são meros receptores passivos de informações impostas pela ciência ou pela mídia, mas são agentes ativos que constroem e compartilham suas próprias formas de compreender e interagir com o mundo social.

1.2 CORPO

O Corpo é objeto de estudo de várias áreas diferentes, destacando-se as áreas das ciências biológicas e da medicina. Com o passar dos anos as ciências sociais também passaram a estudar o Corpo e a contribuir enormemente para o entendimento mais amplo do indivíduo.

Gonçalves (2011, p. 5), destaca que:

Enquanto objeto de estudo de vários campos disciplinares, como a Biologia, a Medicina, a Fisioterapia e a Educação Física, o corpo assumiu uma conotação de organismo vivo. Entendido como uma célula autônoma ou por várias células que funcionam de modo integrado, sugerindo-se com isso a harmonia entre órgãos no desempenho de suas funções. Essa é uma definição advinda

do funcionalismo de Durkheim, que vê o corpo de forma biológica, tendo como consequência o seu aprisionamento na organicidade, sendo, portanto, apenas um fator individualizador, segundo a função social assumida por seu “dono”. O corpo constituiria, nessa perspectiva, um “fato social” que pode ser concebido como uma “coisa” viva ou, simplesmente, uma “coisa”.

O Funcionalismo de Durkheim, como descrito por Gonçalves (2011), ou o Estruturalismo, como traz Silva, Zobolli e Correia (2016, p. 3), “a partir da psicologia de Wundt, nos Estados Unidos, e da Linguística, de Saussure, na Europa”, o Corpo é enxergado através de signos que buscam classificar pelas diferenças existentes entre os indivíduos, mesmo entre aqueles que são pertencentes ao mesmo grupo. O Estruturalismo passa a tentar desvendar os enigmas a partir de indícios, falsas semelhanças ou símbolos. “Todo signo é signo na medida em que representa algo que não ele mesmo, mas algo diferente dele; algo diferente nele mesmo, uma metonímia, por exemplo” (SILVA; ZOBOLLI; CORREIA, 2016, p. 3). O Corpo, por inúmeras vezes e dependendo da perspectiva de corpo, passa a ser definido pelos signos contidos nas genitálias.

Como objeto de estudo da Educação Física, ao longo do tempo foram dados muitos sentidos e significados ao estudo do Corpo. A Educação Física já teve o momento histórico de considerar o Corpo apenas em seu conceito biológico, sendo utilizado os conhecimentos das áreas médicas na intervenção com a sociedade. Posteriormente esse Corpo passou a ser visto dentro da dimensão política e a Educação Física teve um papel importante na moldagem dos Corpos de acordo com o interesse das camadas governantes.

Assim, como afirma Martins (2003, p. 10), “neste sentido, a Educação Física cumpre o papel de ditar ao corpo uma sujeição controlada, uma disciplina, para que possa desenvolver e aperfeiçoar o corpo enquanto conjunto mecânico”. É retirado dos Corpos a autonomia dos movimentos livres e prazerosos e lhes são impostos movimentos que adestram o corpo para uma utilidade produtiva, até mesmo os momentos de lazer são pensados e construídos de forma a buscar uma produtividade e não como um momento apenas de prazer e descanso.

Hoje, a Educação Física estuda o Corpo dentro dos seus aspectos histórico-social-cultural (SANTIN, 1987; BRACHT, 2007), possibilitando diálogos também com as questões biológicas. Os indivíduos não são mais percebidos como simples sistemas biológicos ou como moldáveis aos interesses dominantes. Entende-se os indivíduos como seres dotados de uma história, sendo considerado todo o processo de crescimento e desenvolvimento que os sujeitos

passaram ao longo da vida. Inseridos em um meio social, esses sujeitos discutem as construções das relações que são estabelecidas pelos meios sociais onde estão inseridos, sejam eles familiar, religioso ou, até mesmo, escolar e influenciados (e influenciadores) dos aspectos culturais que os cercam, uma vez que dotados dos saberes que discutem sobre as influências sociais sobre o indivíduo é possível refletir e contestar/transformar esses padrões. Hoje o Corpo é visto e estudado em sua dimensão mais ampla.

Para Santos (2011, p. 409):

O corpo não se resume somente na sua esfera orgânica. Ele é uma recriação do ambiente físico, cultural e social em cada período histórico. E hoje, mais do que nunca, essa recriação parece acelerar-se no tempo e generalizar-se pelo espaço geográfico.

Sobre a dinâmica de compreensão do corpo, Silva (2001), discute que não se tem mais apenas um Corpo, como ideia e padrão a ser seguido, mas existem vários Corpos, dependendo da cultura e sociedade onde esteja inserido. A diversidade cultural e social proporciona que os sujeitos possam compreender e experienciar o Corpo de formas diferentes, cada um com a sua subjetividade e individualidade. Essa individualidade passa a ser um componente importante para o estudo do Corpo na Educação Física, pois cada sociedade e cultura tende a ter manifestações próprias e cada indivíduo assimila essas manifestações e as expressam em seu corpo de forma diferente.

Para refletir acerca do Corpo no meio social, e por consequência, na Educação Física, Soares (2000) discute a reflexão que o Corpo é objeto de estudo e, também, um objeto de intervenção, uma vez que ele seja dominado pode ser medido e construído socialmente. Dessa forma, essa construção pode ocorrer para atender aos padrões que as camadas dominantes impõem ou podem ser construídos como resistência, buscando romper com os padrões e estereótipos.

Partindo dessa reflexão, pode-se perceber que o Corpo está sujeito às modificações que surgem devido às transformações sociais e culturais que se vivencia. À medida que se avança em algum conhecimento, ou que se muda algum paradigma social, o Corpo sofre algum tipo de interferência e ocupa o centro dos debates.

Daolio (1995, p. 24) apresenta o seguinte ponto para reflexão:

Na área da educação física fala-se muito, atualmente, sobre o corpo. Juntamente com esse substantivo, imprime-se uma série de adjetivos. Podemos aqui citar alguns: esbelto, saudável, bonito, sensual, livre, flácido, feio, reprimido, firme, mole, natural, holístico, moderno, consciente, inteiro, repugnante, prazeroso, gordo, magro, etc. Os profissionais da educação física trabalham com o ser humano sobre e através do seu corpo e lidam, por extensão, com os adjetivos impressos no corpo. Por isso, torna-se importante a reflexão sobre o tema.

Partindo do que foi exposto acima, percebe-se a importância de que a formação dos Professores de Educação Física ocorra de forma a proporcionar reflexões e ações sobre a forma de perceber o Corpo no meio social. A influência do meio social impondo algo como o padrão a ser seguido por ser entendido como o belo, o adequado ou, até mesmo, o aceitável é uma constante nos dias de hoje. Essa cobrança social requer uma grande atenção dos professores e acadêmicos de Educação Física, para que busquem conhecer e refletir sobre essas influências social nos Corpos.

Martineli e Mileski (2012, p. 1-2) refletem sobre o que contribuiu para a mudança de paradigma na Educação Física. Segundo os autores:

A partir da década de 1980, com a abertura política e a inserção de professores de educação física em programas de pós-graduação em nível *Stricto Sensu*, a educação física e seus conteúdos de modelo técnico esportivo, e militarista, passam por um processo de reflexão e crítica fundamentado nas ciências sociais.

Como pode ser visto, a abertura de mais possibilidades de pesquisas e a inserção dos Professores de Educação Física em programas que estudam as Ciências Sociais possibilitou que a visão dada ao Corpo passasse por mudanças, saindo dos aspectos puramente biológicos, sejam voltados para a saúde ou para a prática esportiva, para a discussão social, buscando ampliar as linhas de conhecimento e entendimento acerca do Corpo. Esse dado é uma amostra importante para que se continue investindo em pesquisas e que os estudos não se reservem ao nível da pós-graduação, podendo ser iniciados na graduação.

Nóbrega (2010, p. 12), destaca que:

A construção cultural do corpo está profundamente enraizada na natureza política da sociedade e de suas relações de poder. Diferentes tecnologias

políticas de controle do corpo, entre elas os dispositivos sexuais, a higiene e os exercícios escolares contribuíram, ao mesmo tempo, para uma objetivação do corpo e para a criação de espaços de transgressão.

Essa objetivação torna o corpo alienado de sua real natureza subjetiva, individual e única dos indivíduos, deixando de lado as suas características para se moldar ao que lhe é imposto, assim, o corpo se projeta em objetos sociais e constrói a sua realidade externa, nem sempre condizente com a sua subjetividade.

A reflexão sobre os aspectos políticos que são dados ao Corpo e a influência dos meios sociais na sua modulação devem ser objetos de estudo e intervenção, proporcionando um aprofundamento e um olhar crítico acerca dos processos de construção das identidades e manifestações corporais, principalmente no ambiente escolar, que ainda se mostra um local com menos acesso às discussões e se torna um local de reprodução dos estereótipos.

Para Daolio (1995, p. 25):

O corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte. O homem, através do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração (a palavra é significativa). Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões.

O meio onde se está inserido afeta a percepção que se tem acerca do Corpo, sendo um elemento constitutivo da identidade individual. Essa identidade se forma por meio da assimilação do que é exposto, para reproduzir ou contestar. A adoção dos valores que a sociedade coloca como adequados ou das normas sociais colocadas como desejáveis são incorporadas pelos/as indivíduos a partir das suas vivências, por meio daquilo que se entende por cultura.

O meio social exerce forte influência no entendimento sobre o que é o Corpo e como é permitido que esses conceitos se manifestem por meio das expressões corporais. Passa-se a perceber que é existente a ideia de um Corpo individual, que diz respeito ao entendimento que cada indivíduo tem de si e como lida com o mundo ao seu redor, bem como pode-se notar que existe a ideia de um Corpo Social, que se faz presente na busca pela intervenção do meio social na ideia de Corpo. Assim, o Corpo Social incorpora a ideia do padrão a ser seguido como o

correto, desejado, podendo sufocar o Corpo individual.

Fernandes e Barbosa (2016) trazem a discussão sobre o Corpo e o Corpo Social para abordar sobre o processo de incorporação dos dispositivos sociais que são infligidos ao Corpo.

Do corpo ao corpo social, do corpo social ao corpo: estamos perante uma circularidade que exemplifica os processos de incorporação. “A incorporação surge como conceito chave nesta tradição analítica (da sociologia do corpo) dando conta do processo corporal de “interiorização não-verbal, inconsciente, mimética, automática, de certas disposições de desigualdade e de poder” (ALMEIDA, 1996 apud FERNANDES; BARBOSA, 2016, p. 74).

Como pode ser percebido há um ciclo de influências entre o Corpo e o Corpo Social, no qual um influencia o outro nos processos de desenvolvimento da imagem corporal. Essa interiorização dos conceitos e, por consequência, estabelecimento do que deve ou não ser seguido, muitas vezes ocorre de forma silenciosa e sutil, para que não seja possível perceber a real intenção por traz das ações, fazendo com que as mudanças não sejam percebidas e, assim, contestadas. Essa incorporação ocorre gradativamente sem perceber que a influência é aplicada ao longo dos tempos e os conceitos são fixados de forma gradual, criando a ideia da naturalidade e normalização.

Acerca dessa incorporação dos valores e normas impostos ao Corpo, Gonçalves (2011, p. 7) traz que:

A padronização dos gestos e movimentos instaurou-se nas manifestações corporais. As novas tecnologias de produção em massa desencadearam um processo de homogeneização de gestos e hábitos que se estenderam a outras esferas sociais, entre elas na educação do corpo, que passou a identificar-se não só com as técnicas, mas também com os interesses da produção.

Dessa forma, é possível perceber que o Corpo traz em si os reflexos da sociedade e das construções culturais que o rodeiam. É importante que os indivíduos busquem conhecer quais são os aspectos sociais dominantes e qual a representatividade cultural que é exposta (e imposta) para que ele possa refletir sobre a afetação do Corpo na construção dos valores e normas que são cobrados.

Hoje se vive um dualismo moderno em relação ao Corpo. Superando-se o antigo que

separava o Corpo e a alma, hoje, separa-se o homem do seu próprio Corpo, transformando-o em objeto a ser moldado e modificado conforme o momento. A esse respeito, Gonçalves (2011, p. 7-8) aborda que:

Desse modo, equivale-se ao homem no sentido em que se modificando as aparências o próprio homem é modificado, em razão das exigências nos diversos setores da vida (escola, trabalho, religião, esporte, etc.). Essa insuficiência em relação ao corpo é o que pode estar levando o ser humano a buscar estratégias para modificá-lo constantemente.

O Corpo sendo colocado como objeto, objetificação, acarreta uma consequente desumanização, facilitando o processo de se enquadrar em molde de acordo com os interesses vigentes em cada época, pois sendo uma ‘coisa’ pode ser modificado, transformado e ressignificado sem que seja necessário pensar nos impactos que são causados. A influência da cultura no entendimento que se tem acerca do Corpo e de como ele deve ser exposto e quais as manifestações corporais podem e devem ser expressas pode ser percebida em Daolio (1995, p. 26), que diz:

Fica evidente, portanto, que o conjunto de posturas e movimentos corporais representam valores e princípios culturais. Consequentemente, atuar no corpo implica em atuar sobre a sociedade na qual este corpo está inserido. Todas as práticas institucionais que envolvem o corpo humano - e a Educação Física faz parte delas - sejam elas educativas, recreativas, reabilitadoras ou expressivas, devem ser pensadas neste contexto, a fim de que não se conceba sua realização de forma reducionista, mas se considere o homem como sujeito da vida social.

Para que seja possível compreender o homem como sujeito integrante da vida social e assim perceber que ele sofre influência do meio da mesma forma que pode ser um agente influenciador é necessário que se busque estudar e discutir sobre os aspectos sociais nos ciclos de formação do indivíduo, desde a escola até o ensino superior, ampliando a capacidade de se enxergar como sujeito ativo socialmente.

Corroborando com o exposto acima, traz-se a ideia de Gonçalves (2011, p. 9): “O que define corpo hoje é o seu significado, o fato de ele ser produto da cultura, ser construído

diferentemente por cada sociedade, e não as suas semelhanças biológicas universais”. Encontra-se uma visão similar no pensamento de Goellner (2018, p. 31), afirmando que: “não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribui”. Assim, os indivíduos trazem em seus corpos características das suas vivências e reflexos dos contextos sociais, culturais e familiares que o cercam. Essas diferentes vivências e formas de lidar com o Corpo assumem um papel mais central nas diferenciações dos indivíduos, tendo aqueles que estão mais próximo e os que estão mais distantes dos padrões sociais que são colocados.

O Corpo analisado apenas em sua dimensão biológico carregam os traços da influência dos conhecimentos da medicina e de outras áreas ligadas à saúde. Dentro da Educação Física, a Fase Higienista representa muito bem essa influência e, ainda hoje, contribui para o entendimento da Educação Física como promotora da Saúde e bem-estar. Foucault (1998), discute sobre a influência da Medicina Social na modulação dos comportamentos sociais que se espera dos indivíduos e aborda sobre a patologização dos Corpos e necessidade de eliminar os vícios que estavam enraizados nas classes menos afortunadas. Ele traz a discussão sobre a influência do poder sobre os Corpos e sua discussão sobre a microfísica do poder.

Para além de compreender o Corpo apenas em seu aspecto biológico, é necessário compreender, também, que há uma forte influência do meio social e a incorporação dos valores culturais de onde está inserido. Essa influência cultural faz com que seja importante conhecer como essa cultura é organizada e apresentada em seu meio social. Esse Corpo Cultural agrupa as respostas que trazem o entendimento dos aspectos culturais quem afetam o entendimento sobre o que é o corpo e como essa afetação ocorre. Como já foi abordado por Daolio (1995), é um processo de “inCORPOração” dos aspectos da cultura nos Corpos dos indivíduos.

O aspeto cultural e as influências do meio social são importantes ferramentas que as pessoas possam desenvolver o seu senso de identidade. O Corpo Identidade traz a reflexão da expressão do ser e da forma de sentir. Aborda a capacidade de mudar a identidade de acordo com o tempo e a sociedade em que está inserido (SILVA, 2005; HALL, 2006)

Uma outra forma possível de compreender como o aspecto social e cultural afeta a percepção do que é Corpo está presente na forma como alguns/as estudiosos/as trazem uma discussão a partir de uma ótica de Corpo Sociofilosófico, que engloba as respostas que relacionam o Corpo com as questões clássicas do Corpo e Alma e traz a reflexão acerca do entendimento do que é o corpo e como compreendê-lo no meio social. O Corpo é abordado dentro dos aspectos da Fenomenologia (MERLEAU-PONTY, 2000 apud NÓBREGA, 2010),

e dos aspectos da Sociologia (LE BRETON, 2007).

Para Le Breton (2007), é no Corpo que nascem e se propagam as significações do ser. É por meio do Corpo que os indivíduos se relacionam com o mundo. Através do Corpo é que se torna possível a própria vida e por onde se compartilham os simbolismos com os membros da sua comunidade.

Como pode ser visto, a compreensão do Corpo parte de uma análise muito mais ampla do que considerar apenas os aspectos biológicos para padronizar os indivíduos. É necessário refletir sobre os aspectos sociais e culturais que tornam os indivíduos diferentes, únicos em sua existência. Nesse sentido, destaca-se o pensamento de Daolio (1995, p. 27):

A intenção destas reflexões foi somente a de alertar que os profissionais de educação física, por trabalharem com o homem através do seu corpo, estão trabalhando com a cultura impressa nesse corpo e expressa por ele. Portanto, mexer no corpo é mexer na sociedade da qual esse corpo faz parte. O profissional pode fazer isso de forma explícita, atento para as consequências do seu trabalho, ou de forma implícita e inconsequente. Parece-nos evidente tentarmos estar atentos e conscientes em relação ao papel do corpo na cultura.

É importante termos consciência acerca do papel da Educação Física em trabalhar com o Corpo e a necessidade de saber quais são os fatores sociais que moldam o entendimento que se tem sobre o momento social, político e cultural no qual se inserem para que o trabalho da Educação Física seja significativo e que as suas práticas sejam dotadas de consciência e não uma prática alienadora com um fim em si mesma.

Resende (2011), em seu estudo com estudantes, professores e gestores de escolas públicas de Goiânia-GO, “o corpo nada mais é do que puro discurso, elaborado, produzido e reproduzido socialmente e se mantém pelas leis e normas vigentes em cada cultura” (p. 69-70). Complementando a ideia apresentada, Souza (2015) discute a necessidade de compreender a escola como um ambiente que também produz um ordenamento social, sendo um elemento ativo nas construções sociais, não sendo apenas um reprodutor do que ocorre no meio social que a rodeia. Para o autor:

A escola não apenas reproduz; antes, ela é instância PRODUTORA. Produz, cotidianamente, o ordenamento social. Nada de passividade social, ela é uma instituição ativa. Suas funções de disciplinamento e de controle produzem as

formas heteronormatizadoras – o bullying, o chiste, as regras de conduta, as normas de vestimenta, as maneiras de se falar, a separação dos corpos masculinos e femininos, e outros infíndos dispositivos de assujeitamento, geram uma série de reações trágicas nos corpos dos sujeitos: suicídio, homicídio, transtornos, traumas, negação do corpo, autopunição dos prazeres, ajuste dos desejos, surtos, “pirações de todo tipo”, autoflagelação (SOUZA, 2015, p. 12).

Nesse sentido, a Escola se configura como um local de criação/manutenção das regras vigentes socialmente e as suas práticas estimulam a reprodução do meio social que a cerca. A Educação Física acaba por reproduzir os padrões corporais, mesmo que de forma inconsciente, e reforça os estereótipos de padrões de Corpo e Gênero.

Resende (2011, p. 73) contribui com a reflexão de que “o corpo representa o *locus* de demarcação”. Essa demarcação é marcada pelas influências sociais e culturais as quais estamos expostos e contribuem para a determinação que passamos a assimilar como certo ou errado para homens e mulheres. Além disso, o autor apresenta que “o corpo, nessa perspectiva, está colocado como campo político, onde se inscrevem discursos e se constroem personalidades e identidades” (p. 78). O viés político dado ao corpo se apresenta na imposição por parte das classes dominantes dos padrões que são estabelecidos para serem seguidos, bem como pode ser político quando se opõem ao padrão que é determinado.

Dias (2015) apresenta em seu trabalho a discussão acerca da temporalidade e dos significados que são atribuídos ao corpo em cada sociedade, pois, para o autor:

A representatividade do corpo se expressa nas relações pautadas nos tempos e espaços onde ele se situa e circula e, também, a partir da produção e da reprodução de significados atribuídos a ele. Assim, ao falar de nossos corpos, temos também que falar sobre nossas identidades ou de nossos processos de identificação cujos desdobramentos influenciarão os sentidos e significados que atribuímos ao corpo, passando uma produção cultural (p. 81).

A percepção do que está posto socialmente como o correto a ser seguido e os sentidos/significados que as determinações desses padrões ganham individualmente são as marcas que cada um trará na construção da sua identidade e nas representações que trará para si, como forma de expressão.

O pensamento plural, acerca do entendimento sobre o que é o Corpo, mostra que há uma vasta possibilidade de se pensar sobre o tema e que, ainda hoje, não é possível chegar a uma definição única que contemple todo o universo contido no Corpo.

Como afirmou Resende (2011, p. 80), “os discursos impostos constantemente ao corpo estruturam comportamentos, subjetividades, modos de ser homem e mulher”. A imposição social acaba promovendo uma internalização do que é repassado para ser seguido como o correto e essa internalização, muitas vezes, ocorre de forma sutil, fazendo com que os indivíduos não consigam perceber a influência externa na sua forma de pensar e agir.

A não reflexão acerca dos valores culturais e sociais podem levar à repetição de padrões que são considerados aceitáveis socialmente e levar a uma discriminação ou marginalização dos Corpos que não se enquadram no que é tido como socialmente belo. É importante que as discussões sobre o Corpo abordem essas dimensões para que os/as discentes possam ter uma visão mais ampla e que possibilite romper com as ideias estabelecidas sobre os padrões a serem seguidos.

1.3 ADOLESCÊNCIA E ENSINO MÉDIO

O presente tópico surge com a necessidade de apresentar pontos que são importantes para a compreensão da discussão proposta. Aqui serão abordadas algumas discussões acerca dos/as adolescentes e a suas relações com os seus corpos, buscando pavimentar o caminho para a melhor compreensão do objeto de estudo. Também será realizada uma discussão acerca do ensino médio integrado, modalidade de ensino na qual os/as discentes que participarão da pesquisa estão inseridos.

1.3.1 Adolescência

A adolescência é a fase da vida caracterizada por ser a transição da infância para a vida adulta. A etimologia da palavra, como aponta Pereira (2005), é do latim, formada pela junção de “ad”, que significa “para” e “olescere”, que significa “crescer”. Assim, entende-se que é uma fase “para crescer”, não apenas fisicamente, mas mentalmente também, como destaca Ouiteral (2008):

Temos assim nessa dupla origem etimológica, um elemento para pensar esta etapa da vida: aptidão para crescer (não apenas físico, mas também psíquico) e para adoecer (em termos de sofrimento emocional), com as

transformações biológicas e mentais que operam nessa faixa da vida (OUTEIRAL, 2008, p. 4).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define que o período total da fase da adolescência se estende dos 10 aos 19 anos, dividindo-se em duas fases, sendo dos 10 aos 14 anos a pré-adolescência, dos 15 aos 19 anos a adolescência. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, considera a adolescência a faixa de idade dos 12 anos aos 18 anos.

A adolescência se caracteriza por ser uma fase de grandes transformações de ordem biológicas, psíquicas, afetivas e sociais na vida dos indivíduos. Esse período também se caracteriza por ser um momento em que se busca uma aceitação nos grupos sociais, como uma forma de moldar a sua identidade e de ser bem-quisto. É uma fase de grande preocupação com a aparência física e de muita suscetibilidade aos padrões estéticos cobrados socialmente e muito difundidos nas redes sociais (GATTIBONI, 2015).

Para Oliveira (2006), a adolescência se caracteriza por uma “[...] ampla pauta de reconstruções identitárias ditadas, num nível, pelo novo corpo e a nova auto-imagem que ele impõe, mas principalmente pelas mudanças de posicionamento subjetivo no jogo das relações sociais” (p. 432).

Andrade, Amaral e Ferreira (2010), apontam que a afetação da insatisfação corporal atinge de forma diferente as meninas em relação aos meninos, mostrando que os meninos são menos insatisfeitos com seus corpos por sofrerem menos pressão social sobre eus corpos.

É uma fase caracteriza pela formação da identidade e essa formação é realizada por meio de relações de fatores, como trazem Ferreira, Farias e Silves (2010):

A formação da identidade recebe a influência de fatores intrapessoais (as capacidades inatas do indivíduo e as características adquiridas da personalidade), de fatores interpessoais (identificação com outras pessoas) e de fatores culturais (valores sociais a que uma pessoa está exposta, tanto globais quanto comunitários) (2010, p. 07).

Os/as adolescentes estão expostos aos padrões de beleza que a mídia veicula como sendo a referência de beleza a ser seguida. Essa busca a um padrão de beleza que é, em muitos casos, inalcançável, acarreta uma série de problemas físicos, psíquicos e sociais (ANDRADE; BOSI, 2003). As dietas restritivas, o excesso de exercícios e as intervenções plásticas estéticas são algumas das ferramentas que os/as jovens adotam na busca pelo que é posto como corpo ideal.

Para Coslin (2009), a adolescência é um momento de desenvolvimento em vários sentidos. Entretanto, ele salienta que a transformação física é o elemento que se destaca primordialmente nesse período, com ênfase na puberdade, como marco da fase na cultura ocidental. Tendo essa idealização, e as suas consequências para os/as adolescentes, podemos entender como os contextos sociais influenciam a percepção dos/as jovens e como essa influência os/as afetam. Nesse sentido, encontramos que:

Atrelados a esse contexto, a idealização e/ou internalização de um corpo perfeito vem sendo incorporada nas sociedades atuais, sendo a beleza apontada como sinônimo de corpo bonito, magro e musculoso. Portanto, o conhecimento da dinâmica da adolescência em relação ao seu corpo, as influências externas e as características associadas são fundamentais para o reconhecimento precoce e a adoção de medidas preventivas de distúrbios da imagem corporal (FELDEN *et al.*, 2015, p. 3333).

Essas diferenças de afetações e formas de interpretar o que tido como desejável acaba se refletindo nas construções das relações sociais nos ambientes escolares. É comum encontrar em ambientes escolares grupos de alunos que se juntam e formam seus grupos com suas próprias regras (explícitas ou não), com seus linguajares próprios, vestimentas características e comportamentos parecidos. Essa manifestação pode ser reflexo do desejo de se sentir pertencente a algum grupo e estar inserido socialmente. Parte daí a necessidade de descoberta do Corpo-Sujeito. “A expressão corpos-sujeitos compreende os sujeitos no entrelaçamento da complexidade do sentir, do pensar, do expressar-se, do agir, construindo assim uma unidade corpórea que singulariza a presença do homem no mundo” (SCHWENGBER, 2014, p. 159).

Schwengber (2014) apresenta a ideia de Merleau-Ponty, onde afirma que a vida acontece pelo fato de o homem existir como “um ser corporal no mundo” (p. 159) e ainda que por intermédio do meu corpo que “tenho consciência do mundo” (p. 159). A necessidade de expressar tudo o que sente, pensa e encontrar justificativas para a sua forma de agir, é natural e pertence a cada um. Através dessas manifestações é que se pode conseguir construir uma consciência pessoal e do mundo.

Andrade, Amaral e Ferreira (2010, p. 25) destacam que:

Na adolescência, esta busca por um ideal de corpo se torna cada vez mais evidente. Qualquer causa que distinga o jovem do seu grupo de amigos é algo perturbador. Se esta diferença é percebida em seu corpo o sofrimento

pode tornar-se ainda maior, pois os corpos que se diferenciam do padrão ideal estabelecido pela sociedade serão corpos marginalizados.

A adolescência tem a característica de trazer consigo a busca pelo “eu” que cada um/a busca. É uma fase em que há uma rejeição da infância e há uma busca pelo status de adulto, como destaca Dias (2013):

Contudo, torna-se importante destacar que a busca do “eu” para o adolescente acontece em uma via de mão dupla, quando o adolescente rejeita a infância e busca o status de adulto, em um contexto que tem como cenário a alteração do próprio corpo, a maturação no nível do intelecto e a necessidade de ajustamento às relações sociais. Eles buscam a identificação do “eu” pela estruturação das suas existências baseadas nas identidades. Identidade que, sobretudo nessa fase está atrelada à alteridade, principalmente em relação aos seus pares (p. 52).

É importante entender como o adolescente busca ser esse sujeito corporal no mundo, e como ele se reconhece e expressa a sua corporeidade. Tal corporeidade pode ser entendida através do pensamento de Santin (2014), como sendo o que constitui um corpo tal e qual é, e cada corpo é uno, individual e inalienável.

1.3.2 Ensino Médio Técnico-integrado

Santos (2012) traz um resgate acerca do processo de implementação da Educação Profissional com o Ensino Médio. Segundo o autor, os primeiros passos dados nessa direção de integração ocorreram no contexto da Era Vargas, 1930 a 1945, com a fundação do Ministério da Educação e Saúde, acarretando na centralização das políticas públicas educacionais.

Para destacar o impacto da política do Estado Novo na educação nacional, Santos (2012) realiza o apontamento da Constituição Federal de 1937, em especial o artigo 129, que aborda a oferta do ensino “pré-vocacional e profissional destinados às classes menos favorecidas” (BRASIL, 1937 apud SANTOS, 2012, p. 59). É ressaltado que essa disposição constitucional acentuava a dualidade escolar no Brasil, de um lado a elite cursava o ensino secundário se preparando para o ensino superior e do outro lado as classes populares ficavam fadadas ao ensino profissional.

Santos (2012) pontua que a lei 5.692/71, do Regime Militar, reformava a educação de 1º e 2º grau, tornando obrigatória a integração do ensino profissional e segundo grau. O autor

destaca que a referida lei ao invés de melhorar a qualidade da educação, como proposto, acabou acentuando as diferenças, uma vez que as escolas privadas ofereciam o ensino voltado para o vestibular e ofertavam poucas disciplinas técnicas, apenas o mínimo necessário, as escolas públicas não tinham recursos e estruturas para a oferta das duas modalidades, precarizando o ensino. As escolas técnicas que já existiam antes da lei acabaram tendo a sua qualidade diminuída. A profissionalização compulsória foi revogada em 1982, pela lei 7.044/82, em virtude dos seus maus resultados.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) lei 9.394/96, definiu a educação escolar em dois níveis, educação básica, compostas pelas etapas da educação infantil, fundamental e médio, e o ensino superior, compreendendo os cursos de graduação, as licenciaturas, tecnológicos e pós-graduação. A educação profissional não está inserida em nenhum nível específico, sendo apresentada como uma modalidade de ensino, podendo se associar tanto a educação básica quanto a superior. Dentro do contexto da Rede Federal dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia a educação técnica é articulada com o ensino médio e é integrada, “oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, efetuando-se matrícula única para cada aluno” (LDB, 2021, p.29). Dentro desse contexto surge a Educação Profissional Técnica (EPT), que inserida no ensino médio busca ser uma complementação da formação geral e básica dos/as discentes (SANTOS, 2012).

A oferta de um ensino integrado, que articule a educação de nível médio com a educação profissional deve buscar atender a formação geral dos/as discentes. Os componentes das disciplinas técnicas não podem ocupar ou substituir a carga horária das disciplinas propedêuticas, pois o conteúdo do ensino médio é pré-requisito para a obtenção do diploma de técnico (SANTOS, 2012).

A Rede dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia surge com a implementação da lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. O modelo proposto é, até então, inédito na organização educacional do país, pois se consolida como uma forma de política pública buscando a integração regional, bem como buscou uma ação conjunta entre ministérios, órgãos públicos e secretarias como forma de possibilitar um sentido social e pedagógico, buscando superar a ideia de formação de cidadãos aptos apenas para o mercado de trabalho (BEZERRA, 2017).

Bezerra (2017) destaca que, ao longo do percurso centenário da educação profissional

no Brasil, ocorreu uma instrumentalização de formas distintas, atendendo conveniências e estratégias políticas variadas, indo desde o assistencialismo e da disciplinarização forçada da pobreza até a busca da expansão do capital por meio da formação técnica da força de trabalho mais qualificada.

Se antes, principalmente até o final dos anos 1930, a educação profissional assumia um sentido assistencialista, moralista e subordinado à formação básica de mão de obra pouco especializada, o desenvolvimento da industrialização, no Brasil, e a maior presença do país, no mercado capitalista mundial, não mais apenas como fornecedor de produtos agrícolas, possibilitaram uma significativa mudança, representada, sobretudo, em investimentos e em ampliação de escolas técnicas por todo o país (BEZERRA, 2017, p. 361).

Bezerra (2017) pontua que o processo de criação da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica tem início a partir de 2003, com a retomada dos investimentos, mudanças nas diretrizes pedagógicas e redefinição da missão política do modelo de ensino.

A lei nº 11.892/2008, responsável pela criação dos Institutos Federais, apresenta como algumas das finalidades:

- II – Desenvolver a educação profissional e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais;
- IV – Orientar sua oferta formativa em benefício da consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais, identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural no âmbito de atuação do Instituto Federal;
- IX – Promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais, notadamente as voltadas à preservação do meio ambiente. (BRASIL, 2008, art. 6º).

Além dessas finalidades, é indicado como objetivo dos Institutos Federais: “V – estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional (BRASIL, 2008, art. 7º)”.

A Rede dos Institutos Federais vai além da oferta dos cursos profissionais, há uma busca pelo desenvolvimento regional, visando atender as demandas que cada região tem para

potencializar seu desenvolvimento, bem como proporcionar atividades sociais e culturais, que contribuem significativamente para a formação plena dos indivíduos.

CAPÍTULO II – PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 CARACTERIZAÇÃO DO *LÓCUS* DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, *Campus Cedro*. O campus completou no dia 11/09/2024 29 anos de sua construção. A partir da segunda metade da década de 1980, em virtude do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Técnico (PROTEC), em 1986 teve a autorização para a construção da instalação do Campus. A sua construção começa em 1989 e o campus é inaugurado em 1994.

Inicialmente o campus Cedro se configurava como Unidade de Ensino Descentralizada de Cedro (UNED-CEDRO), da então Escola Técnica Federal do Ceará (ETFCE). Em 1999 é transformado em Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFETCE).

Com a implementação da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia o campus Cedro passa a fazer parte da mais nova rede de ensino técnico e tecnológico do país.

O campus ocupa uma área total de 14 mil metros quadrados, com 25 salas de aulas, 23 laboratórios, auditório, quadra poliesportiva, quadra de vôlei de areia, academia, biblioteca e refeitório acadêmico.

Em constante processo de desenvolvimento, o campus de Cedro abrange um total de 14 municípios em um raio de 80 km, dentre os quais destacam-se Iguatu, Icó, Várzea Alegre e Lavras da Mangabeira. Atualmente, oferece à população os cursos técnicos em Eletrotécnica e Mecânica, técnicos integrados em Eletrotécnica, Informática e Mecânica, técnico integrado em Eletrotécnica na modalidade Educação de Jovens e Adultos. Oferece os cursos de Mecânica e Eletrotécnica na modalidade concomitante, além dos cursos superiores de Tecnologia em Mecatrônica Industrial, Licenciatura em Matemática, Licenciatura em Física, Sistemas da Informação, Engenharia Elétrica e Engenharia Mecânica.

2.2 PÚBLICO-ALVO

Atualmente o campus conta com um total de 1.194 estudantes. Estão matriculados nos Cursos Técnicos Integrados um total de 412 estudantes, sendo 156 no Curso de Eletrotécnica, 142 no curso de Informática e 114 no Curso de Mecânica. Deste total de estudantes 192 se identificam como sendo do gênero feminino e 212 se identificam como do gênero masculino.

Há o registro de oito estudantes que não têm os dados sobre o gênero que se identifica cadastrado no sistema acadêmico. Há um estudante em processo de transição de gênero, se identificando com o gênero masculino. A faixa etária é variada entre 14 anos, ou menos, tendo um discente matriculado; entre 15 e 17 anos são 280 discentes matriculados; com 18 anos são 73 discentes matriculados; entre 19 e 24 anos são 57 discentes matriculados; e entre 25 e 30 anos tem um discente matriculado.

Tendo em vista a impossibilidade de conseguir reunir todos/as estudantes para a realização da pesquisa foi estipulada, inicialmente, a meta de conseguir ter como público um total de entre 30 e 40 participantes, representantes de todos os Cursos Técnicos Integrados e de todos os gêneros identificados. Após o período de divulgação da realização da pesquisa e a busca por discentes que fossem voluntários, foi possível reunir 31 discentes, sendo 12 que se identificam com o gênero masculino e 19 que se identificam com o gênero feminino. Todos/as cursando o 3º ano do ensino médio técnico integrado de Informática, com idades entre 16 e 18 anos, tendo uma média de 17,26 anos, com um desvio de 0,60. Como forma de manter o sigilo da identificação dos/as participantes ao longo do processo de coleta dos dados e de escrita da tese não serão apresentados os nomes dos/as participantes.

2.3. CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

A participação na pesquisa se deu por adesão voluntária. Primeiramente foi feita a divulgação da realização das pesquisas nas salas das turmas do 3º ano do ensino médio. Essa divulgação foi o primeiro momento de abordagem da pesquisa com as turmas. Foram apresentados os objetivos da pesquisa e a metodologia para a coleta dos dados, explicando como seria a participação dos/as discentes e os procedimentos que seriam adotados. Depois da apresentação foi combinado um outro dia para pegar os nomes daqueles/as que estariam interessados em participar, dando a eles/as um tempo para pensar sobre a participação.

Tendo em mente que a quantidade elevada de discentes nas turmas inviabilizaria a realização da pesquisa com todos/as discentes, foram pensados critérios que ajudassem na hora de ter um controle sobre a quantidade de participantes. Pensando nessa situação foram elencados os critérios para poderem participar.

Para que fosse possível participar da pesquisa os/as discentes deveriam atender aos seguintes critérios:

- a) Estar devidamente matriculado/a no semestre letivo;

- b) Manifestar o interesse em participar da pesquisa preenchendo a ficha de interesse;
- c) Preencher e entregar os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, para os/as discentes maiores de idade, ou assinado pelo/a responsável legal;
- d) Preencher e entregar o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, para os/as discentes menores de idade;
- e) Preencher e assinar o Termo de Autorização para o uso da imagem e áudio.

Os/as discentes não estavam obrigados/as a participarem de todas as oficinas propostas. Foi dada a liberdade de escolha de poder participar daquelas que fossem possíveis, de acordo com as condições de deslocamento e para o *campus* ou choque de horário com alguma outra atividade. Os dados obtidos foram analisados de acordo com a oficina realizada. Apesar de serem complementares em sua construção a participação não estava condicionada a participação de todas. Era feito um contato prévio com os/as participantes confirmando a participação na atividade que seria realizada, assim, seria possível ter um maior controle sobre o número de participantes. Esse controle se fez necessário para fosse possível planejar de forma adequada a realização das oficinas de intervenção, uma vez que seria necessário ter um espaço adequado para acomodar os/as participantes, bem como ter a possibilidade para a captação das imagens e áudios e a organização dos materiais necessários para o desenvolvimento das atividades propostas.

2.4 PERCURSO METODOLÓGICO

Foi utilizado o método de pesquisa qualitativa. “A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 47).

Silveira e Gerhardt (2009, p. 31), apresentam que a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, entre outros.

A pesquisa apresenta os procedimentos de um estudo de campo, por acreditar que seja adequado e recomendado para o tipo de trabalho que se quer desenvolver, uma vez que consiste na observação do próprio ambiente onde os indivíduos pesquisados se inserem. Para GIL (2008, p. 57):

Os estudos de campo procuram muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis. Como consequência, o planejamento do estudo de campo apresenta muito maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo do processo de pesquisa.

A pesquisa foi desenvolvida em quatro encontros com os/as discentes participantes. A escolha por ser quatro encontros se justifica pela divisão dos temas que foram abordados em cada encontro, bem como a necessidade de fazer com que as atividades fossem realizadas de forma a não serem muito longas, que poderia acarretar desinteresse por parte dos participantes, nem se estender por um longo período, pois poderia chocar com atividades institucionais e desanimar a participação dos/as discentes.

Cada encontro teve um tema específico para ser desenvolvido e foi trabalhado em forma de oficinas. A primeira oficina teve como tema o “A Construção do Corpo” e buscou saber como os/as discentes constroem a imagem do corpo e como essa imagem se aproxima da realidade em que estão inseridos. A segunda oficina teve como foco a discussão acerca dos “Estereótipos Corporais e Identidade”, buscando saber como a influência do meio social em que estão inseridos e dos estereótipos de corpo influenciam na construção da identidade dos/as participantes. A terceira oficina teve como tema norteador “A Virtualização do Corpo e os padrões de beleza das redes sociais”, buscando discutir sobre os aspectos inerentes as redes sociais e os apelos aos padrões corporais estereotipados. Por fim, a quarta oficina buscou discutir sobre “Os Corpos na Educação Física Escolar”, que buscou compreender como os/as discentes percebem as aulas de Educação Física e se esse ambiente é inclusivo ou excludente, se reforça os estereótipos de corpo ideal ou se propõe a ser um ambiente de reflexão.

Cada oficina estava organizada para seguir um roteiro, mas não um planejamento rígido, uma vez que a discussão, a partir das demandas dos/as participantes, poderia fazer com que a atividade se deslocasse do seu ponto principal, mas sempre buscando manter o objetivo proposto em evidência e discussão. Foi acordado com os/as participantes para que as oficinas fossem filmadas e gravadas em áudio para uma posterior análise por parte do pesquisador, sendo garantido que nenhuma imagem ou áudio seria utilizada para outro fim diferente da pesquisa científica.

Antes de iniciar a primeira oficina foi aplicada uma Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), que se caracteriza por ser um meio de coleta de dados a partir de uma sentença norteadora. A partir da sentença norteadora os/as participantes tiveram 5 (cinco) minutos para

responder. O tempo era um fator importante, pois se buscava saber o que os/as participantes pensavam sobre o tema de forma mais subjetiva, fazendo com que fossem evocadas as primeiras interpretações sobre o tema, sem o tempo de reflexão ou adequação da resposta.

A aplicação da TALP teve o intuito de descobrir o que os/as discentes pensam sobre o tema abordado, sem que tenha havido alguma discussão prévia para que não ocorresse uma influência externa nas suas respostas. Para Nóbrega e Coutinho (2008) citados por Coutinho e Bú, a TALP:

faz parte das chamadas técnicas projetivas, orientada pela hipótese de que a estrutura psicológica da personalidade do sujeito torna-se consciente por meio de manifestações de condutas, reações, evocações, escolhas e criação (NÓBREGA; COUTINHO, 2008 apud COUTINHO e BÚ, 2017, p. 220).

A escolha da TALP como ferramenta de coleta dos dados se deu por se tratar de uma ferramenta que proporciona conseguir as informações dos/as discentes participantes de uma forma que possam expressar os seus pensamentos acerca do tema tratado.

Coutinho e Bú (2017), discorre que a TALP é utilizada pelos estudiosos das Representações Sociais (RS) devido ao fato de que os pesquisados tendem a expressar o que de fato sentem:

os estudiosos que trabalham com as RS visam identificar as dimensões latentes destas, por meio da configuração dos elementos que constituem a trama ou rede associativa dos conteúdos evocados em relação a cada estímulo indutor. Por tratar-se de uma técnica projetiva, os conteúdos latentes e não filtrados pela censura tornam-se, desse modo, salientes (COUTINHO; BÚ, 2017, p.220).

A TALP foi organizada para que os/as discentes participantes respondessem a seguinte questão norteadora: “PARA MIM, O CORPO É...”. Os/as participantes tiveram 7 (sete) minutos para responder as 3 (três) questões que vieram na sequência. A primeira questão consistia em listar 3 (três) palavras que remetessem ao que a questão norteadora traz. A segunda questão era para que os/as participantes ordenassem as palavras listadas na questão anterior em ordem de importância, sendo a primeira listada a mais importante das palavras e a terceira a menos importante. Para a resolução da terceira questão os/as participantes tiveram que apresentar uma

justificativa acerca da ordenação das palavras feitas na questão anterior. Essa justificativa serviu como base para a análise do que permeia a interpretação que é tida acerca da questão norteadora.

A TALP (Apêndice D) foi aplicada em sala, por meio de um formulário virtual, disponibilizada para os/as participantes no momento de responderem. Buscando uma forma de otimizar a entrega do formulário eletrônico contendo a TALP foi criado um grupo, em aplicativo de mensagens instantâneas, com todos/as participantes, assim o acesso foi simultâneo e fácil de controlar. A escolha pelo meio virtual para a aplicação da TALP se deu pela facilidade na organização das respostas obtidas, uma vez que as respostas puderam ser organizadas em uma planilha gerada automaticamente.

Foram aplicados questionários (Apêndice D) antes da realização das oficinas, com o objetivo de saber a opinião dos/as participantes acerca do tema proposto para o dia sem que tenha havido alguma interferência por parte do pesquisador. O Questionário, como ferramenta de pesquisa, segundo Silveira e Gerhardt (2009, p. 69):

É um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. Objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado.

Para o desenvolvimento da pesquisa, optou-se pela aplicação de Questionários autoaplicáveis, que segundo a definição de Gil (2008, p. 121), “são propostos por escrito aos respondentes. Costumam, nesse caso, ser designados como questionários autoaplicados”.

Os Questionários foram organizados com: a) apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; b) informações sobre dados gerais dos/as participantes; c) questões sobre como cada um/a percebe o seu Corpo; d) questões sobre como cada um/a percebe o contexto social acerca do Corpo; e) questões sobre como cada um/a percebe e lida com pressões acerca da estética do próprio Corpo e dos demais Corpos ao seu redor; f) questões sobre como cada um/a percebe o Corpo no contexto das aulas de Educação Física; g) questões sobre como cada um/a se sente em relação ao seu próprio Corpo em situações de prática esportiva. Desta forma, buscou-se uma melhor organização da disposição das perguntas, favorecendo uma melhor compreensão por parte dos/as discentes participantes.

Como uma forma de melhor organizar as respostas obtidas na resolução do questionário, foi feita a opção pela aplicação por meio de formulário eletrônico. A escolha se deu pela possibilidade de ter as respostas dispostas em uma planilha gerada automaticamente, facilitando o processo de organização e posterior análise.

As atividades das oficinas foram gravadas, em áudio e vídeo, para que fosse possível o registro da realização das atividades, bem como o retorno ao material de consulta sempre que necessário. Para que as oficinas fossem registradas em áudio e vídeo foi necessária a autorização, por parte dos responsáveis legais pelos/as discentes que são menores de idade. Os/as discentes maiores de idade, encaminharam um documento para a assinatura de um responsável como forma de informação acerca das atividades que seriam desenvolvidas ao longo da pesquisa.

2.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para a realização da análise das informações obtidas pela aplicação da TALP foi usada a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016). Para a autora a administração de um teste de associação de palavras é feito “a fim de serem estudados os estereótipos sociais espontaneamente partilhados por membros de um grupo” (BARDIN, 2016, p. 57).

Para analisar as informações do teste de associação de palavras a autora propõe que:

Para cada palavra indutora e para cada sujeito, obtém-se uma, duas, três ou quatro palavras induzidas numa pequena ficha que são substantivos, adjetivos, expressões e nomes próprios. Uma vez reunida a lista das palavras suscitadas por cada palavra indutora (ou as fichas divididas em pilhas, segundo o estímulo respectivo), sendo este o primeiro trabalho de classificação, encontramos-nos em confronto com um conjunto heterogêneo de unidades semânticas. Face a esta desordem, torna-se necessário introduzir uma ordem. Mas qual a ordem a introduzir, e segundo que critérios? Para que, a informação seja acessível e manejável, é preciso tratá-la, de modo a chegarmos a representações condensadas (análise descritiva do conteúdo) e explicativas (análise do conteúdo, veiculando informações suplementares adequadas ao objetivo a que nos propusemos: neste caso, o elucidar de certos estereótipos). (BARDIN, 2016, p. 58).

A análise de conteúdo é uma técnica de análise das comunicações que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e/ou recepção dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 42).

Essa técnica é amplamente utilizada nas pesquisas qualitativas em ciências humanas e sociais, pois permite explorar e interpretar os significados implícitos ou explícitos presentes em diferentes tipos de documentos, como textos escritos, discursos orais, imagens, vídeos.

A Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977; 2016) possibilita ter um conjunto de técnicas para realizar as análises das formas de comunicação.

O objetivo para a utilização dessa técnica é possibilitar procedimentos que permitam sistematizar e clarificar procedimentos descritivos a partir de conteúdos e mensagens faladas ou escritas, produzindo indicadores – quantitativos ou não – que permitam ao pesquisador, inferir conhecimentos relacionados às suas condições de produção (NATT; CARRIERI, 2014, p. 69).

Segundo Bardin (2016), a análise de conteúdo se baseia em três conceitos fundamentais: comunicação, conteúdo e inferência. Para a autora, a comunicação é o processo pelo qual um emissor transmite uma mensagem a um receptor por meio de um canal e com a ajuda de um código. A mensagem é o conjunto de signos que veiculam um significado. O canal é o meio físico ou técnico que permite a transmissão da mensagem. O código é o sistema de regras que permite a codificação e a decodificação da mensagem. O emissor é o produtor da mensagem. O receptor é o destinatário da mensagem. A comunicação pode ser verbal ou não verbal, oral ou escrita, individual ou coletiva, direta ou indireta, sincrônica ou diacrônica. A comunicação também pode ser influenciada por diversos fatores contextuais, como o tempo, o espaço, a situação, a intenção, a relação, por exemplo.

Quanto ao conteúdo, a autora apresenta como sendo o conjunto dos elementos significativos presentes na mensagem. O conteúdo pode ser manifestado ou latente. O conteúdo manifesto é aquele que é explícito e direto na mensagem. O conteúdo latente é aquele que é implícito e indireto na mensagem. O conteúdo também pode ser analisado em diferentes níveis: semântico, sintático e pragmático. O nível semântico se refere ao significado das palavras e das frases na mensagem. O nível sintático se refere à forma e à estrutura das palavras e das frases na mensagem. O nível pragmático se refere ao uso e à função das palavras e das frases na mensagem.

Para a autora, a inferência é o processo pelo qual se deduz ou se induz algo a partir de algo. A inferência pode ser lógica ou probabilística. A inferência lógica se baseia em regras formais que garantem a validade do raciocínio. A inferência probabilística se baseia em evidências empíricas que sustentam a verossimilhança do raciocínio. A inferência é o objetivo principal da análise de conteúdo, pois permite ir além da descrição do conteúdo das mensagens e chegar à compreensão dos fenômenos subjacentes à produção e/ou recepção dessas mensagens. A inferência pode ser feita a partir de indicadores quantitativos (frequência, intensidade, extensão) ou qualitativos (sentido, valor, intenção) extraídos do conteúdo.

Segundo Bardin (2011), o processo de análise de conteúdo demanda três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. A pré-análise é a fase organizacional do material com o objetivo de sistematizar e operacionalizar os aspectos gerais da pesquisa. Nessa fase, devem-se definir os seguintes elementos: a) A escolha dos documentos: consiste em selecionar os documentos que serão analisados em função dos critérios de pertinência, representatividade e disponibilidade; b) A formulação das hipóteses: consiste em elaborar as suposições iniciais que orientarão a análise do conteúdo dos documentos; c) A definição das unidades de análise: consiste em estabelecer as unidades de registro (palavras, frases, temas, etc.) e as unidades de contexto (parágrafos, textos completos).

A exploração do material é a fase operacional do material com o objetivo de codificar e categorizar os elementos significativos do conteúdo dos documentos. Nessa fase, devem-se realizar os seguintes procedimentos: a) A codificação: consiste em transformar os dados brutos em dados tratáveis, atribuindo-lhes um símbolo ou um número que os represente. A codificação pode ser pré-definida (baseada em um sistema de códigos pré-estabelecido) ou emergente (baseada em um sistema de códigos construído a partir dos dados); b) A categorização, consiste em agrupar os dados codificados em classes ou conjuntos que tenham características comuns. As categorias podem ser descritivas (baseadas nas propriedades observáveis dos dados) ou interpretativas (baseadas nas propriedades inferidas dos dados); c) A quantificação: consiste em contar a frequência ou a intensidade dos dados codificados e categorizados. A quantificação pode ser absoluta (baseada no número de ocorrências dos dados) ou relativa (baseada na proporção ou na porcentagem dos dados).

O tratamento dos resultados é a fase interpretativa do material com o objetivo de inferir e comunicar os conhecimentos obtidos a partir da análise do conteúdo dos documentos. Nessa fase, devem-se realizar as seguintes ações: a) A análise: consiste em examinar e comparar os dados quantificados e categorizados, buscando identificar padrões, tendências, relações,

diferenças, etc. A análise pode ser descritiva (baseada na apresentação dos dados) ou explicativa (baseada na compreensão dos dados). b) A inferência: consiste em deduzir ou induzir conclusões a partir dos dados analisados, buscando responder às questões e às hipóteses da pesquisa. A inferência pode ser confirmatória (baseada na verificação das hipóteses) ou exploratória (baseada na geração de novas hipóteses); c) A comunicação: consiste em expor e discutir os resultados da pesquisa, buscando demonstrar sua validade e relevância. A comunicação pode ser oral (baseada na exposição verbal dos resultados) ou escrita (baseada na elaboração de um texto científico sobre os resultados).

A análise de conteúdo é uma técnica que oferece uma possibilidade metodológica para as pesquisas qualitativas em ciências humanas e sociais. Ela permite explorar e interpretar os significados presentes nas comunicações verbais ou não verbais produzidas ou recebidas pelos indivíduos ou pelos grupos sociais.

A análise de conteúdo requer uma série de etapas e procedimentos que devem ser realizados com rigor e criatividade pelos pesquisadores. Ela também exige uma postura crítica e reflexiva dos pesquisadores sobre os pressupostos teóricos e epistemológicos que orientam suas escolhas metodológicas.

Como ferramenta para a realização das análises será utilizado o *software* NVIVO®15, bastante utilizado no processamento dos dados obtidos em métodos qualitativos, pois ajuda a organizar e analisar informações em dados não estruturados ou qualitativos, como a TALP, entrevistas, respostas abertas de pesquisas, entre outros.

Acreditamos que a análise de conteúdo era a ferramenta adequada para analisar as informações obtidas a partir da interação com os/as participantes acerca das representações sociais que cada um/a têm de seus corpos e de como se percebem e percebem as relações sociais. A partir das análises se pretendeu compreender como ocorrer o processamento das dinâmicas sociais e como cada um se sente em relação a si e aos outros.

CAPÍTULO III – OFICINAS TEMÁTICAS

Esse capítulo é dedicado a apresentação e discussão dos dados obtidos nas intervenções realizadas com os/as discentes participantes da pesquisa. A análise dos dados será feita a partir de uma perspectiva qualitativa, utilizando a Análise do Conteúdo proposta por Bardin (2016).

A primeira parte da organização da coleta das informações foi a realização da divulgação da pesquisa nas salas de aula. Inicialmente foi abordado que se tratava de uma pesquisa para a construção da tese e foi explicado a temática que seria discutida, bem como foi explicado como seriam realizadas as atividades. Após a breve apresentação foi dito que a turma teria uns dias para pensar sobre aceitar ou não o convite e que em um momento posterior seria disponibilizada a lista para a manifestação de interesse, sendo facultativa a participação e que aceitar ou negar não acarretaria benefícios ou prejuízos com relação as aulas de Educação Física.

Pensou-se, inicialmente, em ter a participação de discentes representantes de todas as turmas ou, pelo menos, de cada seriação, garantindo uma representação do 1º ano, do 2º ano e do 3º ano, porém, devido a uma reorganização dos horários letivos para uma melhor adequação da organização das atividades, a gestão da instituição, por meio do Diretor de Ensino e da Coordenadora do Curso Técnico Integrado de Informática sugeriram que a pesquisa fosse realizada com a turma do 3º ano de Informática. Devido a liberação de docentes para capacitação e o término de contratos temporários, a turma ficou com um desfalque de horários e seria possível organizar para que todos/as pudessem participar da pesquisa. A sugestão foi acatada e a pesquisa realizada com a turma.

Passado esse momento de definição da turma que participaria da pesquisa, foi combinado com a turma a entrega dos documentos para que fossem assinados pelos/as que são maiores de idade ou pelos/as responsáveis legais dos/as que são menores de idade. Foram entregues o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que deveria ser assinado pelos maiores de idade e/ou pelos/as responsáveis pelos/as menores de idade, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, que deveria ser assinado pelos/as participantes menores de idade, e o Termo de Autorização para uso da imagem e áudio, assinado por todos/as discentes e pelos/as responsáveis dos/as menores de idade. Os documentos foram entregues e foi combinado a data de recebimento para uma data anterior ao início da pesquisa, dessa forma se evitaria o risco de iniciar a intervenção sem ter todos os documentos de autorização assinados.

As atividades das coletas dos dados, estruturadas em formas de oficinas, ocorreram no

mês de agosto de 2024. Inicialmente planejadas para ocorrerem em quatro quintas-feiras do mês, dias 08, 15, 22 e 29, a realização sofreu uma pequena alteração e foi realizada em 3 quintas-feiras, pois as oficinas 2 e 3 ocorreram no dia 15/09, pois havia a possibilidade de ficar a manhã toda com a turma. Assim, não foi necessário realizar a atividade no dia 29/09.

OFICINA 1 – A CONSTRUÇÃO DO CORPO

A primeira ação da intervenção com a turma teve início no dia 08/08/2024. A atividade iniciou com a explicação acerca da importância das realizações das atividades para a obtenção dos dados necessários para a construção da tese, foi feito um agradecimento à turma pela disponibilidade de contribuir com a atividade e foi explicado como seria a dinâmica das atividades do dia, que consistia em responder a duas TALPs e a realização da Oficina 1 (Apêndice C), A Construção do Corpo.

A turma recebeu as orientações gerais para o preenchimento da TALP. Foi explicado que seria disponibilizado um link de formulário eletrônico para que pudessem responder. A TALP consistia na resolução de três questões a partir de uma frase norteadora. A primeira questão deveria ser respondida com a escrita das três primeiras palavras que viessem a mente quando fossem responder a questão norteadora. A segunda questão deveria ser respondida colocando as palavras listadas na questão anterior em ordem de importância, sendo a primeira a mais importante das três, a segunda com importância intermediária e a terceira a menos importante. A terceira questão deveria ser respondida escrevendo uma justificativa da razão de ter escolhido as três palavras da primeira questão. Para a resolução da TALP foi dado um tempo de 7 min. e a resolução deveria ser feita de forma individual e em silêncio, para que não ocorresse influência na resposta dos demais colegas.

A construção social do corpo, enquanto objeto de representação coletiva, revela-se por meio de atividades como as Técnicas de Associação Livre de Palavras (TALPs), aplicada como ferramenta para a coleta das impressões que os/as adolescentes têm sobre o tema proposto. Este estudo, fundamentado na Teoria das Representações Sociais (TRS) de Moscovici (1976) e nas fases de objetivação propostas por Jodelet (2001), analisa como os participantes internalizam, organizam e naturalizam conceitos sobre o corpo, refletindo normas culturais e conflitos identitários.

A questão norteadora da TALP era: “Para mim, o corpo é...”. As palavras evocadas foram organizadas em três colunas, sendo a primeira representando as palavras apontadas como

sendo as mais importantes, a segunda coluna com as palavras intermediárias e a terceira coluna com as palavras menos importantes. As palavras foram organizadas, dentro das suas respectivas colunas, em ordem alfabética. Essa organização visa facilitar a análise e interpretação das informações, uma vez que facilita a visualização das palavras repetidas o que indica uma relevância de citação, e aproxima as palavras que são semelhantes. Esse primeiro ordenamento das palavras corresponde a fase de pré-análise das informações e de tratamento das respostas obtidas para facilitar a análise.

Abaixo segue o quadro com as palavras citadas e organizadas em ordem alfabética.

Quadro 1: Organização das palavras listadas

PARA MIM, O CORPO É...		
ORDEM DE IMPORTÂNCIA DAS PALAVRAS		
1ª palavra, a mais importante.	2ª palavra, com importância média.	3ª palavra, a menos importante das que foram listadas
Autoestima	Autoestima	Base
Autoestima	Autoestima	Beleza
Base	Autoestima	Carne
Base	Autoestima	Casa
Conjunto	Autoestima	Complexo
Essencial	Base	Essência
Estética	Beleza	Expressão
Existência	Complicado	Físico
Fundamental	Esqueleto	Humano
Identidade	Essencial	Identificação
Imagem	Estética	Interessante
Incrível	Estética	Liberdade
Livre	Eu	Minha morada
Movimento	Externo	Movimento
Músculo	Força	Movimento
Órgãos	Importante	Músculo
Órgãos	Insegurança	Necessário

PARA MIM, O CORPO É...		
ORDEM DE IMPORTÂNCIA DAS PALAVRAS		
1ª palavra, a mais importante.	2ª palavra, com importância média.	3ª palavra, a menos importante das que foram listadas
Pessoa	Inseguranças	Ossos
Resistência	Mente	Pele
Sagrado	Movimento	Templo
Saúde	Músculos	.
Saúde	Necessário	.
Saúde	Pele	.
Saúde	Pensamentos	.
Saúde	Templo	.
Saúde	Templo	.
Saúde	Tempo	.
Sentimentos	Triste	.
Templo	.	.
Tudo	.	.
Vida	.	.

Elaborada pelo Autor, 2025.

Inicialmente, podemos observar que todos/as 31 discentes participantes tiveram dificuldades em listar as três palavras que respondessem a questão norteadora. Apenas a palavra indicada como a mais importante obteve as 31 respostas. A segunda palavra foi listada por 28 participantes e a terceira palavra foi listada por 20 participantes. Essa dificuldade em conseguir listar as três palavras para responder ao questionamento sobre o que é o corpo na visão deles pode ser compreendida no fato de que essa reflexão acerca do corpo não seja algo frequente ou que nunca haviam sido estimulados a pensar sobre a temática.

As justificativas apresentadas para as escolhas e ordenamentos das palavras se configuram como um elemento importante para a compreensão do que estavam pensando. Analisando as palavras escolhidas por meio da interpretação das justificativas é uma forma de compreender as respostas de uma forma específica, pois contribui para analisar a resposta individualmente, mas também contribui para um panorama geral do entendimento, uma vez que

as opiniões expressadas são analisadas em conjunto. Importante frisar que os textos das justificativas estão mantidos da forma que foram escritos, sem nenhuma intervenção na escrita das palavras que podem estar com as grafias erradas ou mudanças para modificar o sentido do que foi escrito. Por ter sido respondido em formulário eletrônico as respostas já foram salvas em documento no formato de planilha, sendo feita, apenas, as organizações da estrutura da planilha para acomodar as respostas.

Abaixo seguem as justificativas das escolhas das palavras.

Quadro 2: Apresentação das justificativas das escolhas das palavras.

PARA MIM, O CORPO É...
JUSTIFICATIVA PELA ESCOLHA DAS PALAVRAS E PELO ORDENAMENTO DE IMPORTÂNCIA DADO A ELAS
Porque o nosso corpo é importante e não devemos “usá-lo” de qualquer maneira.
O nosso corpo está ligado à nossa mente, ou seja, na nossa autoestima. Se o corpo estiver bem a sua mente (no caso a minha) vai estar bem!
Hoje em dia o corpo tem tudo a ver com a estética
por que acredito que essas são palavras que visam e mostram mais o que retrata o corpo humano
O meu corpo é minha existência, é o que traz a minha beleza e fisicamente é a estética do meu físico
O corpo influencia de uma maneira gigantesca em nossa autoestima. Já é o corpo pode representar saúde ou não.
A saúde é a mais importante pois sem ela não temos a "casa", a casa é a segunda mais importante pois devemos considerar nossos corpos como nossa casa que devemos cuidar e zelar, e por último triste pois não deveríamos estar tristes com nosso corpo, apesar de ser algo recorrente.
Seu corpo geralmente está ligado à sua imagem, como você se vê e como as outras pessoas te enxergam. Templo, por que o seu corpo é algo individual e só seu, deve ser preservado e cuidado.
Resistência porque o nosso corpo é resistente, é o que nos mantém e inseguranças porque quando penso em corpo ela vem na minha cabeça. As ordenei daquela forma porque resistência do corpo é bem mais importante que inseguranças, já que essas são apenas que surgem devidos a inúmeros padrões criados pela sociedade
Essencial porque ele é a fonte que nos permite realizar tudo aquilo que queremos. Base pois é a base da nossa sobrevivência.
Porque o corpo é o que é visível das pessoas
os corpos é algo incrível, e o templo é porque eu imagino que cada corpo é um templo, humano porque

automaticamente na minha cabeça vem "corpo humano"
PARA MIM, O CORPO É...
JUSTIFICATIVA PELA ESCOLHA DAS PALAVRAS E PELO ORDENAMENTO DE IMPORTÂNCIA DADO A ELAS
Tempo: Por que é o que o corpo nos mostra, cada dia, cada história, cada envelhecimento teve um momento. Vida: O corpo é isso, vida. Se estamos de pé significa que ainda temos o oxigênio circulando na veia. pele: A camada que protege o corpo, é a pele.
Escolhi "tudo" como a mais importante porque seu corpo é tudo, claramente. Sem ele você não faz nada. Escolhi "necessário" por segundo por conta que seu corpo é necessário para fazer tudo de necessário. Escolhi "base" em terceiro por conta que é a "menos importante", mas mesmo assim é muito importante por conta que seu corpo é seu monumento, ou seja, a base de tudo.
Ordenei dessa maneira por conta que o corpo é a base de tudo, é essencial em qualquer momento e é bastante complexo sua formação.
Escolhi o sentimento como mais importante por que nós somos a base de sentimentos, tudo que fazemos existe um sentimento envolvido, creio que os sentimentos das pessoas são únicos. Escolhi a mente como segundo mais importante, por causa dos problemas psicológicos que nós mesmos temos, todos os pensamentos, a ansiedade e medo, tudo que imaginarmos. Escolhi identificação como terceiro, já que todos nós somos de um jeito único e diferente, cada um tem um estilo e jeito de viver a vida.
Coloquei saúde em primeiro porque precisamos dela para viver bem, e o pensamento em segundo porque sempre estamos pensando em algo, seja bom ou ruim
Por os órgãos têm funções específicas das quais mantêm o ser humano vivo, já o esqueleto protege esses órgãos e a carne é a pele do ser humano a qual é formada por tecidos dos quais cobrem os ossos e órgão.
Sagrado: O corpo é visto como algo muito importante, todos deduzem o que você é através dele e sua autoestima depende do mesmo, na minha religião o corpo é sagrado! Complicado: O corpo almejado é algo muito difícil, maneiras de alcançar o corpo que mais gosta muitas vezes são perigosas, desde a idade média! Templo: Nosso corpo é o templo do Espírito Santo, devemos respeitar ao mesmo, porém muitas vezes acabamos distorcendo essa passagem e se tornando extremos nesse cuidado pelo templo perfeito...
Ordenei dessa forma, pois, a primeira, remete a cuidar do corpo para garantir a saúde, a segunda, pois o corpo influência na autoestima das pessoas e a terceira, pois, para muitas pessoas, o corpo influencia muita na beleza.

PARA MIM, O CORPO É...
JUSTIFICATIVA PELA ESCOLHA DAS PALAVRAS E PELO ORDENAMENTO DE IMPORTÂNCIA DADO A ELAS
O fato de o corpo possuir órgãos que o formam, mas também representa a parte externa que também é algo necessário para o mesmo
Acho o corpo fundamental motivo do corpo ajudar no nosso funcionamento diário e em qualquer momento. Coloquei em segundo a palavra Importante porque ele é essencial na nossa vida. E por último, ele é interessante pelo motivo de ser algo muito complexo e difícil de entender.
Eu ordenei dessa forma porque, os órgãos são o mais importante para o corpo, músculos definidos é um sinal de saúde e os ossos são a base para nossa sustentação.
A saúde é o mais importante para o corpo, estética e músculos é essencial para a autoestima.
Escolhi essas palavras pois elas são essenciais pra nossa vida. Nessa ordem, pois a saúde é muito importante, autoestima porque é algo que faz bem e movimento pois é algo do nosso cotidiano.
A palavra movimento é mais importante porque é através do corpo que nos movimentamos e realizamos nossas atividades básicas; a palavra de importância média é estética, porque um corpo bonito é sempre desejado, principalmente em nossos tempos; a menos importante das três é expressão, uma vez que a linguagem corporal também pode expressar muito do nosso inconsciente.
Livre: é livre para fazer o que tenho vontade. Insegurança: muita insegurança com ele. Liberdade: é liberta pra muitas coisas.
Escolhi essas palavras pois são coisas que fazem parte do nosso ser. Sem saúde não somos nada. Sem autoestima não ficamos bem consigo mesma. Sem movimento não temos como nos locomover.
Base: O nosso corpo é a base de tudo, da nossa saúde, da nossa capacidade e força. Autoestima: O corpo para muitas pessoas é o que vai dizer se ela vai ser aceita ou não pela sociedade, dificultando ou ajudando na sua autoestima.
A identidade, porque é o conjunto de características e personalidades do ser. A força é o que nos permite enfrentar e superar os desafios da vida, seja mental ou física. A essência são princípios que permanecem constante na vida.
Porque quando se fala de corpo a maioria das pessoas hoje em dia pensam em deixar o corpo bonito como músculo e a pele.

Elaborado pelo Autor, 2025.

Pode-se perceber que a escola exerce um papel essencial na manutenção de certos

padrões de corpo, atendendo o que está imposto socialmente. Resende (2011), em seu estudo com estudantes, professores e gestores de escolas públicas de Goiânia-GO, afirma que: “o corpo nada mais é do que puro discurso, elaborado, produzido e reproduzido socialmente e se mantém pelas leis e normas vigentes em cada cultura” (RESENDE, 2011, p. 69-70). Compreender como são criadas e difundidas essas normas sociais e culturais, é importante para que se busque a superação dessas imposições.

Souza (2015) discorre sobre a necessidade de compreender a Escola como um ambiente que também produz um ordenamento social, sendo um elemento ativo nas construções sociais, não sendo apenas um reprodutor do que ocorre no meio social que a rodeia. Para o autor:

A escola não apenas reproduz; antes, ela é instância PRODUTORA. Produz, cotidianamente, o ordenamento social. Nada de passividade social, ela é uma instituição ativa. Suas funções de disciplinamento e de controle produzem as formas heteronormatizadoras – o bullying, o chiste, as regras de conduta, as normas de vestimenta, as maneiras de se falar, a separação dos corpos masculinos e femininos, e outros infíndos dispositivos de assujeitamento, geram uma série de reações trágicas nos corpos dos sujeitos: suicídio, homicídio, transtornos, traumas, negação do corpo, autopunição dos prazeres, ajuste dos desejos, surtos, “pirações de todo tipo”, autoflagelação (SOUZA, 2015, p. 12).

Dando início a análise dos dados obtidos, a primeira parte consistiu em realizar a exploração do material (BARDIN, 2016). Nessa fase operacional o objetivo de codificar e categorizar os elementos que podem ser apontados como os mais significativos do conteúdo analisado. A primeira etapa do tratamento dos dados foi a codificação, que visa transformar os dados brutos em dados tratáveis, atribuindo-lhes um símbolo ou um número que os represente.

A outra fase de pré-análise (BARDIN, 2016) consiste na quantificação das palavras, verificando a frequência ou a intensidade dos dados codificados e categorizados. A quantificação pode ser absoluta, demonstrando a ocorrência dos dados ou pode ser relativa, trazendo a proporção ou porcentagem. Verificar a frequência com que as palavras foram listadas é importante, pois ajuda a compreender quais são as palavras que são mais lembradas, apresentando uma dimensão do entendimento que os/as discentes têm. Foi feita a contagem das palavras e a verificação da frequência que cada uma foi utilizada, apresentando abaixo de forma absoluta a frequência de aparecimento:

Quadro 3: Frequência das palavras evocadas e categorias criadas.

Corpo e Saúde	Cont.	Autoestima e identidade	cont.	Emoções e Psicológico	Cont.	Espiritualidade e Existência	Cont.	Sociedade e Expressões	Cont.
Esqueleto	1	Autoestima	7	Insegurança(s)	2	Essência	1	Conjunto	1
Ossos	1	Beleza	2	Importante	1	Humano	1	Expressão	1
Físico	1	Base	4	Livre	1	Casa	1	Imagem	1
Músculo	3	Complicado	1	Liberdade	1	Templo	4	Externo	1
Força	1	Complexo	1	Triste	1	Tempo	1	TOTAL	4
Resistência	1	Incrível	1	Interessante	1	Sagrado	1	menções	4
Pele	2	Estética	3	Sentimentos	1	Necessário	2		
Saúde	7	Identificação	1	Fundamental	1	Vida	1		
Órgãos	2	Identidade	1	Mente	1	Existência	1		
Movimento	4	Eu	1	Tudo	1	Essencial	2		
Carne	1	TOTAL	10	Pensamentos	1	Minha Morada	1		
TOTAL	11	Menções	23	TOTAL	11	TOTAL	11		
Menções	24			Menções	12	Menções	16		

Elaborada pelo Autor, 2025.

Para ser possível ter uma melhor visualização do impacto que as palavras citadas têm, foi elaborada uma nuvem de palavras, no software Nvivo15, com o intuito de criar uma representação visual. As palavras mais citadas ocupam o centro da nuvem de palavras e são destacadas em cores e tamanhos diferentes das demais. As palavras que são menos citadas são colocadas mais à margem da nuvem, com tamanhos menores e cores menos intensas.

Figura 1: Nuvem de Palavras.



Elaborado pelo Autor, 2025, criado no Software Nvivo15.

Após a realização da codificação e verificação da frequência das palavras foi feita a categorização, que consiste em agrupar os dados codificados em classes ou conjuntos que tenham características comuns, podendo ser descritivas ou interpretativas (BARDIN, 2016).

Uma forma de organização para a realização das análises das palavras listadas é iniciar fazendo uma organização de todas, distribuindo-as em uma organização a partir da aproximação semântica. Dessa forma é possível criar categorias que abranjam os sentidos/significados das palavras evocadas e, assim, possibilitando uma melhor forma de compreensão do que foi escrito pelos/as discentes.

Aproximações Semânticas e Criação de Categorias:

Categoria 1: Corpo e Saúde

Palavras: Carne, Humano, Esqueleto, Ossos, Estética, Físico, Músculos, Força, Resistência, Pele, Saúde, Órgãos, Movimento. Essas palavras remetem ao aspecto fisiológico do corpo humano, destacando uma importância da saúde e o bem-estar.

Categoria 2: Autoestima e Identidade:

Palavras: Autoestima, Beleza, Base, Complicado, Complexo, Essencial, Estética, Identificação, Identidade, Eu, Mente, Minha Morada. Essas palavras trazem uma percepção de si e a importância da autoestima e como nos identificamos.

Categoria 3: Emoções e Psicológico:

Palavras: Insegurança(s), Importante, Livre, Liberdade, Triste, Interessante, Incrível, Fundamental, Mente, Tudo, Sentimento, Pensamentos. Essas palavras destacam os aspectos que demonstram diferentes emoções e estados psicológicos ao pensar acerca do corpo.

Categoria 4: Espiritualidade e Existência:

Palavras: Essência, Humano, Casa, Templo, Tempo, Sagrado, Necessário, Vida. Essas palavras demonstram uma relação com a forma mais espiritualizada da forma de lidar com a percepção do corpo.

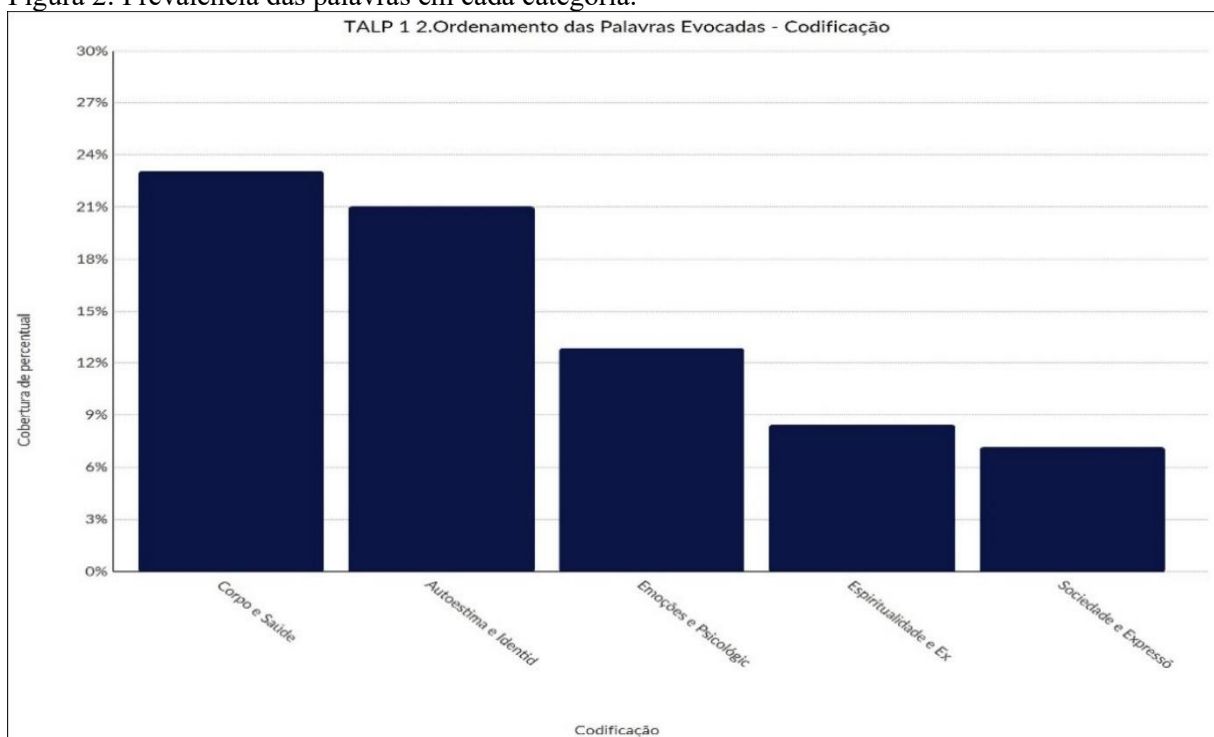
Categoria 5: Sociedade e Expressão:

Palavras: Conjunto, Liberdade, Expressão, Imagem, Externo, Existência, Pessoa. Essas palavras se relacionam com a interação social, a expressão pessoal e a resistência em relação as pressões/tensões sociais em relação ao corpo.

O gráfico abaixo apresenta a prevalência de palavras em cada categoria, quanto mais palavras a categoria consegue abarcar, maior a sua representação na cobertura percentual. A partir do gráfico podemos perceber que a maior parte das palavras citadas fazem a correspondência com a categoria Corpo e Saúde, levando em consideração os aspectos

fisiológicos para a escolha das palavras citadas.

Figura 2: Prevalência das palavras em cada categoria.



Elaborada pelo Autor, 2025, criada no Software Nvivo15.

Em seguida, podemos perceber que Autoestima e Identidade também concentra uma quantidade significativa de palavras. Essa manifestação das características que fazem a pessoa se sentirem bem consigo e que possibilita que elas tenham um reconhecimento de si.

A categoria Emoções e Psicológicos ficou em uma posição intermediária na concentração das palavras. Isso demonstra que os aspectos que denotam as emoções e as afetações de como se percebem tem o seu espaço representativo, mas não ocupam grande parte das demandas. Isso pode significar que, apesar de existirem questões relacionadas as emoções e ao aspecto psicológico quando pensam o corpo, essa afetação não é o ponto principal nas angústias sentidas.

Por fim, as categorias Espiritualidade e Existência e Sociedade e Expressão, concentram as menores quantidades de palavras, trazendo o reflexo de que a discussão do corpo como algo “sagrado” ou que a forma de se colocar individualmente na sociedade não ocupam espaço de destaque.

Na primeira fase da objetivação, conforme Jodelet (2001, p. 41), elementos teóricos são selecionados e descontextualizados para se adequarem a critérios culturais dominantes. Na TALP 1 (“Para mim, o corpo é...”), termos como: “saúde” (7 citações) e “autoestima” (7)

destacam-se, refletindo discursos normativos vinculados à medicina e à cultura da aparência. A saúde, por exemplo, é descontextualizada de seu viés biomédico para se tornar um imperativo moral — “o corpo válido é o saudável” —, ignorando realidades como deficiências ou diversidade corporal. Já a autoestima, associada a “beleza” e “imagem”, revela a internalização de padrões midiáticos que vinculam a aceitação social à estética (Moscovici, 1976).

Após a realização da aplicação da primeira TALP a turma foi informada que teriam que resolver uma segunda TALP, repetindo os mesmos procedimentos que foram usados para a resolução da primeira TALP. Dessa vez a questão norteadora sofreu uma pequena alteração e ficou da seguinte forma: “Para mim, meu corpo é...”. A primeira reação da turma foi de acreditar que era exatamente da mesma questão que haviam respondido momentos atrás. Porém, foi explicado que a primeira intervenção perguntava sobre a ideia de corpo de uma forma geral e agora era buscado saber, especificamente, o que cada um pensava a respeito do próprio corpo. A turma teve os mesmos 7 minutos para resolverem a TALP e, mais uma vez, foram orientados/as a responderem em silêncio para que não ocorresse influência na resposta dos colegas. Foi explicado que não há resposta certa ou errada, pois era buscado saber o que cada um/a pensava sobre o tema proposto.

Abaixo segue o quadro com as palavras citadas e organizadas em ordem alfabética.

Quadro 4: Organização das palavras listadas.

PARA MIM, MEU CORPO É...		
ORDENAMENTO DAS PALAVRAS EVOCADAS		
1ª palavra, a mais importante.	2ª palavra, com importância média.	3ª palavra, a menos importante das que foram listadas
Autoestima	Aceitável	Autoconfiança
Autoestima	Autoestima	Beleza
Base	Autoestima	Bonito
Base	Autoestima	Coração
Cérebro	Autoestima	Estranho
Complicado	Base	Frágil
Estrutura	Base	Horível
Existência	Confiante	Interessante
Feio	Distorcido	Minha raça

PARA MIM, MEU CORPO É...		
ORDENAMENTO DAS PALAVRAS EVOCADAS		
1ª palavra, a mais importante.	2ª palavra, com importância média.	3ª palavra, a menos importante das que foram listadas
Forte	Estranho	Mudanças
Mediano	Estrutural	Natural
Meu eu	Físico	Normal
Morada	Forte	Odiado
Necessário	Forte	Resiliência
Perfeito	Imagem	Resistente
Performance	Importante	Resistente
Problemático	Lar	Saudável
Receptáculo	Lento	Saúde
Ruim	Magro	Sedentário
Saudável	Magro	Templo
Saudável	Maravilhoso	Templo
Saudável	Melanina	.
Saudável	Meu exterior	.
Saúde	Morada	.
Saúde	Natural	.
Saúde	Saudável	.
Saúde	Segurança	.
Saúde	Sensível	.
Saúde	Sustento	.
Templo	Templo	.
Templo	.	.

Elaborado pelo Autor, 2025.

A partir da observação do quadro é possível perceber que os/as discentes tiveram dificuldades em escrever as três palavras que pudessem expressar o que o corpo era para cada um/a. Como ocorrido na resolução da primeira TALP, apenas a primeira palavra foi citada por

É importante analisar as justificativas apresentadas para as escolhas e ordenamentos das palavras, pois são elementos importantes para o entendimento do que se queria expressar. Analisando as palavras escolhidas por meio da interpretação das justificativas é uma forma de compreender as respostas de uma forma específica, pois contribui para analisar a resposta individualmente, mas também contribui para um panorama geral do entendimento, uma vez que as opiniões expressadas são analisadas em conjunto.

Abaixo seguem as justificativas das escolhas das palavras.

Quadro 5: Justificativas das escolhas das palavras.

PARA MIM, MEU CORPO É...							
JUSTIFICATIVA PELA ESCOLHA DAS PALAVRAS E PELO ORDENAMENTO DE IMPORTÂNCIA DADO A ELAS							
Morada:	Pq	eu	sobrevivo	e	vivo	dentro	dele
Sustento: Pq sem ele n consigo ir a lugar algum.							
Autoestima nosso corpo está ligado a nossa mente ou seja na nossa autoestima. Se o corpo estiver bem a sua mente (no caso a minha) vai estar bem! E templo porque eu gosto do meu corpo e tenho que cuidar dele com um templo.							
Ruim pois na minha opinião ele não é bonito, odiado porque é ruim, aceitável pois sou obrigada a conviver com ele, mesmo tentando diversas formas não consigo melhorá-lo devido a problemas alimentares.							
Porque o meu corpo deve ser cuidado.							
A minha existência o meu gene o que me faz ser eu, o meu corpo é a morada das minhas memórias, sentimentos, nostalgias, etc. E fisicamente falando é a minha beleza							
perfeito pois eu acho o meu corpo perfeito, acho ele perfeitamente perfeito para minha idade, maravilhoso pois eu o amo, interessante pois ele é interessante							

PARA MIM, MEU CORPO É...
JUSTIFICATIVA PELA ESCOLHA DAS PALAVRAS E PELO ORDENAMENTO DE IMPORTÂNCIA DADO A ELAS
Por que acredito que se estamos saudáveis e satisfeitos com nosso corpo, estamos com saúde física e mental.
As vezes ele é problemático, as vezes gosto, as vezes não. Consegue me trazer autoestima e me destruir em segundos.
....
Autoestima e imagem porque elas estão ligadas a como eu me enxergo, ele está atrelado a como eu me sinto. Templo, por que é lugar de cuidado e proteção.
.
O corpo é só meu exterior.
A mais importante: feio, porque meu corpo não me agrada; em importância média: lento, porque eu me acho desengonçado; em último lugar: frágil, um corpo fraco.
Em primeiro, para mim o corpo condiz qual sua Performance. Em segundo, o corpo para mim é estrutural, pois ele é sua base. Em terceiro, o corpo para mim é saudável, pois através dele, você pode obter uma resposta sobre sua saúde.
Saúde: porque se ele não tem saúde, não tá nada bem. Base: é a base de tudo Auto confiança: porque ele me dar auto confiança em tudo
Estrutura, pois ele é a estrutura física que segura tudo aquilo presente em nós, coração, cérebro... Forte pois é ele quem aguenta tudo aquilo que a vida nos faz passar e segue evoluindo a cada dia.
Primeiro: Complicado — Acredito que tenho uma visão cruel do meu corpo, uma hora estou bem com ele outra estou odiando ele, e isso é uma das coisas que mais marca meu relacionamento com ele. Segundo: Distorcido — Possuo uma visão distorcida do mesmo, e ainda o vejo como algo distorcido incorreto e nojentos muitas vezes, muitos corpos são lindos para meus olhos, mas o meu para mim é distorcido, sendo uma palavra que melhor relaciona! Terceiro: Horrível — Foi a primeira palavra que pensei, parece ser a primeira resposta que tenho a mente do que acho do meu corpo, ele poderia melhorar, as vezes acho ele grotesco e estranho.
Por que eu sempre tento deixar meu corpo com uma saúde boa e sempre tenho confiança no que fazer.
Templo: porque meu corpo é um templo/morada onde eu vivo e guardo minha essência. Autoestima: meu corpo já dificultou muito minha autoestima, mas hoje aprendi a amá-lo

PARA MIM, MEU CORPO É...
JUSTIFICATIVA PELA ESCOLHA DAS PALAVRAS E PELO ORDENAMENTO DE IMPORTÂNCIA DADO A ELAS
O corpo é necessário tanto com importante, e não menos importante representa algo natural
Saúde em primeiro porque precisamos ter saúde para viver vem, base em segundo porque o nosso corpo é a nossa base e mudanças em terceiro porque nosso corpo sempre está apto a receber mudanças, tanto psicologicamente e também fisicamente
Ordenei dessa forma porque para mim meu corpo é a base, não só física, mas mental Melanina, por conta da minha pele Resistente, por que pratico diversos exercícios físicos e esportes.
Escolhi forte como mais importante, por que me considero uma pessoa muito forte, observando as coisas que já aconteceram na minha vida Escolhi sensível como segunda mais importante, por que me considero bastante sensível em relação as coisas, não acho ruim, já que isso mostra que somos humanos Escolhi bonito como terceiro já que vai dá questão da autoestima, que todos devemos ter, todos temos que se achar bonitos e magníficos
"base" em primeiro por conta que é a base de tudo, que sem ele eu não faço nada. "Saudável" por conta que é sempre bom estar sadio e saudável consigo mesmo. "Normal" essa foi a última que eu pensei por conta que é um corpo "normal" por assim se dizer.
Cérebro pois ele nos dar um pensamento de forma racional, a qual se pensamos com cuidado com a nossa mente, podemos tomar as decisões certas e mais seguras, já o físico é o que nos possibilita de fazermos e realizar até o que pensamos, já o coração é o órgão que nos mantém vivo bombeando o nosso sangue, ele é enganoso e quando pensamos com ele, pensamos de forma mas sentimental o que acaba nos tornando irracional e acabamos tomando medidas precipitadas, que podem dar errado
A primeira, pois, para mim, meu corpo é como um receptáculo que armazena a alma e deve ser cuidado com a devida importância; a segunda pois ele influencia na autoestima e a terceira pois ele deve ser cuidado para ter saúde.
Eu ordenei dessa forma, porque a saúde é o mais importante, te um corpo saudável e o segredo para uma vida longa, e também é importante ter um corpo natural, sem aplicação de anabolizantes.
Escolhi elas porque são características muito importantes para o bem-estar físico e mental. Ordenei nessa ordem, pois são características que acho essenciais.
saúde é a capacidade de viver de forma equilibrada. lar, pois, é o lugar onde me sinto seguro, onde minhas emoções e personalidade residem. Templo, pois, valorizo e cuido bem.

PARA MIM, MEU CORPO É...
JUSTIFICATIVA PELA ESCOLHA DAS PALAVRAS E PELO ORDENAMENTO DE IMPORTÂNCIA DADO A ELAS
Escolhi essas palavras pois todas cooperam para uma Saúde física e mental boa. Saúde, pois para tudo que você for fazer precisa-se estar bem para executar aquilo da melhor maneira. Segurança, porque é meu porto seguro. Resiliência, para suportar todas as fases boas e ruins da nossa vida.
Saudável pois eu estou relativamente bem nesses quesitos, magro e sedentário pois considero isso defeitos pra mim

Elaborada pelo Autor, 2025.

É importante frisar que os textos das justificativas estão mantidos da forma que foram escritos, sem nenhuma intervenção na escrita das palavras que podem estar com as grafias erradas ou mudanças para modificar o sentido do que foi escrito. Por ter sido respondido em formulário eletrônico as respostas já foram salvas em documento no formato de planilha, sendo feita, apenas, as organizações da estrutura da planilha para acomodar as respostas. À primeira vista das justificativas apresentadas já deixa claro que houveram discentes com dificuldades em justificar a escolha das palavras e deixaram a questão da justificativa sem resposta.

Dias (2015) aborda em seu trabalho a discussão acerca da temporalidade e dos significados que são atribuídos ao corpo em cada sociedade, pois, para o autor:

A representatividade do corpo se expressa nas relações pautadas nos tempos e espaços onde ele se situa e circula e, também, a partir da produção e da reprodução de significados atribuídos a ele. Assim, ao falar de nossos corpos, temos também que falar sobre nossas identidades ou de nossos processos de identificação cujos desdobramentos influenciarão os sentidos e significados que atribuímos ao corpo, passando uma produção cultural (DIAS, 2015, p. 81).

Realizando a pré-análise (BARDIN, 2016) das palavras evocadas e verificando a quantificação que cada uma teve, podendo verificar a frequência das ocorrências de citações pudemos perceber a seguinte quantificação da frequência das palavras:

Quadro 6: Frequência das palavras evocadas e categorias criadas.

Corpo e Saúde	Cont	Autoestima e Identidade	cont	Emoções e Psicológico	Cont	Espiritualidade e Existência	Cont	Sociedade e Expressões	Cont
---------------	------	-------------------------	------	-----------------------	------	------------------------------	------	------------------------	------

Cérebro	1	Autoestima	6	Autoconfiança	1	Estrutura	1	Meu exterior	1
Coração	1	Aceitável	1	Base	4	Existência	1	Minha raça	1
Frágil	1	Beleza	1	Odiado	1	Templo	5	Imagem	1
Forte	3	Bonito	1	Distorcido	1	Morada	2	TOTAL	3
Saúde	7	Complicado	1	Estranho	1	Meu eu	1	Menções	3
Saudável	6	Estranho	1	Problemático	1	Resiliência	1		
Performance	1	Horível	1	Necessário	1	Lar	1		
Resistente	2	Feio	1	Segurança	1	Receptáculo	1		
Sedentário	1	Confiante	1	Mudanças	1	Estrutural	1		
Lento	1	Mediano	1	Sensível	1	Sustento	1		
Magro	2	perfeito	1	TOTAL	10	TOTAL	10		
Natural	2	Ruim	1	Menções	13	Menções	15		
Físico	1	Importante	1						
Normal	1	maravilhoso	1						
Melanina	1	interessante	1						
TOTAL	15	TOTAL	15						
Menções	32	Menções	20						

Elaborada pelo Autor, 2025.

Para que seja possível ter um dimensionamento do impacto das representações que cada palavra tem no contexto das citações feitas pelos/as discentes participantes, foi elaborada uma nuvem de palavras, onde as palavras mais citadas ocupam um espaço maior e mais centralizado e as palavras com menos citações estão em tamanho menor e mais lateralizadas.

Figura 3: Nuvem de Palavras TALP 2:



Elaborado pelo Autor, 2025, criada no Software Nvivo15.

O segundo momento da análise foi organizar as palavras em categorias, agrupando os dados codificados em classes ou conjuntos que tenham características comuns, podendo ser descritivas ou interpretativas.

Foi possível perceber que as palavras citadas na segunda TALP se enquadram nas

mesmas cinco categorias que foram criadas na análise da primeira TALP, ficando a distribuição das palavras em cada categoria da seguinte forma:

Categoria 1: Corpo e Saúde:

As palavras elencadas nessa categoria deixam claras a ideia de relacionar o corpo com os aspectos fisiológicos ou relacionados com a saúde. As palavras são: Cérebro, Coração, Frágil, Forte, Saúde, Saudável, Performance, Resistente, Sedentário, Lento, Magro, Natural, Físico, Normal e Melanina.

Categoria 2: Autoestima e Identidade:

As palavras pertencentes a essa categoria expressão as ideias da importância de se ter uma autoestima e dos aspectos relacionados ao que forma a identidade pessoal. As palavras são: Autoestima, Aceitável, Beleza, Bonito, Complicado, Estranho, Horrível, Feio, Confiante, Mediano, perfeito, Ruim, Importante, maravilhoso e interessante.

Categoria 3: Emoções e Psicológico:

Essa categoria agrupa as palavras que trazem em sua expressão a evocação de emoções e de aspectos relacionados como o psicológico do/as participantes podem estar afetados. As palavras são: Autoconfiança, Base, Odiado, Distorcido, Estranho, Problemático, Necessário, Segurança, Mudanças e Sensível.

Categoria 4: Espiritualidade e Existência:

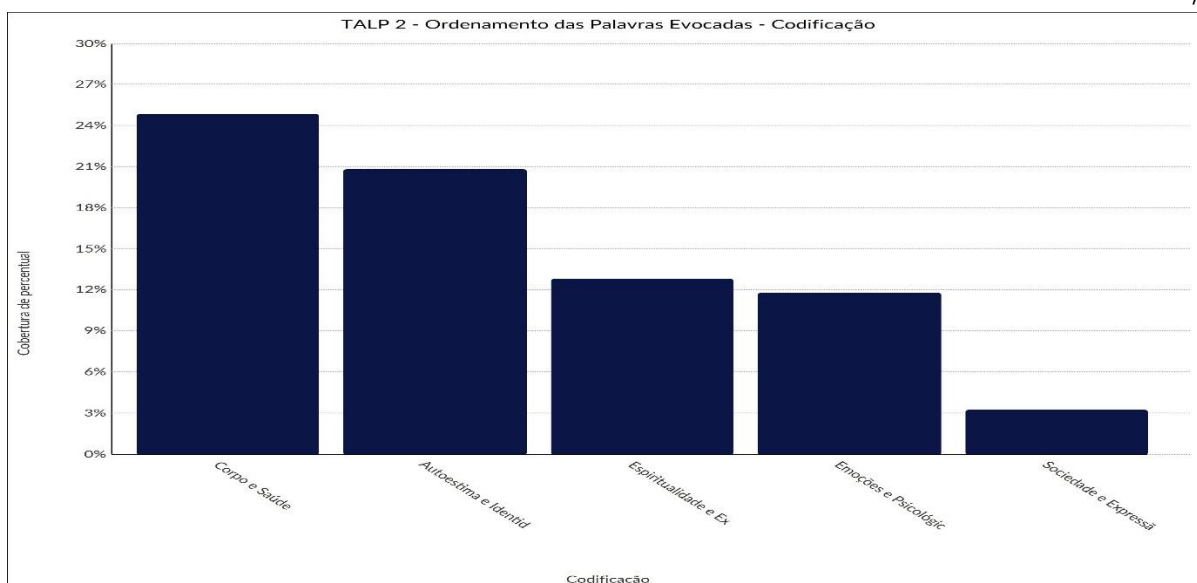
Essa categoria engloba as palavras que remetem aos aspectos que podem ser compreendidos como ligados a uma espiritualidade/religiosidade/sacralidade do corpo. As palavras são: Estrutura, Existência, Templo, Morada, Meu Eu, Resiliência, Lar, Receptáculo, Estrutural e Sustento.

Categoria 5: Sociedade e Expressões:

As palavras contidas nessa categoria expressam a ideia da percepção do social na compreensão do corpo. As palavras são: Meu Exterior, Minha Raça e Imagem.

O gráfico abaixo ajuda a compreender como as categorias impactam diferentemente os/as sujeitos/as da pesquisa.

Figura 4: Prevalência das palavras em cada categoria



Elaborado pelo Autor, 2025, criada no Software Nvivo15.

É possível perceber que a Categoria Corpo e Saúde tem uma maior prevalência de palavras elencadas, deixando transparecer a primeira visão que se tem do corpo o coloca no aspecto fisiológico ou relacionado a sua performance e saúde. Logo em seguida aparece a categoria Autoestima e Identidade, esse fato mostra que a percepção do corpo a partir de uma ideia de se sentir bem ou mal com sua aparência e estética ganha um espaço significativo na forma de perceber o Corpo. A proximidade com a primeira categoria deixa transparecer a ideia de que o corpo “saudável” e “belo” são as maiores buscas. As Categorias Espiritualidade e Existência e Emoções e Psicológico aparecem bem próximas com a quantidade de palavras que as compõem. Essa visão do corpo como algo que remete a algo sagrado, que representa uma essência do indivíduo se aproxima bastante da forma como essa percepção afeta o aspecto psicológico e as emoções, muitas vezes retratadas de uma forma negativa. Por fim, a categoria Sociedade e Expressão foi a que teve a menor quantidade de palavras contidas. Isso nos faz considerar que a o corpo como algo socialmente construído ou como pertencente a um meio social que podem lhe influenciar não está refletido na percepção que os/as discentes têm dos seus corpos.

Resende (2011, p. 73) propõe a reflexão de que “o corpo representa o *locus* de demarcação”. Essa demarcação é marcada pelas influências sociais e culturais as quais estamos expostos e contribuem para a determinação que passamos a assimilar como certo ou errado para homens e mulheres. Além disso, o autor apresenta que “o corpo, nessa perspectiva, está colocado como campo político, onde se inscrevem discursos e se constroem personalidades e identidades” (RESENDE, 2011, p. 78).

Na TALP 2 (“Para mim, meu corpo é...”), a descontextualização ganha nuances críticas. Termos como “feio” (1), “distorcido” (1) e “problemático” (1) emergem, indicando a apropriação individual de pressões estéticas. Como afirma Jodelet (2001), a seleção de elementos não se restringe à absorção passiva, mas inclui conflitos: a norma social do “corpo perfeito” é deslocada para a autorreflexão, convertendo-se em critérios de autojulgamento.

Formando o Núcleo Figurativo, princípio da Teoria da Representação Social, elaborando a organização simbólica das representações, é possível perceber que os elementos selecionados se organizam em núcleos figurativos, que convertem conceitos abstratos em símbolos concretos (JODELET, 2001). Na TALP 1, categorias como Corpo e Saúde (“músculos”, “movimento”) simbolizam o corpo como máquina biológica, enquanto “Autoestima e Identidade” (“beleza”, “identidade”) o transformam em “espelho social”. Já “Espiritualidade e Existência” (“templo”, “sagrado”) abstraem o corpo para um plano metafísico, desvinculado de contextos religiosos específicos.

Na TALP 2, os núcleos ganham contornos emocionais. A categoria “Emoções e Psicológico” (“insegurança”, “distorcido”) expõe angústias individuais, enquanto “Corpo e Saúde” (“forte”, “sedentário”) reforça a dualidade entre o ideal (corpo atlético) e o real (corpo com “falhas”). Esses núcleos, como destaca Abric (1994), operam como esquemas cognitivos estáveis (núcleo central: “saúde”) e flexíveis (zona periférica: “templo”), adaptando-se a contextos pessoais e coletivos.

A outra etapa, Naturalização, onde ocorre a incorporação das representações à realidade, os núcleos figurativos tornam-se “verdades” incontestáveis. Na TALP 1, a naturalização manifesta-se na moralização do corpo — “devemos cuidar do templo” —, desvinculada de suas origens religiosas e transformada em norma universal. Já na TALP 2, a autocobrança (“meu corpo é feio”) naturaliza padrões estéticos como critérios objetivos, obscurecendo sua construção social. Como aponta Jodelet (2001), esse processo transforma representações em “evidências”, como observado na categoria “Sociedade e Expressão”, onde a pressão social é internalizada como fato natural, não como produto histórico.

A análise evidencia a ancoragem (MOSCOVICI, 1976) das representações em instituições como a medicina e a mídia, que definem “saúde” e “beleza” como valores universais. Simultaneamente, a objetivação (JODELET, 2001) materializa esses conceitos em símbolos (ex.: músculos como sinônimo de saúde), consolidando-os como realidade. Essa dualidade reflete o núcleo central (normas estáveis) e a zona periférica (adaptações críticas) de Abric (1994), mostrando que as representações são dinâmicas e contestáveis.

Após a análise das palavras elencadas nas duas TALPs foi possível perceber a existência de correlações entre as palavras e as categorias, criando uma conexão mais profunda. Tendo em mente que o público da pesquisa são adolescentes e todas as transformações que ocorrem, tanto no aspecto físico quanto no aspecto emocional, as correlações das categorias surgem como uma forma de expressar melhor como o corpo é significado pelos/as participantes.

A observância da existência das correlações entre as palavras e as categorias, estimulou a construção visual de uma rede que ajuda a compreender melhor a dimensão que cada uma ocupa na construção das Representações Sociais acerca do corpo.

Para Le Breton (2007), é no Corpo que nascem e se propagam as significações do ser. É por meio do Corpo que os indivíduos se relacionam com o mundo. Através do Corpo é que se torna possível a própria vida e por onde se compartilham os simbolismos com os membros da sua comunidade.

É importante salientar que a ligação entre as palavras e as correlações que delas demonstram a complexidade de se compreender como as Representações Sociais do Corpo são complexas de serem analisadas.

A primeira correlação feita foi entre as categorias Autoestima e Identidade com Emoções e Psicológico. Essa correlação é importante, pois os adolescentes estão em pleno desenvolvimento de sua identidade e autoestima. As emoções e inseguranças são comuns e muitas vezes estão ligadas à forma como eles se veem e se sentem aceitos pelo grupo.

A segunda correlação foi entre as categorias Corpo e Saúde com Autoestima e Identidade. Essa correlação é importante pois a saúde física tem um impacto significativo na autoestima e na formação da identidade dos jovens. Preocupações com aparência, peso e imagem corporal são frequentes e afetam diretamente como eles se sentem consigo mesmos.

A terceira correlação foi feita entre as categorias Espiritualidade e Existência com Emoções e Psicológico. As questões existenciais e espirituais começam a surgir nessa idade, levando os adolescentes a refletirem sobre o seu lugar no mundo e o propósito de suas vidas. Esse processo pode gerar uma variedade de emoções, desde ansiedade até um sentido mais profundo de realização.

As TALPs revelam como adolescentes internalizam representações sociais do corpo através das três fases de Jodelet (2001): 1. Seleção de elementos normativos (saúde, beleza), descontextualizados de suas origens; 2. Organização em núcleos figurativos (corpo como máquina, corpo como projeto estético); 3. Naturalização como verdades inquestionáveis.

Após a aplicação da segunda TALP foi dado início a atividade da Oficina 1, intitulada:

A Construção do Corpo. Para a realização da Oficina a turma foi dividida em seis equipes, sendo três compostas exclusivamente por mulheres, duas compostas de forma mista com homens e mulheres e uma exclusivamente masculina. A organização das equipes, dessa forma, foi uma organização da própria turma. Não houve interferência do pesquisador na formação das equipes.

As equipes receberam uma folha de cartolina e uma caixa de lápis de cor, em seguida foi dado o comando para a atividade, que consistia em “Desenhar um corpo”. Não foi dada nenhuma instrução adicional de como o corpo deveria ser desenhado, deixando as equipes completamente livres para poderem pensar e executar como achassem mais conveniente. A segunda parte da atividade seria a apresentação do desenho para as demais equipes.

Abaixo serão apresentados os desenhos feitos pelas equipes.

Figura 5: Desenho Grupo 1



Figura 6: Desenho Grupo 2

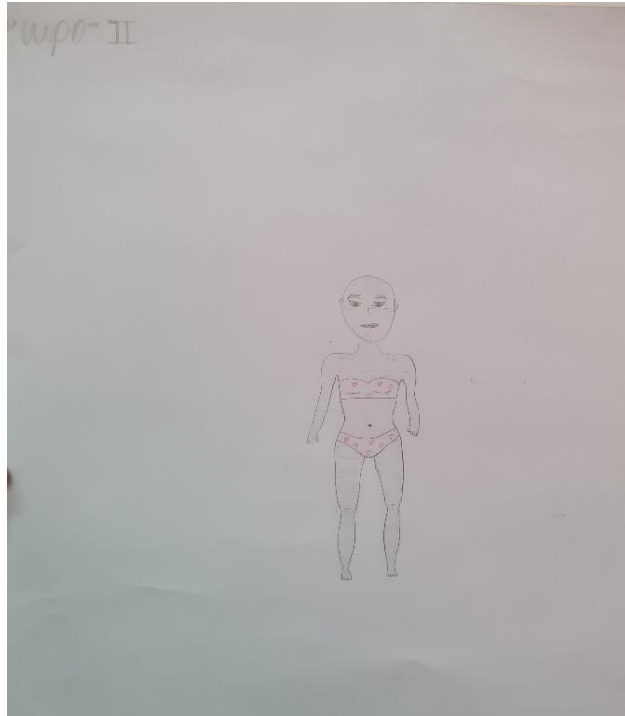


Figura 7: Desenho Grupo 3

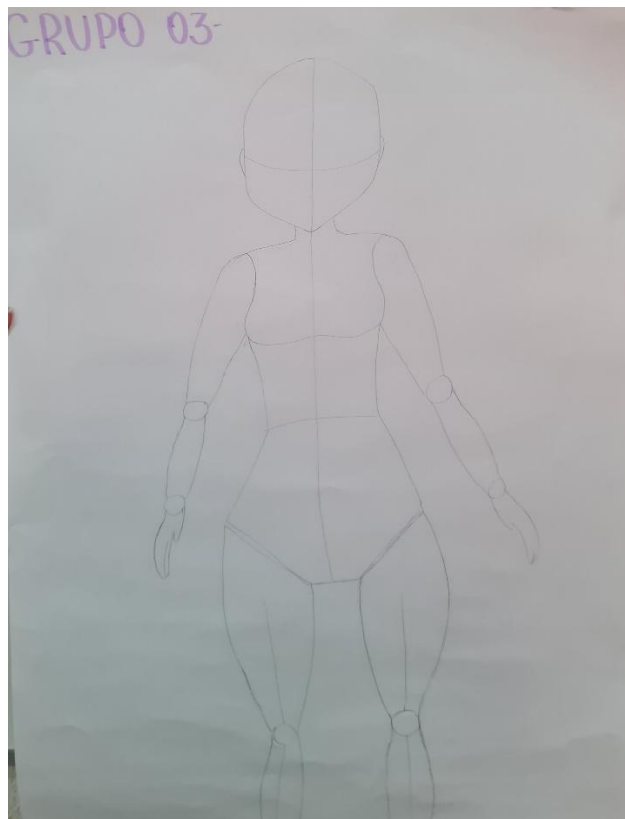


Figura 8: Desenho Grupo 4

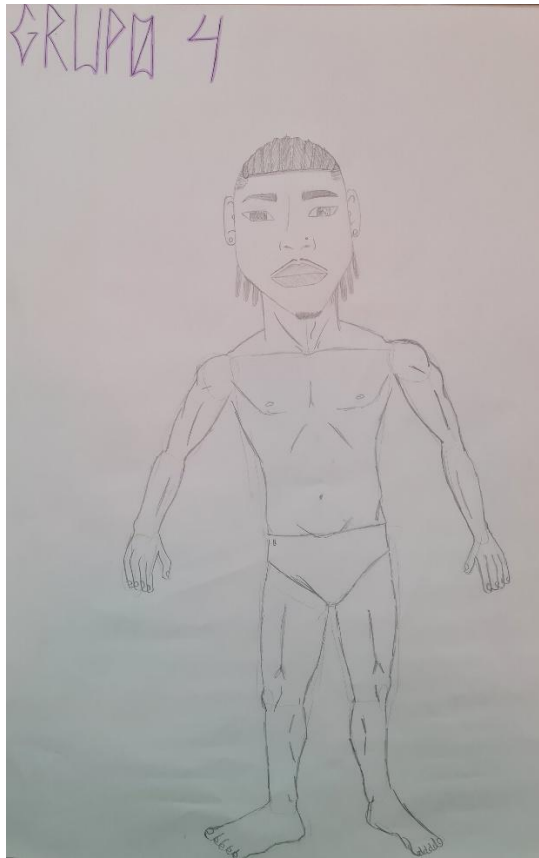


Figura 9: Desenho Grupo 5



Figura 10: Desenho Grupo 6



Após a etapa do desenho, que teve duração de 30 minutos, as equipes fizeram a exposição dos seus desenhos para as demais equipes. Durante a realização dessa etapa a equipe que estava apresentando não deveria falar nada sobre a construção do desenho. A equipe deveria ouvir as impressões que os demais tiveram sobre o seu desenho e, no final, falaria o que estava sendo pensado quando fizeram o desenho e se os colegas se aproximaram ou distanciaram do que eles pensaram inicialmente.

As equipes falaram as impressões que tiveram ao observar os desenhos. A intenção do exercício era explorar o que seria possível perceber e como essa visualização era expressada por meio dos estereótipos.

Ao falarem do desenho da Equipe 1, todas as equipes concordaram que se tratava da imagem de um corpo feminino e isso era ressaltado pela roupa, pelo cabelo mais longo, e traços mais delicados no rosto. Além disso o aspecto de ter os seios maiores também reforçava a ideia de ser um corpo de mulher. As equipes destacaram que se tratava de um corpo de “mulher padrão”, uma vez que representava uma mulher jovem e que treinava, mantendo um corpo que atendia aos padrões estéticos. Outro ponto destacado foi o tom da pele, que representa mais as

características das mulheres cearenses, com tom de pele pardo.

Quando o desenho da Equipe 2 foi apresentado gerou alguns debates sobre a representação. Todas as equipes concordaram que se tratava de uma representação feminina, pois estava sendo usado um biquini. Esse foi o traço mais marcante para a caracterização do gênero do desenho. Depois falaram que as características do rosto também representavam um corpo feminino, pois tinha a sobrancelha demarcada e olhos delineados. Foi destacado o fato de ter um corpo padrão, seguindo um modelo estético socialmente estabelecido. O fato de o desenho não ter cabelo levantou algumas considerações, como sendo uma forma de quebrar estereótipos e mostrar que mulheres podem ter o cabelo raspado e alguns falaram que poderia ser uma pessoa se recuperando de um tratamento oncológico, por isso estava careca.

O desenho do Grupo 3 foi um pouco mais enigmático, pois está retratado como um manequim, sem traços desenhados. As equipes concordaram que se tratava de um corpo feminino porque o manequim tem uma representação de seios pequenos, tem a cintura fina e os quadris largos. Essas características foram apontadas como sendo típicas de um corpo de mulher. Esse desenho também foi compreendido como sendo de um corpo padrão, que não foge das cobranças estéticas sociais.

Quando o desenho do Grupo 4 foi apresentado as equipes foram unânimes em afirmar que se tratava da representação de um homem preto. As equipes destacaram alguns aspectos, como o cabelo com as tranças afro, o rosto mais largo, o formato do nariz e dos lábios como traços característicos de pessoas pretas. Foi destacado o corpo atlético do desenho dando a entender que seria algum atleta ou alguém que praticava bastante exercícios, sendo um corpo que se enquadra dentro do padrão estético tido como desejado. A Equipe 4 era composta exclusivamente por homens, e eles disseram que buscaram representar um corpo com algumas características que demonstram a ideia de valorização da raça preta. A equipe era composta por seis integrantes e quatro deles se identificam como pretos. A equipe justificou a escolha do desenho como uma forma de valorizar os traços da negritude, que muitas vezes são malvistas, como o cabelo afro. A ideia de representar com um corpo mais atlético se deu porque os integrantes da equipe participam com frequência de atividades esportivas, sendo que quatro deles jogam no time de basquete da escola.

A imagem do Grupo 5 foi vista como sendo de uma mulher, pois estava usando um biquini, tinha os seios grandes e o quadril alargado. Também foi destacado o fato de ter o cabelo longo, sobrancelhas feitas e olhos delineados e a boca com batom, além das unhas pintadas de vermelho. Esses traços são apresentados como sendo uma representação feminina. O que

chamou a atenção nas falas foi o fato de um dos grupos ter manifestado que poderia ser a representação de uma mulher trans ou travesti, pois acharam que os traços, apesar de serem femininos, traziam um pouco de masculinidade. Dentre os desenhos feitos o do Grupo 5 trazia um corpo com algumas imperfeições. A equipe era composta exclusivamente por mulheres, que afirmaram quererem trazer a representação de uma mulher com alguns traços tidos como imperfeitos, como alguma gordura fora do lugar ou estrias. A equipe justificou a escolha do desenho afirmando que queriam desenhar um corpo de uma pessoa real, com as demandas do cotidiano corrida e que não tem tempo para se dedicar a uma atividade física constante ou dinheiro suficiente para as dietas bem elaboradas ou procedimentos estéticos.

O desenho do Grupo 6 foi apontado como sendo o desenho de um corpo de uma mulher, devido ao uso do biquini, ter os seios pequenos e a cintura fina. Foi apontada como uma representação de uma mulher preta, pois alegaram que o cabelo retratado era um penteado característico além de destacar o formato do nariz e dos lábios. Foi destacado o fato de ser uma mulher magra, parecendo uma modelo, e ter o corpo dentro de um padrão estético desejado.

É possível perceber que as representações desenhadas trazem a imagem de corpos que atendem aos padrões estéticos que são comuns nos dias atuais. São desenhos de corpos que são magros, mas com a imagem de um corpo trabalhado em academia, ou que passaram por procedimentos estéticos para chegar ao corpo desejado socialmente. As imagens retratam corpos que não são dissonantes, como um corpo gordo, ou magérrimo.

As representações desenhadas refletem algo que já havia sido observado. Crianças foram convidadas a fazerem desenhos corporais e os meninos representavam as figuras dos “fortões” e “heróis da tv”, enquanto as meninas demonstravam a representação por meio do desenho de “loira-imaginária”, a “magrela” ou a “engraçadinha”. Percebe-se uma possível influência da mídia ao impor ideais corporais desde a infância, antecipando expectativas de corpos “perfeitos” e reforçando estereótipos de gênero (ALMEIDA, WIGGERS, JUBÉ, 2014).

O grupo 5 foi o único que se propôs a mostrar alguma imperfeição no padrão estético e ter sido apontado como sendo um corpo dissidente, com possíveis olhares da possibilidade de ser uma mulher transexual/travesti, chama a atenção, pois os corpos que estavam representados no padrão estético tido como desejável não tiveram esse tipo de indagação.

Após a análise das TALPs e da atividade dos desenhos foi possível perceber a forma como os/as discentes se percebem e percebem os corpos ao seu redor. Eles/as têm uma visão mais críticas de si, sendo muitas vezes, mais duros com a forma como percebem o próprio corpo, tendo falas e demonstrações de sentimentos negativos. Quando vão abordar os corpos

em um contexto mais geral, eles/as tendem a reproduzir uma visão de corpo mais relacionada com o padrão estético socialmente imposto, sendo mais quisto o corpo magro, com a aparência de treinamento e com curvas bem definidas.

Apesar da predominância de normas sociais, a menção a “imperfeições” (Grupo 5) sugere fissuras na naturalização, apontando para a possibilidade de intervenções pedagógicas que problematizem essas representações. Romper com a naturalização exige, como propõe Moscovici (1976), desvincular conceitos de suas âncoras institucionais, promovendo uma leitura crítica do corpo como construção social.

OFICINA 2 – ESTEREÓTIPOS CORPORAIS E DE GÊNERO E IMPACTOS NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

A segunda oficina foi realizada no dia 15/08/2024. Para a realização da oficina a turma foi dividida em 6 grupos, sendo quatro formado exclusivamente por mulheres e dois formados exclusivamente por homens. A divisão se deu pela necessidade de ouvir a interpretação que homens e mulheres dariam as questões propostas.

A oficina consistia em responder a quatro questões: “Quais as vantagens de ser mulher?”, “Quais as desvantagens de ser mulher?”, “Quais as vantagens de ser homem?” e “Quais as desvantagens de ser homem?”. Cada grupo deveria responder as quatro questões e foi dado o tempo de 30 minutos para que pudessem conversar entre si e responder.

Após o prazo das respostas foi solicitado que as equipes devolvessem as folhas de perguntas com as suas respostas. Cada folha estava identificada apenas com o número correspondente da equipe, sem a identificação dos membros participantes para evitar qualquer situação de constrangimento na hora da leitura das respostas. Foi pensada em uma dinâmica de apresentação das respostas sem que as equipes precisassem se revelar. Após recolher todas as folhas de respostas o pesquisador conectou o tablet ao projetor multimídia da sala e para poder escrever as respostas dadas para cada questão.

Ficou combinado que a ordem das perguntas a serem respondidas seria: “Quais as vantagens de ser mulher?”, “Quais as desvantagens de ser mulher?”, “Quais as vantagens de ser homem?” e “Quais as desvantagens de ser homem?”. Dessa forma, sem identificar a equipe que estava respondendo seriam escritas todas as respostas em cada uma das perguntas. A única divisão feita é que seria apresentado na visão feminina e na visão masculina cada uma das respostas.

Quadro 7. Ponto de Vista Feminino

PONTO DE VISTA FEMININO			
Quais as vantagens de ser mulher?	Quais as desvantagens de ser mulher?	Quais as vantagens de ser homem?	Quais as desvantagens de ser homem?
Poder gerar uma criança; Alistamento militar não obrigatório; Mais inteligentes; Mais resistentes a dor; Sistema imunológico melhor; Podem demonstrar seus sentimentos; Não são recrutadas para o exército; Longevidade; Emocional mais apurado; Apoio social; Engravidar; Não ser homem; Maior expectativa de vida; Solidariedade feminina (rede de apoio); Ter uma beleza extraordinária, pode levá-la ao topo;	Menstruar; Sentir dor do parto; Padrões inseridos pela sociedade; Assédio; Falta de segurança; Preconceito/discriminação; Desigualdade social; Julgamentos (até pela forma de se vestir); Não pode andar sozinha (principalmente a noite); Não pode andar com a roupa que quiser; Não recebe um salário adequado apenas por causa do gênero (desigualdade de gênero); Tem que passar pelo ciclo menstrual, onde sente dor, confusão emocional e hormonal e o peso aumenta; Gestação; Maior risco de sofrer assédio; Possuir ciclo menstrual; Desigualdade salarial;	Usar a roupa desejada; Receber mais; Vantagem de emprego; Menos pressão quanto a estética; Mais resistência física; Pode andar na rua sem medo de assédio; Não sofrem tanta discriminação; Não menstruam; Menos pressão social em relação a estética; Facilidade em conseguir emprego; Maior força física; Menor chances de sofrer assédio; Não tem ciclo menstrual; Segurança física e pessoal; Mais liberdade; Oportunidades	Poder escolher com quem vai ficar (não pode rejeitar); Assédio encoberto, em silêncio, não pode denunciar; Não demonstrar fraqueza (homem não chora); Alistamento militar obrigatório; Homens não podem elogiar outros homens; Se for gay, muitas (preconceito, exclusão social, desemprego, repreensão da família), se não for, nenhuma; Maior risco de possuir doenças; Maior risco para a sobrevivência em atividades/trabalhos; (Não) aceitação da sexualidade; Tabu sobre emoções

PONTO DE VISTA FEMININO			
Quais as vantagens de ser mulher?	Quais as desvantagens de ser mulher?	Quais as vantagens de ser homem?	Quais as desvantagens de ser homem?
	Maior violência de gênero; Maior pressão psicológica; Facilidade de sofrer assédio e violência física como o feminicídio; Porcentagem de sequestro mais elevada, por ser “sexo frágil”; As dores do período menstrual e parto; Falta de cuidado médico na hora do parto; Julgamento na sua vestimenta; Pressão em relação a padrões estéticos;	trabalhistas e salariais; Não menstruar e não gerar uma criança; “Ficar” emocionalmente com várias mulheres e não ser chamado de “rodado”;	(reprimir emoções por ser visto como sexo forte);

Elaborado pelo Autor, 2025.

Quadro 8. Ponto de Vista Masculino.

PONTO DE VISTA MASCULINO			
Quais as vantagens de ser mulher?	Quais as desvantagens de ser mulher?	Quais as vantagens de ser homem?	Quais as desvantagens de ser homem?
Auxílio maternidade; Autocuidado; Tendência de serem mais responsáveis; Aposenta mais cedo; Não precisa de alistamento militar;	Sofrer machismo; Assédio; Cólica/menstruação; Menos oportunidades de ser chefe no emprego; O corpo é sexualizado	Mais força física; Autoridade maior; Não sofre discriminação social; Se sentir seguro ao andar sozinho na rua; Seu corpo é menos	Morte precoce; Alistamento militar obrigatório; Não pode demonstrar emoções; Não poder demonstrar

Recebe mais atenção da sociedade; É vista com delicadeza/precisa ser protegida; O homem paga no primeiro encontro tradicionalmente;	pela sociedade/mídia; Mais insegurança em relação ao corpo; Ser fisicamente mais fraca; Ter ciclo menstrual/parir; Hormônios desregulados; Menopausa; Menos oportunidades no mercado de trabalho; Cultura machista; Cobrança em ser uma boa dona de casa/casar; Insegurança/medo em relação a homens;	sexualizado; Menos pressão social em relação a aparência; Maior força física;	fraqueza; Pressão social em relação ao sexo; Alistamento militar/convocação à guerra; Somos mais marginalizados; Expectativa da sociedade em relação ao sucesso financeiro; Custódia e paternidade; Mais propensos a manifestar comportamentos perigosos/viciosos; Aposentadoria tardia; Trabalhos de alto risco são ocupados por homens; Masculinidade deve ser reafirmada; A saúde do homem é menosprezada;
---	--	---	---

Elaborado pelo Autor, 2025.

Analisando os dados apresentados nos quadros, Ponto de Vista Feminino e Ponto de Vista Masculino, é possível identificar como as representações sociais de feminilidade e masculinidade são objetivadas em três fases propostas por Jodelet (2001): seleção e descontextualização, formação do núcleo figurativo e naturalização.

Na primeira fase, elementos teóricos são extraídos e reorganizados com base em normas culturais. Partindo do Ponto de Vista Feminino, destacam-se vantagens como a “capacidade

biológica de gerar filhos” e a “isenção do alistamento militar”, enquanto as desvantagens incluem “menstruação”, “assédio” e “desigualdade salarial”. Esses elementos refletem critérios culturais que associam a mulher à maternidade e à emotividade, enquadrando-as em papéis de cuidado, ao mesmo tempo que naturalizam sua vulnerabilidade a violências estruturais (JODELET, 2001). Já no Ponto de Vista Masculino, as vantagens como “força física” e “segurança pessoal” contrastam com desvantagens como “repressão emocional” e “alistamento militar obrigatório”. Tais seleções evidenciam a masculinidade hegemônica, que vincula homens à força e ao dever de proteção, enquanto invisibiliza suas fragilidades (ABRIC, 2001).

Na segunda fase, os elementos selecionados condensam-se em núcleos figurativos. Para as mulheres, emerge a imagem da “cuidadora vulnerável”, que conjuga a capacidade de gerar vida com riscos sociais como assédio e desigualdade. A “solidariedade feminina” e a “expressão emocional” compõem um imaginário de comunidade protetora, mas também reforçam estereótipos que limitam as mulheres a papéis domésticos e emocionais (MOSCOVICI, 1976). Para os homens, o núcleo figurativo do “provedor reprimido” destaca a força física como símbolo de domínio, enquanto a obrigação do alistamento militar e a repressão emocional ilustram a contradição entre privilégios e expectativas opressivas. Como afirma Abric (2001), o núcleo figurativo funciona como um “organizador central” que estabiliza significados, mesmo que paradoxais.

Na terceira fase, os núcleos figurativos tornam-se “verdades” socialmente internalizadas, ou seja, ocorrendo a naturalização. Para as mulheres, a associação entre feminilidade e maternidade é naturalizada, justificando desigualdades como salários menores e dupla jornada. A vulnerabilidade a violências, por sua vez, é percebida como “inerente ao ser mulher”, e não como fruto de estruturas patriarcais (JODELET, 2001). Já para os homens, a “força física” e a “autoridade” são vistas como atributos naturais, legitimando sua predominância em posições de poder, enquanto a repressão emocional é aceita como parte indissociável da identidade masculina. Essa naturalização, conforme Moscovici (1976), transforma construções culturais em “fatos óbvios”, dificultando a crítica.

Utilizando a metodologia de Análise de Conteúdo delineada por Bardin (2016), que é uma ferramenta para decifrar comunicações de maneira sistemática, desvendando as representações sociais que se ocultam por trás das mensagens. Pode-se perceber que os escritos projetam uma imagem positiva da feminilidade, enfatizando os atributos biológicos, sociais e emocionais inerentes à condição feminina. Predominantemente, evoca sentimento de orgulho e apreciação, ressaltando a resiliência e a singular capacidade de dar à luz. Como afirmou

Resende (2011, p. 80), “os discursos impostos constantemente ao corpo estruturam comportamentos, subjetividades, modos de ser homem e mulher”.

Pôde-se perceber algumas categorias emergentes, como Biológicas (procriação, tolerância à dor, robustez imunológica), Sociais (dispensa do serviço militar, suporte comunitário, camaradagem entre mulheres), Emocionais (expressividade emocional, sensibilidade aprimorada) e Existenciais (maior expectativa de vida, a perspectiva de não ser homem), compõem um mosaico que exalta a experiência e as contribuições femininas, ao mesmo tempo em que confronta estereótipos, sugerindo uma complexidade e riqueza que transcendem as meras características físicas ou de gênero.

Utilizando a abordagem sistemática e objetiva proposta por Bardin (2016), a análise transforma narrativas qualitativas em dados quantitativos. A aplicação dessa técnica ao texto apresentado revela que as vantagens de ser mulher são percebidas através de uma lente que valoriza igualmente as dimensões biológicas e sociais. Sentimento de orgulho e estima são evidentes, particularmente em relação à capacidade de gerar vida e à resiliência tanto física quanto emocional. As categorias identificadas incluem: Capacidades Biológicas (concepção, resistência à dor, defesa imunológica), Benefícios Sociais (isenção do recrutamento militar, rede de apoio, solidariedade entre mulheres), Qualidades Psicológicas (perspicácia, sensibilidade emocional, habilidade de expressar sentimentos) e aspectos de Identidade e Longevidade (a experiência de não ser homem, expectativa de vida prolongada). Esta representação social espelha uma perspectiva positiva da feminilidade, destacando a complexidade e a profundidade da experiência feminina.

A partir das falas expressadas pelos/as discentes, pôde-se perceber que aquilo apontado como vantagens de ser mulher são de origens diversas e abrangem vários aspectos da vida, como:

Vantagens Biológicas e Físicas: Poder gerar uma criança: A capacidade de gerar e dar à luz é uma experiência única e profundamente significativa. Mais resistentes à dor: As respostas indicam que as mulheres têm uma maior tolerância à dor. Sistema imunológico melhor: As mulheres são apontadas como tendo sistemas imunológicos mais robustos, o que pode contribuir para uma maior longevidade. Longevidade: Em média, as mulheres vivem mais do que os homens.

Vantagens Sociais e Emocionais: Apoio social: As mulheres são apontadas como, geralmente, as pessoas que têm redes de apoio social mais fortes, o que pode proporcionar maior suporte emocional. Podem demonstrar seus sentimentos: Indica-se que a sociedade muitas

vezes permite que as mulheres expressem suas emoções mais livremente, o que pode ser benéfico para a saúde mental. Solidariedade feminina (rede de apoio): A uma indicação de que existe uma solidariedade entre mulheres que pode criar um forte senso de comunidade e apoio mútuo.

Vantagens Culturais e Legais: Alistamento militar não obrigatório: Em muitos países, as mulheres não são obrigadas a se alistar no serviço militar. Não são recrutadas para o exército: Similar ao ponto anterior, isso pode proporcionar mais liberdade de escolha em relação à carreira e vida pessoal.

Vantagens Psicológicas e Intelectuais: Mais inteligentes: As mulheres são indicadas como tendo maior inteligência, que as podem levar a terem vantagens em certas habilidades cognitivas. Emocional mais apurado: As mulheres são retratadas como pessoas que, frequentemente, demonstram uma maior inteligência emocional, o que pode ajudar em relacionamentos e na resolução de conflitos.

Outras Vantagens: Maior expectativa de vida: As mulheres tendem a viver mais tempo, o que pode ser atribuído a uma combinação de fatores biológicos e comportamentais. Ter uma beleza extraordinária, pode levá-la ao topo: A beleza pode abrir portas em várias áreas, embora seja importante lembrar que o valor de uma pessoa vai muito além da aparência física.

Essas vantagens mostram que ser mulher envolve uma combinação de atributos biológicos, sociais, emocionais e culturais que podem proporcionar uma vida rica e diversificada.

A Análise do Conteúdo apresentado sob a perspectiva feminina revela uma série de desvantagens associadas ao gênero que são profundamente enraizadas em estruturas sociais e culturais. Os sentimentos evocados por essas respostas variam desde a frustração e o medo até a indignação e a resiliência. As categorias que emergem deste texto incluem discriminação de gênero, violência, saúde e bem-estar, e pressões sociais.

A discriminação de gênero: fica evidente nas falas que ressaltam aspectos como a desigualdade salarial e a falta de segurança, refletindo uma sociedade que ainda valoriza menos as contribuições femininas e perpetua a vulnerabilidade das mulheres.

A violência: tanto física quanto psicológica, é uma preocupação constante, manifestada pelo assédio e pelo risco elevado de feminicídio, destacando a necessidade urgente de mudanças nas leis e na consciência social para proteger as mulheres.

Saúde e bem-estar: questões como a menstruação e a dor do parto são mencionadas não apenas como desafios físicos, mas também como fontes de estigma e incompreensão. A falta

de cuidado médico adequado durante o parto é particularmente alarmante, pois aponta para deficiências sistêmicas nos cuidados de saúde para mulheres.

Pressões sociais: são abordadas através da crítica aos padrões estéticos impostos e ao julgamento baseado na vestimenta, refletindo uma sociedade que ainda impõe regras rígidas sobre a aparência feminina e a autonomia pessoal. Essas categorias não são exclusivas, mas interconectadas, demonstrando como a experiência feminina é afetada por uma complexa teia de expectativas e restrições sociais.

A representação social dessas respostas aponta para uma realidade em que as mulheres são frequentemente forçadas a navegar por um ambiente hostil e desigual. No entanto, também há uma subcorrente de resistência e desejo de mudança, sugerindo que, apesar dos desafios, há um impulso contínuo em direção à igualdade e ao empoderamento. A reflexão sobre essas questões é crucial para entender a dinâmica de gênero na sociedade e para promover um futuro mais justo e equitativo para todos os gêneros.

A análise realizada sob a perspectiva feminina sobre as vantagens de ser homem revela uma série de representações sociais que destacam disparidades de gênero percebidas. As respostas evocam sentimentos de injustiça e desigualdade, sugerindo que os homens desfrutam de privilégios em diversas esferas da vida social, profissional e pessoal. São apontados pelas participantes algumas categorias que emergem do texto incluem liberdade de escolha, segurança, oportunidades econômicas e sociais, e ausência de certas pressões biológicas e sociais.

A liberdade de escolha: Fica evidenciada pela capacidade de usar a roupa desejada, aponta para uma maior autonomia percebida dos homens em expressar sua individualidade sem o medo de julgamento ou represália.

A segurança: Apresenta-se tanto física quanto pessoal, é uma categoria significativa, ressaltando a capacidade de andar na rua sem medo de assédio, uma liberdade muitas vezes negada às mulheres.

As oportunidades econômicas e sociais: Elas apontam questões como vantagem de emprego e melhores salários, destacam as desigualdades no mercado de trabalho que favorecem os homens.

A ausência de pressões biológicas: É destacado fatores como a menstruação, no aspecto biológico, e sociais, como a menor pressão estética, reflete uma carga diferenciada de expectativas e responsabilidades atribuídas a cada gênero.

Essas categorias não apenas refletem as vantagens percebidas de ser homem, mas

também sublinham as desvantagens enfrentadas pelas mulheres, criando um contraste que reforça a necessidade de reflexão e diálogo sobre igualdade de gênero. A análise sugere que, enquanto os homens podem navegar por espaços sociais e profissionais com menos barreiras, as mulheres muitas vezes enfrentam obstáculos adicionais que limitam sua liberdade e oportunidades.

A Representação Social aqui discutida pode servir como ponto de partida para debates mais amplos sobre como as normas de gênero são construídas e perpetuadas, e como elas podem ser desafiadas e reformuladas para promover uma sociedade mais justa e equitativa. Ao destacar essas categorias e sentimentos, a análise contribui para uma compreensão mais profunda das experiências vividas por diferentes gêneros e para o desenvolvimento de estratégias que visem a equidade de gênero em todos os aspectos da vida.

A análise do texto proposto, sob a perspectiva da Análise de Conteúdo de Bardin (2016), revela uma representação social do homem permeada por contradições e pressões normativas. As respostas sugerem que os homens enfrentam expectativas sociais rígidas que limitam a expressão de vulnerabilidade e emoções, como evidenciado pela crença de que "homem não chora" e pelo tabu em torno da expressão emocional. A obrigação do alistamento militar e a proibição tácita de elogiar outros homens são reflexos de uma cultura que valoriza a força e a resiliência masculinas, muitas vezes em detrimento da saúde mental e emocional.

Os sentimentos evocados pelas respostas incluem frustração, restrição e conflito interno, especialmente em relação à liberdade de escolha e à capacidade de expressar sentimentos genuínos. A questão do assédio encoberto e a incapacidade de denunciar tais atos apontam para uma vulnerabilidade muitas vezes invisível aos olhos da sociedade, que pode levar ao isolamento e ao sofrimento em silêncio.

A partir das falas expressadas foi possível perceber o surgimento de categorias que podem ser formadas a partir das respostas, como: Normas de Gênero, que abrangem as expectativas sociais e culturais impostas aos homens; Saúde e Risco, referindo-se às preocupações com doenças e a maior probabilidade de se envolver em trabalhos perigosos; Sexualidade e Identidade, que tocam na aceitação da diversidade sexual e nas consequências do preconceito; e Expressão Emocional, que trata da repressão de emoções e do impacto dessa repressão no bem-estar dos homens.

Essa análise sugere que a Representação Social do homem é complexa e multifacetada, com implicações significativas para o entendimento das dinâmicas de gênero e para o desenvolvimento de políticas e práticas que promovam a igualdade e o bem-estar. É crucial que

tais representações sejam continuamente questionadas e reavaliadas, a fim de permitir uma sociedade mais inclusiva e empática para todos os gêneros.

A análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin, envolve a categorização de elementos textuais para a compreensão de significados e representações sociais subjacentes. No texto apresentado, que explora o Ponto de Vista Masculino sobre as vantagens de ser homem, é possível identificar uma série de categorias e sentimentos associados à experiência masculina na sociedade.

A partir do que foi apontado pelos discentes, percebemos que, primeiramente, a repetição da "maior força física" sugere uma valorização social da virilidade e robustez, que pode evocar sentimento de orgulho e responsabilidade, mas também de pressão para se conformar a esse ideal. A "autoridade maior" e a sensação de segurança ao "andar sozinho na rua" refletem uma percepção de poder e controle, que pode gerar confiança, mas também desconhecimento das inseguranças frequentemente enfrentadas pelas mulheres.

Para os participantes a ausência de "discriminação social" e a menor sexualização do corpo masculino apontam para uma vantagem estrutural, onde o homem é menos sujeito a julgamentos e objetificação, o que pode resultar em sentimentos de liberdade e igualdade, embora essa percepção possa ser questionada por grupos que enfrentam discriminação de gênero. O fato de apontarem existir "menos pressão social em relação à aparência" destaca uma disparidade de expectativas entre os gêneros, onde os homens participantes sentem-se menos pressionados a atender a padrões estéticos rigorosos, podendo levar a uma sensação de alívio ou indiferença.

Essas categorias formadas revelam uma representação social do homem como um ser autônomo, forte e desimpedido por barreiras sociais que muitas vezes afetam as mulheres. Contudo, é crucial reconhecer que essas vantagens são generalizações e não capturam a complexidade das experiências individuais, que podem ser influenciadas por outros fatores como classe, raça e orientação sexual. Além disso, a reflexão sobre essas vantagens pode promover um diálogo sobre como as normas de gênero são construídas e sustentadas, e como podem ser desafiadas para promover uma sociedade mais equitativa.

A Análise do Conteúdo apresentado, sob a perspectiva da representação social do homem, a partir do Ponto de Vista Masculino, revela uma série de sentimentos e pressões que são frequentemente associados ao gênero masculino. As desvantagens listadas evocam sentimentos de vulnerabilidade, pressão e marginalização. Por exemplo, a morte precoce e os trabalhos de alto risco são apontados como fatores que refletem a expectativa de que os homens

assumam papéis perigosos, enquanto a pressão para não demonstrar emoções ou fraqueza indica uma sociedade que valoriza a força e a resiliência emocional em detrimento da expressão sincera dos sentimentos.

As categorias que podem ser formadas a partir dessas respostas incluem saúde e longevidade, com questões como aposentadoria tardia e menor atenção à saúde do homem; obrigações sociais e legais, como o alistamento militar obrigatório; e normas de gênero, que impõem expectativas sobre o comportamento e o sucesso financeiro. A custódia e paternidade destacam as dificuldades enfrentadas pelos homens nas disputas familiares, enquanto a marginalização e a pressão social relacionada ao sexo apontam para as complexas dinâmicas de poder e expectativas sociais.

Essa reflexão sobre a representação social do homem sugere que há uma necessidade de reavaliar as normas de gênero e as expectativas que limitam a experiência masculina. Ao reconhecer e abordar essas questões, pode-se promover uma sociedade mais equitativa que permita a todos os indivíduos expressarem suas vulnerabilidades e forças sem o medo de julgamento ou marginalização.

A Análise de Conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016), permite uma abordagem sistemática e objetiva do discurso, revelando as representações sociais subjacentes. O texto apresentado reflete uma perspectiva masculina sobre as vantagens percebidas de ser mulher, que podem ser categorizadas em benefícios sociais, como o auxílio maternidade e a atenção diferenciada da sociedade; responsabilidades e expectativas de comportamento, como a tendência a ser mais responsável e o autocuidado; e normas culturais, como a aposentadoria precoce e o homem pagar no primeiro encontro.

Os sentimentos evocados por essas respostas podem ser ambivalentes. Por um lado, há um reconhecimento das facilidades e suportes oferecidos às mulheres, como o auxílio maternidade e a aposentadoria precoce, que podem evocar sentimentos de gratidão ou satisfação. Por outro lado, a expectativa de que as mulheres sejam protegidas ou que recebam mais atenção pode ser interpretada como uma forma de paternalismo ou infantilização, evocando sentimento de frustração ou resistência.

Além disso, a responsabilidade adicional e a expectativa de autocuidado podem sugerir uma carga de trabalho emocional e físico maior para as mulheres, o que pode evocar sentimentos de sobrecarga ou orgulho pela capacidade de gerenciar tais responsabilidades. A isenção do alistamento militar pode ser vista como uma vantagem, mas também pode refletir uma visão estereotipada de gênero sobre a capacidade e o papel das mulheres na sociedade.

As categorias que podem ser formadas a partir dessas respostas incluem: Benefícios sociais e legais, expectativas de comportamento e cuidado pessoal, normas culturais e de gênero, e percepções de capacidade e papel social. Essas categorias refletem não apenas as vantagens percebidas, mas também as complexidades e desafios inerentes às representações sociais de gênero. A reflexão sobre essas categorias pode contribuir para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e das experiências individuais das mulheres na sociedade contemporânea.

A análise do texto apresentado revela uma Representação Social da mulher permeada por desvantagens e desafios significativos. As respostas sugerem sentimentos de empatia e preocupação em relação às dificuldades enfrentadas pelas mulheres, evidenciando uma consciência das desigualdades de gênero. As categorias que emergem do texto incluem discriminação de gênero, violência, saúde reprodutiva, desigualdade no local de trabalho, objetificação do corpo feminino, insegurança corporal, e pressões sociais e culturais.

Dias (2015) apresenta um destaque sobre como o corpo passa a ser um fenômeno social, fruto de um discurso dicotômico e que está, também, relacionado as práticas pedagógicas no interior da escola.

A naturalização do corpo passa a ser fenômeno social e simbólico que repercute na socialização de homens e mulheres, através da ideia de que a cultura condiciona as representações e imaginários sobre o masculino e feminino, ou seja, as masculinidades e feminilidades. Nesse caso, tem-se como fruto um discurso dicotômico visto que será possível a identificação de corpos educados e corpos não educados, corpos civilizados e corpos incivilizados, corpos naturalizados e corpos ambíguos que influenciarão a socialização dos indivíduos, principalmente na prática pedagógica e no processo de socialização escolar (DIAS, 2015, p. 75).

O texto demonstra que o corpo é um campo de disputa política, onde normas sociais e culturais são impostas e contestadas. A educação, enquanto espaço de reprodução e resistência, precisa problematizar estereótipos e promover uma visão plural dos corpos, desvinculada de binarismos e hierarquias (DIAS, 2015).

A discriminação de gênero é destacada pelo reconhecimento do machismo e da cultura machista que impregna várias esferas da vida, limitando as oportunidades e reforçando estereótipos. A violência se manifesta na menção ao assédio e ao medo em relação aos homens,

apontando para uma realidade de insegurança constante. A saúde reprodutiva é abordada através das referências à cólica, menstruação, hormônios desregulados e menopausa, aspectos muitas vezes negligenciados em discussões sobre saúde. A desigualdade no local de trabalho é evidenciada pela percepção de que há menos oportunidades para as mulheres serem líderes ou avançarem profissionalmente.

Essas questões apontadas pelos/as participantes afetam não apenas os aspectos sociais, mas também podem ressoar nos aspectos da educação, em especial da Educação Física escolar, pois há na escola uma repetição dos padrões sociais.

Lima e Dinis (2007) refletem sobre essa visão da Educação Física, baseada na separação dos sexos e quais eram os propósitos sociais de promover tal separação, como pode ser visto no trecho:

A disciplinarização dos corpos também atravessa a formação das identidades de gênero, marcada pelo predomínio de uma tradição biológica/tecnicista arraigada na história e nas práticas da Educação Física. Essa tradição pode ser percebida nas práticas escolares na quais prevalecem a prática desportiva e a divisão das atividades entre meninos e meninas. A aula de Educação Física, desta forma, acaba fortalecendo padrões e estereótipos de gênero, produzindo sujeitos masculinos e femininos (p. 248).

A objetificação do corpo feminino é uma categoria que surge da sexualização pela mídia e sociedade, o que contribui para uma maior insegurança em relação ao corpo. Essa insegurança é amplificada pela ideia de que as mulheres são fisicamente mais fracas, uma noção que pode levar a uma subestimação de suas capacidades. Por fim, as pressões sociais e culturais são claramente expressas na cobrança para que as mulheres se encaixem em papéis tradicionais, como ser uma boa dona de casa ou se casar.

É possível perceber que as representações sociais perpetuam hierarquias de gênero. A visão feminina exalta a mulher como figura reprodutiva e emocional, mas a confina a espaços de subalternidade, reforçando a dicotomia “vida versus risco”. A visão masculina, por outro lado, expõe os homens como detentores de privilégios, mas também como vítimas de normas tóxicas, como a obrigação de suprimir emoções. Ambos os núcleos, ao serem naturalizados, sustentam desigualdades, mas também abrem brechas para questionamentos. Como destaca Jodelet (2001), “as representações não são estáticas; elas carregam em si a possibilidade de mudança”.

A análise demonstra que as representações sociais de gênero são construídas a partir de critérios culturais, organizadas em núcleos figurativos e internalizadas como realidades incontestáveis. Enquanto a feminilidade é marcada pela dualidade entre cuidado e vulnerabilidade, a masculinidade oscila entre poder e repressão. Essas representações, embora hegemônicas, não são imutáveis. A TRS, ao desvendar seus mecanismos, oferece ferramentas para desnaturalizar normas e promover equidade, como propõem Moscovici (1976) e Jodelet (2001).

Essas categorias não são apenas reflexos de sentimentos negativos, mas também apontam para áreas onde mudanças sociais são necessárias. Elas evocam um senso de urgência para abordar questões de igualdade de gênero e empoderamento feminino. Através dessa análise, é possível identificar caminhos para ações e políticas que promovam a equidade e reconheçam a complexidade das experiências vividas pelas mulheres.

OFICINA 3 – A VIRTUALIZAÇÃO DO CORPO E OS PADRÕES DE BELEZA DAS REDES SOCIAIS

A Oficina 3 foi realizada no dia 15/08/2024, após a realização das atividades da Oficina 2. Esse arranjo foi solicitado pelos/as discentes participantes, uma vez que a turma não teria aulas no dia. As atividades das Oficinas estavam previstas para ocorrerem após as aulas que a turma tinha no período da manhã, horários A/B, das 7h20 às 9h20, e as Oficinas ocorrendo das 9h40 às 11h40. Como não haveria aula nesse dia a turma teria que se deslocar apenas para a participação da Oficina, o que poderia gerar um esvaziamento caso fosse mantido o horário proposto para a realização das atividades da pesquisa. Para que o ajuste fosse realizado e a turma pudesse preencher todo o turno da manhã, a Oficina 3 foi realizada no mesmo dia da Oficina 2.

A primeira parte da Oficina consistia em responder um questionário, disponibilizado em formulário eletrônico. O questionário estava dividido em três seções, sendo a seção um destinada a apresentação da proposta do questionário e as questões sobre o gênero que cada um se identificava e a idade. A seção dois foi organizada para discutir sobre a percepção da autoimagem corporal, contendo duas questões. A primeira perguntando: Como você se vê? E a segunda: Como você gostaria de se vê?. A seção três foi organizada para explorar a questão da virtualização do corpo. Nessa seção foram feitas nove perguntas referentes a como cada um usava e se portava nas redes sociais.

Nesse dia da realização da oficina 3 estavam presentes 26 discentes, sendo 16 do gênero feminino e 10 do gênero masculino. A faixa etária dos/as discentes participantes variou entre 16 anos (um), 17 anos (18), 18 anos (6) e 19 anos (um), dando uma média de idade de 17,26 anos.

A primeira questão sobre a percepção de si perguntava como cada um se via. Abaixo poderemos ver as respostas listas:

Quadro 9: Como você se vê?

Como você se vê?
A questão tem o interesse em saber como você se percebe e quais são as impressões que são despertadas ao observar ou pensar acerca do seu corpo e da sua relação como meio social.
Acho que sou uma pessoa magra de altura mediana, não tenho muito a falar
Uma pessoa muito magra
Alguém que apesar de se amar, tem suas inseguranças em relação a pequenos "defeitos" físicos
Eu me vejo como um rapaz comum, magro e de altura mediana.
Vejo que estou muito bem
Magro, alto, cabelo curto, pardo, olhos escuros
Me vejo fisicamente como homem, baixo, com um corpo atlético, relativamente magro.
Sou uma pessoa interativa, estressada, ansiosa, legal. Meu corpo é estranho, não gosto de muitas partes dele, mas em geral é bom.
Magra, como diziam "uma tábua", não gosto de determinadas roupas, estar no centro das atenções por conta dele. Evito ao máximo estar em lugares cheios.
Eu me vejo desleixado. Geralmente ando desarrumado e meu corpo não possui a melhor forma. Não passa confiança.
corpo normal
Eu me vejo bem fisicamente,
Me vejo como alguém em busca de constante evolução, tentando sempre melhorar. Valorizo minha saúde e a conexão com as pessoas mais próximas.
Tenho uma estatura média, cabelo cacheado e pele negra, sou uma pessoa extrovertida e simpática.
Me acho uma pessoa menor que medíocre, pois não me vejo sendo uma pessoa de espaço ou "marcante" por assim dizer, vejo todos com sua própria beleza e diferença, entretanto eu já não vejo minha própria beleza, sou uma pessoa muito apagada, com um corpo genérico e um rosto terrível, entretanto aprendi

a conviver, atualmente vejo até melhor que antes.
Uma pessoa com um corpo com um BF um pouco elevado, mas uma pessoa com bastante massa magra.
Acho que a forma como vemos nós mesmos importa mais do que a forma como os outros veem. Não me vejo confiante com o meu corpo e acredito que eu deveria tentar evolui-lo praticando atividade física. Tanto pela minha saúde quanto pelo meu bem-estar e a minha autoestima. Os padrões da sociedade nos fazem se sentir inseguros com o nosso próprio corpo.
Me vejo de uma forma insegura em relação ao meu corpo, por a sociedade idealizar um certo padrão.
Pequeno e meio magro
Eu me vejo como uma pessoa bem comunicativa, faço amizade bem fácil, acho que meu corpo é devidamente saudável, estou bem comigo mesmo mentalmente, basicamente isso.
Eu me vejo um pouco baixo
Vejo meu corpo como uma parte essencial de quem sou, uma ferramenta que me permite viver, me expressar e me conectar com o mundo.
me vejo bem com meu corpo em algumas ocasiões
me vejo em constante evolução. não gosto do que vejo no momento, mas sei que um dia vou me olhar e me amar.
Eu me vejo como uma menina gorda, comparada as outras meninas.
Eu me vejo como um cara tranquilo, de corpo magro, que leva a vida de boa.

Elaborado pelo Autor, 2025.

As respostas apresentadas apresentam um misto de percepções e sentimentos que os/as discentes têm em relação aos seus corpos. Além disso, a interação social e a maneira como os outros percebem o corpo também são aspectos relevantes. A preocupação com o julgamento alheio e o desejo de evitar a atenção indesejada refletem a influência das representações sociais na autoimagem. A evolução pessoal e a valorização da saúde e das relações interpessoais emergem como temas secundários, mas significativos, indicando que, para alguns, o corpo é também um meio de conexão e expressão pessoal. É possível perceber que as falas remetem a uma comparação entre os corpos, sempre trazendo uma ideia de julgamento de si a partir daquilo que percebem e observam dos demais, como é possível perceber na fala da discente: “Eu me vejo como uma menina gorda, comparada as outras meninas”. Essa fala representa bem o que foi explicitado por Graup *et al.* (2008, p. 129): “A busca incessante por um padrão de corpo ideal, associada às realizações pessoais e à felicidade, está entre as principais causas de alterações da percepção da imagem corporal, em especial, para o gênero feminino”.

Felden *et al.* (2015) destaca como fatores sociais e culturais, como classe socioeconômica, moldam a percepção do corpo, evidenciando que padrões de beleza não são universais, mas construídos socialmente.

A imagem corporal é especialmente associada com variáveis neurofisiológicas e antropométricas. Apesar disso, evidências apontam para a importância dos determinantes sociais nos sentimentos de satisfação/insatisfação com o corpo, especialmente na adolescência, sugerindo, desta forma, que as influências culturais e de padrões de beleza podem ser constituídas de formas singulares de acordo, por exemplo, com a classe socioeconômica (p. 3330).

Andrade, Amaral e Ferreira (2010) abordam em seu estudo que as meninas são muito mais insatisfeitas com os seus corpos do que os meninos. As autoras também apontam que fatores como o tipo de escola que se estuda também contribuem para essa insatisfação, pois pode ser entendido como um reflexo da classe social e/ou do meio cultural. “Assim, o sexo parece não ser o único fator que gera diferenças nesta pressão social sobre o corpo, mas a epidemia da beleza parece atingir de maneira mais arrebatadora os jovens de classes mais elevadas, em especial as meninas” (p. 29).

Também foi possível perceber sentimentos negativos em relação ao corpo, como na fala da discente:

Me acho uma pessoa menor que medíocre, pois não me vejo sendo uma pessoa de espaço ou "marcante" por assim dizer, vejo todos com sua própria beleza e diferença, entretanto eu já não vejo minha própria beleza, sou uma pessoa muito apagada, com um corpo genérico e um rosto terrível, entretanto aprendi a conviver, atualmente vejo até melhor que antes.

Nessa fala é possível perceber que a relação com o corpo ainda é bastante conflituosa, mostrando que há uma percepção muito negativa em relação a si. Quando relata a forma que percebe as demais pessoas fica mais nítido o quanto a comparação entre os corpos afeta a forma de se relacionar com o próprio corpo. Apesar de relatar que atualmente aprendeu a conviver com o próprio corpo, e que o ver melhor que antes, ainda se percebe o sentimento negativo na fala. Sobre a questão da expressão dos sentimentos por meio da fala, o que se diz sentir sobre o corpo, Goellner (2018), destaca que:

O corpo é também o que dele se diz e aqui estou a afirmar que o corpo é construído, também, pela linguagem. Ou seja, a linguagem não apenas reflete o que existe. Ela própria cria o existente e, com relação ao corpo, a linguagem tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidades e anormalidades, instituir, por exemplo, o que é considerado um corpo belo, jovem e saudável (p. 31).

Os sentimentos evocados ao falar sobre o corpo variam amplamente, desde aceitação e apreciação até desconforto e insatisfação. Alguns indivíduos expressam contentamento com sua aparência física, enquanto outros revelam uma luta interna com inseguranças e uma busca por autoaceitação.

Há, também, relatos que demonstram uma relação positiva com o corpo, demonstrando que se conhece e aceita a seu corpo, como é possível perceber na fala do discente: “Vejo meu corpo como uma parte essencial de quem sou, uma ferramenta que me permite viver, me expressar e me conectar com o mundo”. Também é possível perceber essa boa relação com o corpo na fala do discente: “Me vejo como alguém em busca de constante evolução, tentando sempre melhorar. Valorizo minha saúde e a conexão com as pessoas mais próximas”. Essas duas falas exemplificam bem a relação saudável com o próprio corpo.

Fica claro nas análises das falas que os homens apresentam uma forma de percepção própria menos negativa em relação ao que as mulheres escreveram sobre si. Essa característica marcante pode ser reflexo do contexto social no qual estamos inseridos, onde ainda recai sobre as mulheres uma maior cobrança em relação aos padrões estéticos que devem ser seguidos. Almeida, Wiggers e Jubé (2014) discorrem sobre a preocupação com o corpo a partir da discussão do que foi trazido por Amaral (2012). As autoras discorrem que a pressão por corpos magros e "saudáveis" é internalizada como obrigação, especialmente para mulheres, através de dietas, cirurgias e exercícios.

Assim, por intermédio de imagens e discursos verbais e não verbais é exaltada a preocupação com o corpo, que além de uma obrigação para as mulheres, tornou-se sobretudo um estilo de vida da atualidade. A pesquisadora estabeleceu três dimensões para a análise do culto ao corpo e à magreza: práticas alimentares, por ela caracterizadas como a submissão a dietas alimentares; práticas interventivas, em que as mulheres se submetem a cirurgias médicas; e ainda práticas estéticas, definidas como a

frequência a academias de ginástica (ALMEIDA; WIGGERS; JUBÉ, 2014, p. 976).

Há uma clara tendência de associar características físicas, como peso e altura, com sentimento de normalidade ou desvio das normas sociais percebidas. A descrição de si mesmo como "magro", "comum", ou "atlético" sugere uma comparação com padrões sociais, enquanto termos como "estranho" ou "desleixado" indicam uma desconexão ou insatisfação com esses padrões.

Em suma, a análise revela uma complexa tapeçaria de percepções e emoções relacionadas ao corpo, que são influenciadas tanto por fatores internos, como a autoestima, quanto por fatores externos, como as normas e expectativas sociais. A compreensão dessas representações é crucial para abordar questões de imagem corporal e bem-estar psicológico em um contexto social mais amplo.

A questão seguinte do formulário trazia o seguinte comando: Como você gostaria de se vê? A questão foi elaborada para buscar saber como cada um/a gostaria de ser visto/percebido no meio social e se esse desejo estava mais longe ou mais próximo da forma como cada um/a se percebia. As respostas dadas a questão podem ser vistas no quadro abaixo.

Quadro 10: Como você gostaria de se vê?

Como você gostaria de se vê?
A questão tem o interesse em saber como você gostaria de se perceber. Quando pensa acerca do seu corpo, como gostaria que fosse? Como gostaria que fosse a percepção do seu corpo no meio social?
Gostaria de ter mais gordura, me acho muito magra, então gostaria de ganhar peso, para também ficar de acordo com a tabela de peso e altura.
Com um corpo proporcional ao meu tamanho e idade.
Gostaria de vencer minhas inseguranças, e ter mais autoconfiança.
Eu gostaria de ter um pouco mais de força física.
Penso que está tudo bem e a percepção do meu corpo no meio social também está boa.
Queria ser malhado.
Talvez um pouco mais alto, mais pesado, mantendo o corpo atlético.
Mudaria poucas partes do meu corpo como o braço e a barriga, em geral é isso. Na questão social, tenho o costume de ser muito grossa quando estou estressada, queria mudar isso.
Queria conseguir ganhar mais massa muscular, pra deixar de ser essa "tábua". E mesmo assim

continuar sem querer chamar atenção e estar em lugares lotados, mas acho que ficaria mais confortável com determinadas roupas.
Eu gostaria de me ver como alguém confiante e que passasse uma boa impressão para os outros. Gostaria que meu corpo fosse atlético e "bonito".
gostaria que fosse mais magro.
Com saúde, boa aparência física. Com o corpo adequado para mim.
Quero me perceber como alguém em paz com o próprio corpo, sendo reconhecida no meio social como uma pessoa segura de si.
Queria ser um pouco mais alto, por conta do esporte que pratico.
Queria ver ele como o templo que ele é do Espírito Santo, entretanto, acabo me comparando mais e mais, e me vendo como algo pequeno e tendo picos enérgicos vez ou outra sinto vontade de afundar na cama e não levantar, entretanto sei quem me sustenta, e com ajuda dele conseguirei ver meu corpo como algo único cada dia mais e não me importo com essa visão de comparação. Quero ver meu corpo como algo satisfatório, não bonito ou na moda, apenas o lugar puro que ele deveria ser...
Uma pessoa com um corpo bem mais atlético. Gostaria de ser visto como um corpo em "forma".
Gostaria que meu corpo tivesse uma boa aparência física e fosse saudável tanto por dentro quanto por fora. A aparência física influencia muito na forma como vemos o nosso corpo, mas acredito que se for um corpo saudável (por dentro) ele se torna cada vez melhor. É importante se sentir confiante com o seu corpo e a imagem que você passa dele, então acredito que eu gostaria de passar essa imagem (confiança e bem-estar).
Primeiramente com saúde, e também com uma boa aparência física.
Mais alto e mais forte.
acho que estou quase como eu gostaria de ser, só queria ter um corpo um pouco mais atlético por conta que eu pratico esportes.
Queria ser mais alto.
Eu gostaria de me ver como alguém que está em sintonia com meu corpo.
Como qualquer outra pessoa, tenho minhas inseguranças que eu queria que fossem superadas.
gostaria de me ver confiante e confortável com o meu corpo. sem inseguranças e sem medo.
Eu gostaria de ser magra, ou pelo menos ter menos gordura e mais músculos.
Quero ser mais forte e me dar bem com as pessoas, sendo mais sociável.

Elaborado pelo Autor, 2025.

Quando olhamos para as respostas dadas a questão sobre como cada um/a gostaria de

se ver, percebemos que há uma predominância do desejo de se sentir melhor com o próprio corpo. Através das narrativas, identifica-se uma tensão entre o estado atual e o corpo desejado, refletindo uma luta interna entre aceitação e mudança. Há a demonstração de que a insatisfação com o corpo e manifestação do desejo de buscar uma melhora. A saúde e a aparência física são frequentemente mencionadas como indicadores de um corpo "adequado", sugerindo uma forte ligação entre o bem-estar físico e a autoestima. A força física é outra categoria recorrente, associada não apenas à capacidade atlética, mas também à confiança e à presença social. A maior parte das respostas apontam para melhorias de aspectos relacionados a performance, como por exemplo, ser mais malhado, ser mais forte, corpo mais atléticos, e há, também, aqueles/as que buscam uma maior conexão com a sua própria imagem, como pode ser percebido na fala da discente:

Queria ver ele como o templo que ele é do Espírito Santo, entretanto, acabo me comparando mais e mais, e me vendo como algo pequeno e tendo picos enérgicos vez ou outra sinto vontade de afundar na cama e não levantar, entretanto sei quem me sustenta, e com ajuda dele conseguirei ver meu corpo como algo único cada dia mais e não me importo com essa visão de comparação. Quero ver meu corpo como algo satisfatório, não bonito ou na moda, apenas o lugar puro que ele deveria ser...

A fala da discente demonstra que existe uma desconexão entre o que ela percebe de si e como ela gostaria de perceber. Ela não busca um padrão estético específico, tido como desejado, mas busca aprender a lidar com o seu corpo e ter a percepção de que o seu corpo é o seu lugar e que é um bom lugar.

Também podemos perceber a busca por uma relação de equilíbrio entre a saúde e a estética, como é perceptível na fala do discente:

Gostaria que meu corpo tivesse uma boa aparência física e fosse saudável tanto por dentro quanto por fora. A aparência física influencia muito na forma como vemos o nosso corpo, mas acredito que se for um corpo saudável (por dentro) ele se torna cada vez melhor. É importante se sentir confiante com o seu corpo e a imagem que você passa dele, então acredito que eu gostaria de passar essa imagem (confiança e bem-estar).

Essa fala nos traz a visão de que se busca um equilíbrio entre o estético, ter um corpo dentro de um determinado padrão, pois há um peso na aparência física, mas há o destaque de

que se deve buscar, principalmente, algo que lhe traga o aspecto da saúde. Para o discente é mais importante estar saudável, mas que ter essa saúde você pode melhorar a sua aparência e ter a confiança no seu corpo e o bem-estar.

Os sentimentos evocados incluem frustração, desejo de melhoria, e uma busca por reconhecimento social positivo. A insegurança é um tema comum, muitas vezes ligada à percepção de inadequação física. Por outro lado, há expressões de desejo por autoconfiança e uma imagem corporal positiva, indicando um movimento em direção à autoaceitação e ao empoderamento.

A imagem corporal é central, funcionando como um reflexo das lutas internas e das influências externas. A identidade é moldada tanto pela autoimagem quanto pela percepção dos outros, enquanto o corpo é visto como um veículo para a expressão pessoal e social. Em resumo, a análise revela uma complexa rede de representações sociais do corpo, entrelaçadas com questões de identidade, saúde e interações sociais. As narrativas pessoais refletem uma contínua negociação entre o eu interior e as expectativas sociais, onde o corpo é simultaneamente uma fonte de ansiedade e um objeto de transformação e expressão.

Novaes (2010), em uma entrevista, apresenta uma análise crítica sobre a construção social do corpo feminino no Brasil, destacando que o corpo magro, malhado, bronzeado e sensual é um símbolo de status e um capital social que exige sacrifícios e renúncias. Para a autora essa busca incessante pelo corpo perfeito se tornou uma espécie de “quarto turno” na vida das mulheres, que precisam conciliar múltiplas funções e ainda se submeter a um padrão quase inalcançável. A autora também destaca que a moralização da beleza no Brasil, onde o cuidado com o corpo deixou de ser um direito para se tornar um dever, e qualquer desvio estético é criminalizado socialmente. Isso cria uma pressão intensa para que as mulheres mantenham um corpo perfeito, associando a aparência física à competência, caráter e sucesso em outras áreas da vida, como profissionalismo e maternidade. É proposto no texto repensar o modelo de mulher bem-sucedida, defendendo a valorização da mulher para além do corpo e a aceitação das imperfeições, especialmente em momentos como a maternidade. Sugere-se uma sociabilidade feminina menos opressora e mais solidária, que permita às mulheres viverem suas múltiplas dimensões sem a pressão da perfeição corporal

A terceira seção do questionário estava ligada a virtualização do corpo. As questões tinham o objetivo de levantar a discussão acerca da forma como interagiam nas redes sociais de compartilhamento de fotos.

A primeira pergunta da seção visava saber se os/as discentes tinham perfis em redes

sociais de compartilhamento de fotos/vídeos. Dentre os 26 que responderam ao questionário, apenas três disseram que não tinham perfis em redes sociais. Os/as 23 discentes restantes responderam que tinham perfis em redes sociais. Devido ao fato de três discentes, todos homens, terem respondido que não tinham redes sociais, as análises das respostas que buscavam saber sobre os comportamentos nas redes sociais foram feitas com base em 23 respostas, correspondendo ao número dos/as que possuem redes sociais. As demais questões, que discutiam sobre receber, ou fazer, críticas, ou comentários, sobre os corpos fora das redes sociais levou em consideração as 26 respostas obtidas.

A segunda questão perguntou se quando eles/as postavam fotos nas redes sociais pensavam a respeito do que as pessoas poderiam achar sobre o seus corpos?. oito discentes responderam que não pensavam sobre isso e 15 afirmaram que pensavam no que as pessoas poderiam pensar sobre a aparência do corpo. Dentre os/as que responderam que não se importavam com o que iriam pensar sobre os seus corpos, cinco são homens e três são mulheres. Entre os sete homens que responderam o questionário, apenas dois disseram se importar, enquanto das 16 mulheres participantes, apenas três disseram não se importar com o que os outros pensariam. Podemos perceber que o medo do julgamento acerca da aparência física ainda é bem mais presente entre as mulheres.

A questão seguinte perguntava se alguma vez já deixou de compartilhar alguma foto por medo de receber algum tipo de comentário negativo em relação ao seu corpo?. nove participantes responderam que não deixaram de compartilhar a foto por essa razão, enquanto 15 participantes disseram que já deixaram de compartilhar fotos por medo de comentários em relação a sua aparência. Entre os/as participantes que disseram não se importarem quatro são homens e cinco são mulheres. Dentre os/as que deixaram de compartilhar fotos três são homens e 11 são mulheres. Mais uma vez é possível perceber que as mulheres são mais afetadas pelas percepções que os demais podem ter em relação aos seus corpos, fazendo com que deixem de postar fotos por medo de comentários negativos.

Felden *et al.* (2015), aponta em seu estudo que a elevada proporção de adolescentes insatisfeitos/as com as suas imagens corporais pode ter, como uma das possíveis causas, a facilidade de acesso aos meios midiáticos, principalmente as redes sociais, devido ao ambiente social que os/as adolescentes acabam expostos e os/as tornando grupo de risco. Também destacam que há associação entre a beleza e/ou corpo bonito a ser um corpo magro e/ou musculoso. Ainda deixam o alerta de que “o conhecimento da dinâmica da adolescência em relação ao seu corpo, as influências externas e as características associadas são fundamentais

para o reconhecimento precoce e a adoção de medidas preventivas de distúrbios da imagem corporal” (FELDEN *et al*, 2015, p. 3333).

Posterior a essas questões sobre postar ou não fotos e o receio ou não acerca dos comentários que poderiam receber sobre os seus corpos, foi feito um bloco de quatro questões para saber sobre comentários negativos nas redes sociais. A primeira questão perguntou se alguém já havia recebido algum comentário negativo sobre o corpo em alguma foto postada em rede social. Apenas uma discente, mulher, respondeu que sim, todos/as demais 22 disseram que nunca receberam esse tipo de comentário.

Em seguida foram questionados se já haviam recebido algum tipo de comentário negativo acerca do corpo vindo como um conselho em algum momento. Diante disso, foi possível identificar que 15 responderam que sim, sendo 10 mulheres e cinco homens, e 11 disseram que não, sendo seis mulheres e cinco homens. Posterior a esse questionamento foi pedido para quem respondeu sim escrever o que havia escutado. As respostas foram as seguintes:

Se você engordasse seria bem mais bonita (Mulher);

Devia malhar, tá muito magrinha, mostrando o osso (Mulher);

Você tem que engordar, está uma tábua (Mulher);

Na igreja, mulheres se juntaram para conversar e começaram a apontar meu corpo, falando que estava magra, deveria comer mais, que é melhor ser gordo do que ser magro (Mulher);

Desse jeito cê' vai virar uma bola (Homem);

Tá muito magra, tá bom de engordar (Mulher);

Emagreça (Homem);

Não foi bem sobre o corpo, e sim sobre as vestes... Era um tarado então, vamos fingir que a opinião não importa... "Você deveria mostrar mais o corpo, é bom (Mulher);

Perca mais peso (Homem);

Falaram que o meu peso não estava bom (Mulher);

De uma forma desnecessária (Mulher);

Não lembro exatamente, mas foi alguma piadinha besta, do tipo. "Você é feio" coisa desse tipo (Homem);

Em relação a minha perca de peso (Mulher);

Você tá mais gordinha ou comentários me comparando com a minha irmã,

Se parecem, mas ela é mais cheinha (Mulher);

Você está muito magro (Homem).

Pode-se perceber que a maior parte das críticas estavam relacionadas ao fator peso, sendo que as mulheres estavam sendo criticadas por serem magras demais enquanto os homens sofreram críticas por serem mais gordos. Reforça-se o estereótipo do corpo malhado como sendo o modelo imposto. As mulheres com “mais curvas” e os homens com mais “músculos”.

Depois dessa questão a turma foi questionada se haviam se sentido mal ou com incômodo acerca do comentário e chegou a questionar se a pessoa estaria certa sobre a impressão e você quis mudar algo para "mudar o que foi criticado". Foram obtidas 17 respostas sim, sendo seis respostas dos homens e 11 respostas das mulheres. Entre os nove que responderam que não sentiram incômodo sobre o comentário, quatro eram homens e cinco eram mulheres.

As duas últimas perguntas do questionário invertiam o papel na rede social e perguntava se alguém já havia feito um comentário negativo referente ao corpo de alguém na rede social. A questão seguinte pedia para que, caso a resposta fosse sim, escrevesse o que havia dito na rede social. Apenas um homem, respondeu que havia feito algum comentário negativo e a resposta dada ao justificar o que havia comentado foi: “Por que a pessoa estava romantizando a obesidade”. Ele não especificou se o comentário foi feito para um homem ou para uma mulher, mas deixa transparecer que tinha a intenção de alertar para o aspecto da saúde. Os/as demais 22 responderam que nunca comentaram algo negativo nas redes sociais, mas uma escreveu a justificativa, dizendo ter feito o comentário em outro ambiente. A justificativa foi a seguinte:

Nunca fiz em redes sociais, apenas em grupo de amizade e em tom de piada, a pessoa em questão nunca ficou sabendo (e eram com mulheres famosas e influentes, isso diminui mais ainda elas descobrirem) — Porém com pessoas "simples" nunca, sei o impacto que pode causar (Mulher);

A pessoa justificou que só fez o comentário por se tratar de uma pessoa “famosa”, que nunca iria ficar sabendo que foi dito e disse ter consciência do impacto que os comentários negativos podem trazer para quem ouve, por isso nunca faria com alguém que não fosse famoso.

A segunda parte da oficina consistia na construção de uma imagem, usando como referências pessoas famosas que eles/as achavam bonitos/as para criarem um manequim que seria o referencial de beleza de cada um. Esse manequim foi denominado pela turma de “Frankenstein”, em referência ao personagem.

Foi dado a turma o tempo de 30min para que cada participante pudesse construir o seu manequim. O comando para a realização da atividade era o seguinte: deveriam criar um modelo

de padrão de beleza usando a imagem de pessoas que cada um/a achavam bonitas. Poderia colocar a cabeça de uma pessoa, o corpo de outra, os braços de outra, e assim por diante. Também era permitido pegar uma única pessoa que considerassem bonita. Era pedido que explicassem a razão da escolha. Por que escolheram cada parte do “Frankenstein” ou por que escolheram aquela pessoa como modelo?

Após o término da montagem do manequim e da escrita das justificativas, deveriam compartilhar o arquivo para uma pasta do Google Drive que havia sido criada para armazenar as imagens. Foi dito que não precisavam se identificar na atividade.

Os modelos feitos pelos/as discentes podem ser vistos na compilação das imagens abaixo. Inicialmente é possível perceber uma variação no que é tido como bonito, tendo pessoas de várias etnias e padrões de corpo. Pode-se perceber que há uma predisposição na busca por corpos que atendem os padrões estéticos, como serem fortes, com as formas corporais bem definidas e a musculatura torneada, indicando um cuidado com a estética e prática de exercícios físicos.

Quadro 11: Criação/representações dos corpos ideais feitas pelos/as discentes.

Apenas 20 discentes fizeram a atividade proposta. A ausência dos modelos dos demais participantes foi justificada pela dificuldade em montar o “Frankenstein” ou por não ter encontrado um/a modelo que atendesse ao que o/a discente queria. Cabe destacar que há atores, atrizes, atletas, influenciadores digitais e um desenho. Chamou a atenção o fato de uma discente ter destacado a personagem Moana como um padrão de beleza que ela gostaria de ter.

A montagem dos/as manequins “Frankenstein” foi seguida das apresentações das

justificativas das escolhas, que podem ser lidas abaixo:

Angelique Boyer (atriz). Ela apesar de magra tem um corpo bem-feito, cintura fina, quadril ligeiramente largo, seios fartos, pernas torneadas, além do rosto assimétrico, nariz empinado, maçãs do rosto ressaltadas.

Michael B. Jordan (ator). Um corpo atlético e saudável e um rosto perfeito. Só por duas coisas: Pelo rosto e pelo corpo.

O corpo da Isabella (influencer) é padronizado, possui cintura bem desenhada, pernas grossas, seios com o tamanho ideal, nariz bem afilado, seu sorriso é muito bonito. Por essas qualidades e outras, acho seu corpo bonito.

Porque eu escolhi o corpo do Dean Winchester (ator): primeiramente porque eu admiro bastante o ator e, também, por ser um corpo normal.

Duda Rubert (influencer). Acho o corpo dela bonito, pois é bem desenhado e bem proporcional.

Moana (animação). Apesar de alguns dizerem que tenho certa semelhança com a personagem, ainda há coisas que nela que gostaria que eu fosse parecida, como sua postura ereta e maravilhosa, seu corpo bem modelado, cintura fina, cabelos sem frizz, o seu alinhamento corporal é muito bem desenhado e estruturado, ela possui sobancelhas lindas, olhos marcantes e todo o seu corpo é muito bem desenhado.

Cristiano Ronaldo (jogador) porque ele está sempre em ótima forma, com músculos definidos e muita força.

Ryan Gosling (ator). Porque eu acho que as características do rosto dele são atrativas.

A Diana (influencer) tem um corpo e rosto padrão, que é muito idealizado pela sociedade. Sua cintura é fina seu quadril é largo e suas coxas são grossas, por essas qualidades eu acho o corpo dela bonito.

Gracie Abrams (cantora). Acho o corpo dela bonito, principalmente sua cintura, além de ser um corpo padrão. E o rosto é muito bonito e delicado, possuindo um nariz fino.

Montagem “Frankenstein” (masculino). Escolhi esse rosto e cabelos porque acho bonito. O torço porque desejo esse shape. As pernas porque achei bonita.

Ja Morant (jogador NBA). Queria ter este corpo por conta que ele é bastante atlético e saudável. E também pela estética.

Camila Queiroz (atriz). Eu a escolhi porque admiro e porque eu queria ser assim.

Montagem “Frankenstein” (feminino). Escolhi essas duas famosas porque são lindas, de corpo e de rosto e as minhas maiores inseguranças são as coisas mais lindas que têm nelas.

Montagem “Frankenstein” (feminino). Paola de Oliveira

Influenciadora Fitness. Escolhi esse corpo, pois irá suprir a minha autoestima e irei me sentir linda e feliz.

Montagem “Frankenstein” (feminino). Rosto da atriz Duda Santos e corpo de influencer fitness. Eu escolhi essas duas pessoas, porque eu sou fã da Duda e acho ela muito bonita e o corpo é a meta de corpo que eu quero ter.

Bruna Marquezine (atriz).

Montagem “Frankenstein” (feminino). Rosto: Juliana Paes — Beleza brasileira, rosto muito bonito, sem manchas, elegante, sério e maduro.

Busto: Angelique Boyer (Tereza) — Seios fartos, bonitos e bem desenhados. Corpo: Corpo de academia, forte e elegante, braços e pernas torneadas e barriga chapada, com abdômen trincado. Cabelo: Ondulado comprido, gostaria de um cabelo grande, esse ainda é pequena comparado ao grande que eu gostaria. A junção de todos esses pedaços daria o corpo sem defeitos, que mais almejo, e mais me comparo em busca de encontrá-lo. O que mais me incomoda é o rosto, por conta de ter muitas manchas, olheiras e imperfeições, principalmente o meu queixo, ver um rosto tão elegante e maduro me deixa com vontade de pelo menos ter esse rosto!

Montagem “Frankenstein” (masculino). Um corpo estético e aparentemente atlético.

A autoimagem corporal, enquanto constructo social, é profundamente influenciada por normas culturais e processos de representação coletiva. A partir dos dados coletados na Oficina 3, é possível analisar como essas representações se articulam.

Na primeira fase, elementos teóricos sobre o corpo são filtrados por normas culturais. As respostas dos participantes evidenciam a internalização de padrões estéticos hegemônicos. Por exemplo, as mulheres frequentemente associam magreza a inadequação, como na fala: “Eu me vejo como uma menina gorda, comparada às outras meninas”. Já os homens destacam a busca por corpos “atléticos” ou “fortes”, como em “Gostaria de ser malhado”. Essas narrativas refletem normas de gênero: corpos esbeltos para mulheres e musculosos para homens,

descontextualizados de realidades individuais e reduzidos a ideais midiáticos.

A saúde também emerge como justificativa normativa, mas é reinterpretada esteticamente. Um participante afirma: “Se for um corpo saudável (por dentro) ele se torna cada vez melhor”, vinculando saúde à aparência física. Esse processo, conforme Jodelet (2001, p. 41), seleciona elementos culturais (como o mito do “corpo saudável = corpo bonito”) e os descontextualiza de critérios médicos, transformando-os em parâmetros sociais.

Na segunda etapa, os elementos selecionados organizam-se em esquemas figurativos. A atividade do “Frankenstein” — onde os discentes montaram corpos ideais a partir de partes de celebridades — ilustra essa dinâmica. Por exemplo, uma participante descreve seu modelo como “rosto da Angelique Boyer [...] cintura fina, quadril ligeiramente largo, seios fartos”. Essas escolhas sintetizam atributos dominantes: simetria facial, proporções corporais estereotipadas e musculatura definida, alinhados a padrões eurocêntricos e fitness.

Apesar de menções a figuras negras, como o jogador Ja Morant, a maioria das referências reforça hierarquias estéticas. Corpos “bem desenhados” ou “padrão” são associados à sucesso e aceitação, enquanto corpos fora desses moldes são marginalizados. Isso demonstra como o núcleo figurativo cristaliza-se a partir de ícones midiáticos, transformando corpos de celebridades em arquétipos inatingíveis.

Na fase final, os esquemas figurativos tornam-se “verdades” incontestáveis. Expressões como “corpo normal” ou “comum” naturalizam a magreza ou a mediania como padrões, enquanto corpos divergentes são estigmatizados. A naturalização também se manifesta na associação entre estética e autocuidado. Um participante justifica: “Corpo atlético [...] está sempre em ótima forma”, ignorando que essa visão pode mascarar pressões por desempenho físico.

As diferenças de gênero são igualmente naturalizadas. Mulheres relatam maior medo de julgamento, visto que 11 mulheres participantes da oficina deixaram de postar fotos por medo de comentários (p. 106), essa disparidade reflete a internalização de que corpos femininos devem ser constantemente vigiados, enquanto os masculinos têm maior liberdade — uma norma cultural naturalizada como “inevitável”.

A análise revela que as representações sociais do corpo entre os discentes são moldadas por um ciclo de seleção, construção figurativa e naturalização de ideais. A atividade do “Frankenstein” sintetiza esse processo, mostrando como corpos ideais são compostos por fragmentos de celebridades, reforçando hierarquias estéticas. Contudo, há brechas para resistência: participantes que valorizam a saúde além da aparência ou incluem figuras diversas

sugerem possibilidades de resignificação.

Para desafiar essas estruturas, é urgente desnaturalizar padrões, promovendo reflexões críticas sobre diversidade corporal. Como propõe Jodelet (2001), compreender como as representações se formam é o primeiro passo para transformá-las.

É possível perceber pelos manequins “Frankenstein” montados que há uma busca por um padrão de corpo que seja atlético. Esse padrão, além de atender ao que é desejado socialmente, ainda remete a um cuidado corporal, pois está associado ao autocuidado, a uma alimentação saudável e a uma rotina de exercícios físicos. É possível perceber que os/as discentes pretos/as conseguem encontrar pessoas que as inspiram como padrão de beleza. Esse é um importante contexto social, pois é uma grande amostra do poder da representatividade para que os/as jovens possam se ver em pessoas que são famosas, que atingiram o sucesso em suas profissões, e que são consideradas bonitas.

OFICINA 4 – OS CORPOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Oficina 4, com a temática dos Corpos na Educação Física Escolar, foi realizada no dia 22/08/2024. Essa oficina foi organizada para que fosse possível buscar compreender como os/as discentes percebiam a realização das aulas de Educação Física. A intenção era saber como cada um se sentia em relação ao seu próprio corpo nas aulas, como eles percebiam os corpos dos demais colegas e se as aulas eram espaços de inclusão ou exclusão da participação de todos/as e, também, se já haviam sofrido algum com algum tipo de constrangimento ou afastamento das aulas de Educação Física.

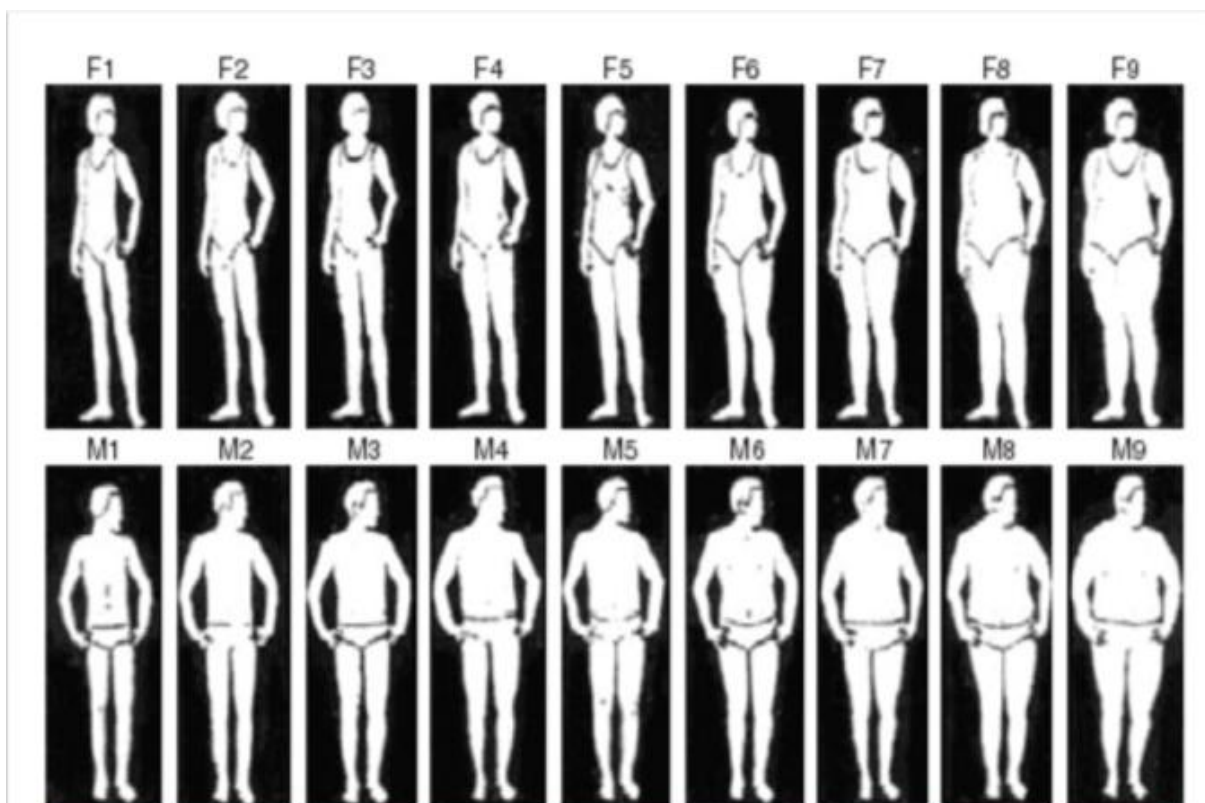
Inicialmente foi pedido para que os/as discentes respondessem a um questionário (Apêndice D) que estava dividido em quatro seções: a seção 1, trazia as informações gerais sobre o questionário e as solicitações da confirmação do interesse em participar e a autorização para o uso das respostas; a seção 2, trazia as questões de ordem geral, gênero que se identifica e idade; a seção 3, trazia oito questões, que tinham o intuito de discutir acerca da percepção corporal que cada um/a tem de si e como essa percepção se reflete em cada um/a. E a seção 4 continha nove questões que visavam discutir acerca da Educação Física, especificamente dessa etapa do Ensino Médio, sobre como cada um/a se sentia em relação às aulas práticas e aos temas abordados nas aulas teóricas.

Participaram da atividade 29 discentes, sendo 10 homens e 19 mulheres. As idades

variaram de 17 anos (23 participantes), 18 anos (5 participantes) e 19 anos (1 participante), obtendo uma média de idade de 17,24 anos.

As questões um e dois, da discussão acerca da percepção corporal, tinham como referência a escala de silhueta de Stunkard *et al.* (1983). A escala consiste em nove imagens de silhuetas femininas e masculinas, sendo a 1ª silhueta indicando uma pessoa magérrima e a 9ª silhueta uma pessoa obesa. Os/as discentes deveriam, na primeira questão, marcar em qual a silhueta que eles/as se percebiam e na segunda questão, qual a silhueta que eles/as queriam ter. As figuras representadas de F1 a F9 representam silhuetas femininas (*Female*) e as figuras de M1 a M9 representam silhuetas masculinas (*Male*).

Figura 11. Escala de Silhueta de Stunkard et.al. (1983).



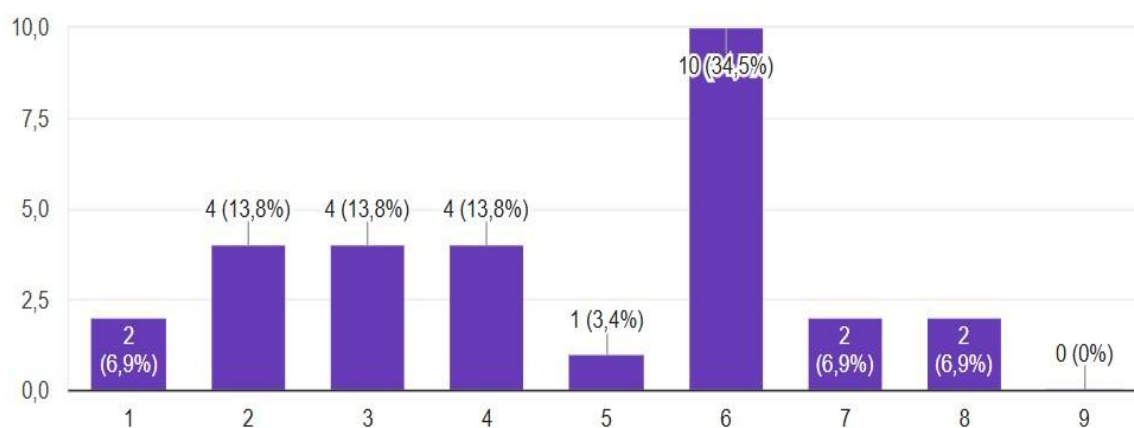
Para uma melhor percepção acerca da diferença entre a silhueta que se tem e a silhueta que se deseja ter, foi feita a separação das respostas a partir dos gêneros dos participantes. Dessa forma é possível perceber a diferença nas percepções entre mulheres e homens.

As respostas obtidas na primeira escolha foram espalhadas entre as silhuetas 1 e 8 indicando que há uma grande representatividade dos “tipos de corpos” na turma, desde pessoas que se enxergam como muito magras até as que se enxergam como obesas. É possível perceber

essa distribuição no gráfico abaixo.

Figura 12. Respostas sobre como os/as discentes percebiam suas silhuetas. Elaborada pelo Autor (2024).

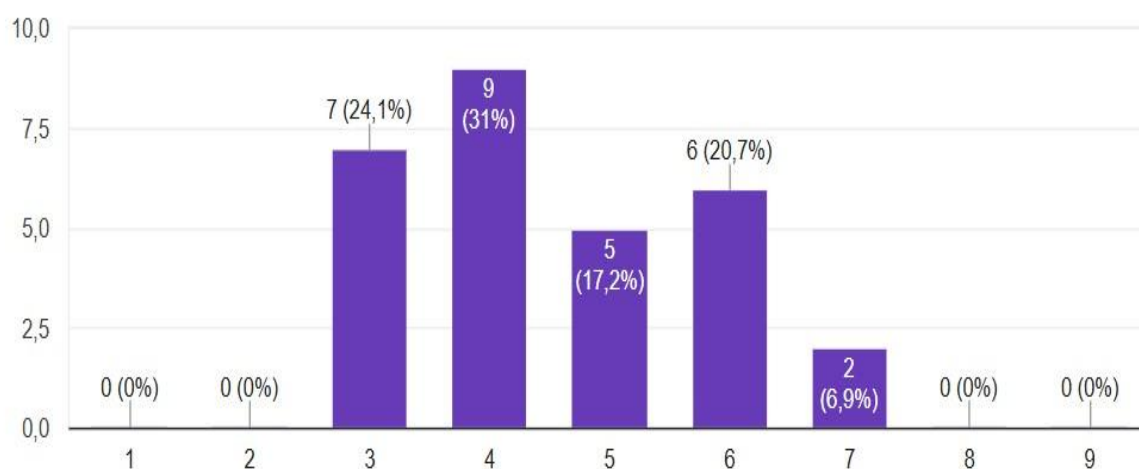
29 respostas



As respostas obtidas na segunda questão mostram que os/as discentes não estão plenamente satisfeitos/as com as suas silhuetas e desejariam se verem de outra forma. As respostas se concentraram entre as silhuetas 3 e 7, indicando que eles/as têm uma vontade de terem corpos com um padrão estético que indica uma prática regular de exercícios, pois são padrões que indicam um corpo magro, mas com certo grau de massa muscular.

Figura 13. Respostas sobre como os/as discentes percebiam suas silhuetas. Elaborada pelo Autor (2024).

29 respostas



Para que seja possível interpretar os quadros é necessário analisar qual o valor da silhueta que se percebe e comparar com a silhueta que deseja ter. Caso a silhueta que se tem seja um valor menor do que a silhueta desejada, o resultado será o valor que falta para se chegar à silhueta desejada (Ex.: tem a silhueta 1 e deseja ter a 4. O resultado será +3, pois é o valor que precisa aumentar para se chegar à silhueta desejada). Caso a silhueta que se tem seja maior do que a que se deseja, o resultado será o valor que deve ser retirado da silhueta que se tem para se chegar na silhueta que se deseja ter (Ex.: tem a silhueta 7 e deseja ter a 4. O resultado será -3, pois é o valor que precisa diminuir para se chegar à silhueta desejada). Os números positivos no resultado da diferença indicam que a pessoa quer ter uma silhueta “maior” do que a que tem atualmente. Os resultados negativos indicam que a pessoa deseja ter uma silhueta “menor” do que a que se tem atualmente. Os resultados 0, indicam que a pessoa está satisfeita com a silhueta e não deseja mudar.

Quadro 12: Diferença entre a silhueta que se tem e a que deseja ter, percepção feminina.

Com qual gênero você se identifica?	Qual a sua idade?	Percepção da silhueta que se tem.	Silhueta que deseja ter.	Diferença entre a silhuete que se tem e a silhueta que se deseja.
Feminino cis	17	1	4	3
Feminino cis	17	3	4	1
Feminino cis	17	2	3	1
Feminino cis	17	3	5	2
Feminino cis	17	7	4	-3
Feminino cis	17	6	6	0
Feminino cis	17	8	5	-3
Feminino cis	17	6	6	0
Feminino cis	17	6	6	0
Feminino cis	18	6	4	-2
Feminino cis	18	6	4	-2
Feminino cis	17	8	6	-2
Feminino cis	17	4	7	3
Feminino cis	17	6	3	-3
Feminino cis	17	2	6	4

Com qual gênero você se identifica?	Qual a sua idade?	Percepção da silhueta que se tem.	Silhueta que deseja ter.	Diferença entre a silhuete que se tem e a silhueta que se deseja.
Feminino cis	17	6	6	0
Feminino cis	17	3	3	0
Feminino cis	17	6	7	1
Feminino cis	18	4	3	-1

Elaborado pelo Autor, 2025.

Quadro 13: Diferença entre a silhueta que se tem e a que deseja ter, percepção masculina.

Com qual gênero você se identifica?	Qual a sua idade?	Percepção da silhueta que se tem.	Silhueta que deseja ter.	Diferença entre a silhuete que se tem e a silhueta que se deseja.
Masculino cis	17	4	3	-1
Masculino cis	17	7	5	-2
Masculino cis	18	2	4	2
Masculino cis	17	3	4	1
Masculino cis	17	5	4	-1
Masculino cis	17	6	5	-1
Masculino cis	17	4	4	0
Masculino cis	19	1	3	2
Masculino cis	17	6	3	-3
Masculino cis	18	2	5	3

Elaborado pelo Autor, 2025.

Como pode ser percebido na análise dos quadros, as mulheres apresentam um equilíbrio entre querer aumentar a silhueta, querer diminuir a silhueta e estarem satisfeitas com as silhuetas. Das respostas, sete responderam que queriam ter uma silhueta maior. Isso pode ser reflexo de se acharem magras e quererem ganhar um corpo com um contorno mais atlético, que é desejado socialmente. Outras sete responderam que queriam diminuir a silhueta, indicando uma visão de que estão acima do que queriam estar. Enquanto cinco responderam que querem ficar com a mesma silhueta, indicando que estão satisfeitas com os seus corpos.

Analisando a percepção dos homens acerca das suas silhuetas, pode-se perceber que a diferença entre os que querem aumentar e os que querem diminuir as silhuetas é pequena. Das respostas obtidas, quatro, responderam que desejariam ter uma silhueta maior, indicando que se percebem mais magros do que o que gostariam e pode significar a busca por um corpo mais atlético. Além disso, cinco responderam que queriam diminuir as silhuetas, indicando que se percebem mais gordos do que o que desejariam ser. Apenas um responderam que estão satisfeitos com as suas silhuetas.

Analisando o universo das 29 respostas obtidas, pode-se perceber que apenas 7, sendo 5 mulheres e 2 homens, estão satisfeitos/as com as suas silhuetas atuais. Os/as demais 22 respondentes do questionário indicaram algum tipo de insatisfação com as suas silhuetas atuais.

A questão seguinte do questionário tinha o intuito de descobrir se os/as participantes estavam satisfeitos/as ou insatisfeitos/as com os seus corpos. A questão estava dividida em subtópicos. A questão principal questionava acerca da satisfação, ou não, com o corpo, de uma forma geral, e depois questionava sobre partes específicas, como rosto, peitoral, braços, antebraços, mãos, barriga, coxas, panturrilhas e pés. Buscava-se saber se havia alguma(s) parte(s) que incomodava(m) mais que outras.

O quadro abaixo ilustra as respostas obtidas para a questão da satisfação/insatisfação com o corpo. As respostas poderiam que poderiam ser marcadas era: totalmente insatisfeito/a, insatisfeito/a com algumas partes, não me incomoda, estou satisfeito/a, mas quer melhorar algumas partes, totalmente satisfeito/a.

Quadro14: Satisfação/insatisfação com o corpo.

Com qual gênero você se identifica?	Qual a sua idade?	Estou satisfeito/a com o meu corpo. [Quando olho para o meu corpo eu me sinto]
Feminino cis	17	Totalmente insatisfeito/a
Feminino cis	17	Insatisfeito/a com algumas partes
Feminino cis	17	Insatisfeito/a com algumas partes
Masculino cis	17	Estou satisfeito, mas quero melhorar alguma parte

Com qual gênero você se identifica?	Qual a sua idade?	Estou satisfeito/a com o meu corpo. [Quando olho para o meu corpo eu me sinto]
Masculino cis	17	Insatisfeito/a com algumas partes
Feminino cis	17	Estou satisfeito, mas quero melhorar alguma parte
Feminino cis	17	Insatisfeito/a com algumas partes
Feminino cis	17	Totalmente satisfeito/a
Masculino cis	18	Insatisfeito/a com algumas partes
Feminino cis	17	Insatisfeito/a com algumas partes
Masculino cis	17	Não me incomoda
Masculino cis	17	Estou satisfeito, mas quero melhorar alguma parte
Masculino cis	17	Estou satisfeito, mas quero melhorar alguma parte
Feminino cis	17	Não me incomoda
Feminino cis	17	Estou satisfeito, mas quero melhorar alguma parte
Masculino cis	17	Estou satisfeito, mas quero melhorar alguma parte
Feminino cis	18	Estou satisfeito, mas quero melhorar alguma parte
Feminino cis	18	Estou satisfeito, mas quero melhorar alguma parte
Feminino cis	17	Insatisfeito/a com algumas partes
Masculino cis	19	Não me incomoda
Masculino cis	17	Insatisfeito/a com algumas partes

Com qual gênero você se identifica?	Qual a sua idade?	Estou satisfeito/a com o meu corpo. [Quando olho para o meu corpo eu me sinto]
Feminino cis	17	Insatisfeito/a com algumas partes
Feminino cis	17	Insatisfeito/a com algumas partes
Masculino cis	18	Estou satisfeito, mas quero melhorar alguma parte
Feminino cis	17	Totalmente insatisfeito/a
Feminino cis	17	Insatisfeito/a com algumas partes
Feminino cis	17	Estou satisfeito, mas quero melhorar alguma parte
Feminino cis	17	Estou satisfeito, mas quero melhorar alguma parte
Feminino cis	18	Insatisfeito/a com algumas partes

Elaborado pelo Autor, 2025.

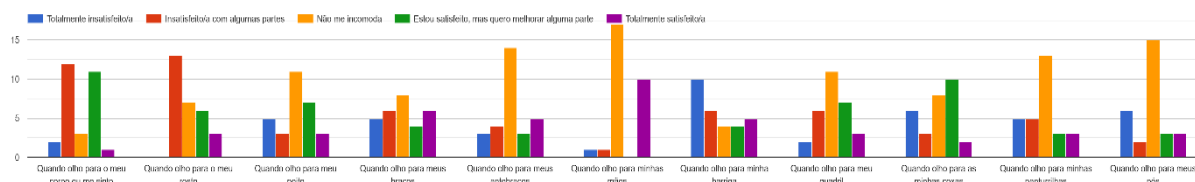
Como pode ser percebido, a maior parte das respostas indica que os/as participantes estão insatisfeitos/as com os seus corpos. Do quantitativo de mulheres é possível identificar que 11 responderam que estão insatisfeitas, sendo dois estando totalmente insatisfeita e nove insatisfeitas com algumas partes do corpo. Enquanto apenas três homens indicaram insatisfação com o corpo, sendo as três respostas relacionadas a insatisfação com alguma parte. Outros dados apresentam que uma mulher e dois homens responderam que não se incomodam com os seus corpos, enquanto oito mulheres e cinco homens indicaram que mesmo estando satisfeitos/as com seus corpos, gostariam de melhorar algo. Por fim, uma mulher indicou está completamente satisfeita com seu corpo, enquanto nenhum homem indicou essa resposta.

Andrade, Amaral e Ferreira (2010) apontam no seu estudo que há uma grande insatisfação corporal pelos/as participantes da pesquisa. Para as autoras os níveis de insatisfação “atingem níveis de saúde pública” (p. 29). As autoras destacam que é “indispensável neste momento repensar as relações estabelecidas com o corpo, de maneira a flexibilizá-las para que a convivência e aceitação do corpo como instrumento único de diferenciação e autenticidade seja uma realidade” (ANDRADE; AMARAL; FERREIRA, 2010, p.29).

Com relação a satisfação/insatisfação com partes específicas do corpo, a figura abaixo apresenta os gráficos das respostas mais marcadas pelos/as discentes.

Figura 14. Satisfação com o próprio corpo. Elaborada pelo Autor (2024).

Análise a afirmativa abaixo e marque a opção que melhor representa a sua forma de pensar. Estou satisfeito/a com o meu corpo.



Os dados da Figura 14, apresentados acima representam as respostas dadas pelos/as discentes quando questionados sobre partes específicas dos seus corpos. As cores das colunas indicam os seguintes pontos: Azul, Totalmente Insatisfeito/a; Laranja: Insatisfeito/a com algumas partes; Amarelo, Não me Incomoda; Verde, Estou Satisfeito/a, mas quero melhorar algo; Roxo, Totalmente Satisfeito/a.

São 11 pontos questionados aos participantes acerca da percepção que cada um tem de si em relação a essas partes específicas do corpo. O primeiro ponto é o questionamento sobre como se sentem quando olham para o próprio corpo. Percebe-se que a maior parte dos/as respondentes afirmam que estão insatisfeitos/as com seus corpos. Há 11 respostas indicando que estão satisfeitos/as, mas querem melhorar alguma parte. Essa situação indica o conflito com relação a imagem que têm sobre o próprio corpo, devido a grande insatisfação com a imagem corporal, bem como é possível perceber que o desejo de melhorar algo no corpo pode estar relacionado com as imposições sociais a respeito de atingir um determinado padrão corporal ou ter determinados traços que são tidos socialmente como bonitos e/ou desejáveis.

O segundo ponto, que trata sobre a percepção com relação ao rosto dos/as participantes, também chama à atenção pelo elevado número de respostas indicando que estão insatisfeitos/as com alguma parte do rosto. Esse item não apresentou respostas indicando uma total insatisfação, mas também tem uma grande representatividade no item que indica que estão satisfeitos, mas que mudariam algo.

Os itens: Peito, Braços, Antebraços, Mãos, Quadril, Panturrilha e Pés, apresentam em comum o fato de que a maior parte das respostas indicam que os/as discentes não se incomodam com essas partes do corpo. Percebe-se que, de uma forma geral, são partes que não sofrem tanta influência social/midiática para que seja atendido um determinado padrão estético para alcançar

um ideal apresentado como belo. Esses pontos apresentam como característica o fato de que as respostas que aparecem em segundo lugar indicam a satisfação total ou a satisfação com a vontade de melhorar algo. Entende-se, de forma geral, que a percepção dessas partes é positiva. Um outro item que entra nessa percepção positiva diz respeito a percepção que os/as participantes têm acerca das coxas. As respostas indicam que não há incomodo. Há a satisfação, mas com a possibilidade de melhorar algo ou não há uma preocupação/rejeição com relação a essa parte em específico.

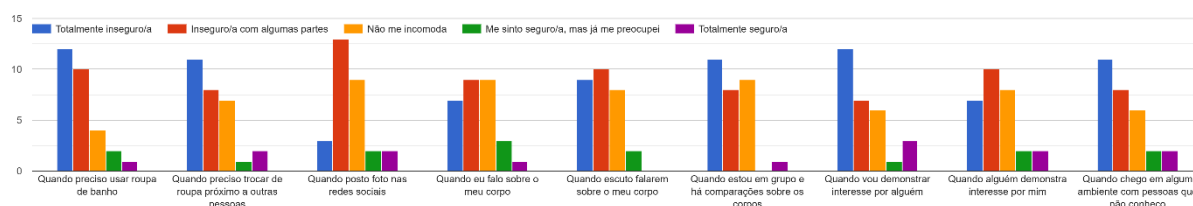
O item que mais chamou atenção nas respostas obtidas diz respeito ao que cada um sente quando olham para as suas barrigas. A maior parte das respostas registradas, 10 respostas, indicam que estão totalmente insatisfeitos/as com o que veem ao olharem para a região. A segunda maior quantidade de respostas, 6 respostas, indicam que estão insatisfeitos com algumas partes da barriga. Essa situação pode ser entendida devido ao fato de a região da barriga ser um grande alvo de críticas quando não está atendendo a um padrão estético que indique a prática de exercícios físicos.

A pressão social por uma região do abdome que seja apresentado como “sarado”, com a definição da musculatura evidente, mostra-se como padrão desejado socialmente. Isso acaba refletido no alto índice de cirurgias plásticas realizadas por celebridades e pessoas muito expostas nas redes sociais para alcançar o “modelo” de barriga desejado. Esse comportamento acaba ecoando entre os/as adolescentes que se espelham nessas pessoas e idealizam os padrões corporais que eles/as representam.

Após essas questões sobre como percebiam partes específicas dos seus corpos, foi dado início ao questionamento sobre como percebiam seus corpos em situações específicas. Foram perguntados sobre nove situações específicas, como pode ser visto na figura abaixo, e as respostas poderiam ser: Totalmente Inseguro/a, azul; Inseguro/a com Algumas Partes, vermelho; Não me Incomoda, amarelo; Me sinto Seguro/a, mas já me preocupei; e Totalmente Seguro/a, roxo.

Figura 15. Sensações sobre situações que envolvem o corpo. Elaborada pelo Autor (2025).

Analisar a afirmativa abaixo e marcar a opção que melhor representa a sua forma de pensar sobre seu corpo e as sensações que isso desperta.



O primeiro item perguntado questionava os/as discentes sobre como cada um se sentia ao ter que usar roupa de banho. Foram obtidas 22 respostas que indicam algum tipo de insegurança em relação ao corpo nessa situação. 12 responderam que ficam totalmente inseguros/as, enquanto 10 responderam que ficam inseguros/as em partes com a situação. Expor o corpo em roupas de banho acaba sendo um grande desafio, pois partes que são tidas como mais “problemáticas”, como a barriga, ficam completamente exposta, gerando o sentimento de insegurança em relação a percepção que os demais terão sobre os seus corpos.

O ponto seguinte do questionário visava saber como cada um/a se sentia quando precisava trocar de roupa próximo a outras pessoas. 19 respostas obtidas indicam que há a sensação de insegurança com relação a ação, uma vez que 11 participantes relataram que se sentem totalmente inseguros e 8 responderam que se sentem inseguros em partes com essa exposição. Por alguma razão precisar trocar de roupa próximo a outras pessoas pode ter a mesma implicação do uso de roupas de banho, uma vez que as partes do corpo que mais fazem cada um se sentir inseguro/a acaba ficando exposta e pode desencadear o medo de julgamentos e/ou comentários.

Goellner (2018) faz um destaque sobre a liberdade do corpo e desnudamento em espaços públicos são formas de valorizar os corpos tidos como “enxutos” e “em forma”, e que os corpos que apresentam “excessos” são rejeitados e, por vezes, visto como sinal de displicência e falta de cuidado. A autora faz uso de uma fala do Foucault (1977, p. 147): “fique nu..., mas seja bonito, magro e bronzeado”. A fala destaca que a pressão por determinado tipo de beleza não é algo novo e que a exposição do corpo não é para todos/as, mas apenas para quem tem os corpos tidos como desejáveis.

A questão seguinte buscou saber qual era a sensação em relação as redes sociais. A questão abordava como cada um/a se sentia ao postar fotos nas redes sociais. 13 participantes responderam que se sentem incomodados/as em partes e nove responderam que não se importam com as impressões que as outras pessoas terão com relação a foto compartilhadas. A resposta revela que a insegurança pode estar relacionada ao tipo de foto postada e o quanto do corpo é exposto. As outras sete respostas estão próximas em quantidade de respostas obtidas. Outros três participantes afirmaram que são totalmente inseguros/as quanto a postar fotos e dois responderam que são seguros/as, mas já se preocuparam antes e dois responderam que são totalmente seguros em relação a postar fotos nas redes sociais.

O ponto seguinte trazia a questão que abordava como se sentiam quando cada um/a tinha que falar sobre o próprio corpo. Foram obtidas 16 respostas que indicam algum tipo de receio

e/ou insegurança quando precisam dizer algo sobre os seus próprios corpos. Dessas respostas sete afirmaram que são totalmente inseguros, enquanto nove afirmaram que se sentem inseguros em algumas partes. Entre as 13 respostas que não remetem a alguma preocupação, nove disseram não se importar, três informaram que se sentem seguros, mas já se preocuparam com relação a isso e um respondeu que se sente totalmente seguro.

Complementando a questão anterior, os/as participantes foram perguntados sobre como eles/as se sentem quando escutam falar sobre os seus corpos. Foram obtidas 19 respostas que indicam alguma forma de preocupação com relação ao tema, sendo nove demonstrando que se sentem totalmente inseguros/as e 10 afirmando que se sentem inseguros/as em partes dessa discussão. Dentre os/as participantes, oito afirmaram que não se incomodam em ouvirem as outras pessoas falarem sobre seus corpos e dois afirmaram se sentirem seguros/as, mas já se preocuparam antes. Nessa questão nenhum/a dos/as participantes disse se sentir totalmente seguros em relação aos seus corpos quando escutam outras pessoas falarem sobre ele.

As quatro questões seguintes do questionário tinham o intuito de saber quais eram os sentimentos que afloravam quando a discussão acerca dos corpos partia para uma interação em grupo e como era em relação aos contatos interpessoais. O primeiro questionamento foi sobre como eles/as se sentiam quando estavam em grupo e havia alguma comparação entre os corpos. 19 respostas obtidas indicaram que há preocupação com relação a comparação entre os corpos, sendo que 11 afirmaram que ficam completamente inseguros/as e oito afirmaram que se sentem inseguros em partes nas comparações. Tiveram nove participantes disseram que não se incomodam com essas comparações e uma resposta indicou que se sente totalmente seguro/a.

Buscando saber sobre as questões referentes aos interesses afetivos e como as percepções dos corpos pode, ou não afetar, foi perguntado como cada um se sentia em relação aos seus corpos quando demonstrava interesse por alguém. 19 participantes revelaram que sentem algum tipo de insegurança em relação ao que os/as outros/as podem pensar a respeito dos seus corpos. 12 participantes responderam que se sentem completamente inseguros com relação a percepção que os/as outros/as podem ter. Entre os/as participantes, sete responderam que se sentem inseguros em relação a algumas partes. Foram seis participantes que afirmaram que não se incomodam com a percepção que a pessoa a quem direcionou o interesse pode achar sobre seu corpo. Apenas uma resposta indicava que se sente seguro/a, mas que já se preocupou antes e três responderam que se sentem completamente seguros com relação a essa percepção.

Complementando a questão anterior, os/as participantes foram questionados sobre como se sentiam em relação aos seus corpos quando alguém demonstrava interesse por eles/as. 17

participantes revelaram que sentem algum tipo de insegurança, sendo sete totalmente inseguros com relação aos seus corpos e 10 se sentindo inseguros em relação a alguma parte do corpo. Foram oito os/as participantes responderam que não se incomodam com as percepções que a pessoas que demonstrou interesse pode ter sobre seu corpo. Por outro lado, dois afirmaram que se sentem seguros/as, mas já se preocuparam antes e dois afirmaram que são completamente seguros/as com relação aos seus corpos.

Nessas duas questões foi possível perceber que, para a maioria dos/as participantes, há uma insegurança em relação aos seus corpos. Essa insegurança pode ser a partir da sua própria percepção e não se achar atraente o suficiente para conseguir se aproximar de alguém e demonstrar que tem interesse bem como, também, surge a insegurança com relação ao que a pessoa que demonstra interesse neles/as pode ter em relação aos seus corpos. Essa dinâmica marca a insegurança com o corpo em uma fase de muitas mudanças corporais que é a adolescência e mostra o receio que cada um tem em relação ao fato de não serem considerados atraentes por alguém.

A última questão do tópico buscou saber como era que cada um/a se sentia em relação aos seus corpos quando chegavam em algum lugar com pessoas que eles/as não conheciam. Dentre os/as participantes, onze informaram que se sentem totalmente inseguros em chegar em um grupo onde não conhecem ninguém. Afirmaram que se sentem inseguros em relação a partes do corpo oito participantes e seis disseram que não se importam com essas percepções. Obtivemos duas respostas indicando que se sentem seguros/as, mas que já se preocuparam e outras duas afirmaram que se sentem totalmente seguros com relação aos seus corpos.

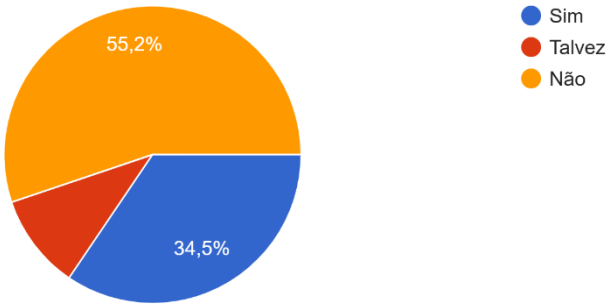
Esse tópico do questionário foi pensado para tentar compreender como cada um/a se sente em relação aos seus corpos em contextos de interações sociais, sejam elas nas redes sociais de compartilhamento de fotos ou nas relações interpessoais de forma presencial. Foi possível perceber que os/as participantes têm uma grande insegurança em relação aos seus corpos quando partem para algum tipo de interação social. Foram levantados nove pontos de discussão no questionário e em cinco desses pontos a resposta que mais prevaleceu foi a de que se sentem totalmente inseguros/as com relação a seus corpos. A segunda resposta mais assinalada foi a de que se sentem inseguros em relação a partes do corpo. Com essas questões foi possível dimensionar que a forma como cada um/a percebe o seu próprio corpo afeta a forma como eles/as se colocam em interações sociais e como essa percepção pode ser, de certa forma, um limitador das relações sociais.

O tópico seguinte do questionário visou saber dos/as discentes participantes o que cada

um achava acerca da possibilidade de fazer algum tipo de intervenção cirúrgica estética. A questão perguntava se fariam alguma cirurgia plástica caso tivessem a oportunidade. A figura abaixo ilustra as respostas obtidas.

Figura 16. Faria alguma intervenção cirúrgica? Elaborada pelo Autor, 2024.

Caso tivesse a oportunidade, você faria algum tipo de intervenção cirúrgica no seu corpo
29 respostas



A figura 16 demonstra como os/as participantes manifestaram a opinião em relação a realizar alguma cirurgia plástica estética, caso tivessem a oportunidade. Foi possível perceber que a maior parte dos/as participantes não realizariam uma cirurgia, um total de 16 participantes, sendo oito mulheres e oito homens. Os 13 participantes restantes responderam que fariam a cirurgia, sendo três afirmando que talvez fizessem, duas mulheres e um homens, e 10 afirmando que fariam, sendo nove mulheres e um homens. O quadro baixo apresenta as respostas dadas pelos/as participantes.

Quadro 15: Realização de intervenção cirúrgica estética.

Gênero que se identifica	Idade	Se tivesse oportunidade, faria alguma intervenção cirúrgica no corpo	Tipos de intervenções cirúrgicas	Justifique a sua resposta anterior.	Sentimento de pressão para seguir algum tipo de padrão
Feminino cis	17	Não	Não tenho	Não tenho	Sim
Feminino cis	17	Talvez	Rinoplastia	Não gosto do	Sim

Gênero que se identifica	Idade	Se tivesse oportunidade, faria alguma intervenção cirúrgica no corpo	Tipos de intervenções cirúrgicas	Justifique a sua resposta anterior.	Sentimento de pressão para seguir algum tipo de padrão
				meu nariz	
Feminino cis	17	Não	.	.	Sim
Masculino cis	17	Não	.	.	Sim
Masculino cis	17	Não	Não chegaria ser cirúrgica, mas eu melhoraria meus dentes.	Acho feios.	Sim
Feminino cis	17	Talvez	Rinoplastia	Tenho desvio de septo e, também, por estética	Sim
Feminino cis	17	Sim	Lipo	Tiraria as gordurinhas da barriga	Sim
Feminino cis	17	Não	Não faria	Não faria, pois não preciso	Não
Masculino cis	18	Não	.	.	Sim
Feminino cis	17	Sim	Lipo e rinoplastia	Não me sinto satisfeita com essas partes do	Sim

Gênero que se identifica	Idade	Se tivesse oportunidade, faria alguma intervenção cirúrgica no corpo	Tipos de intervenções cirúrgicas	Justifique a sua resposta anterior.	Sentimento de pressão para seguir algum tipo de padrão
				meu corpo, me incomoda bastante, principalmente a questão da minha barriga.	
Masculino cis	17	Não	Nenhuma	Nenhuma	Sim
Masculino cis	17	Não	.	.	Sim
Masculino cis	17	Não	algum procedimento facial	Ajustar algumas partes do rosto	Sim
Feminino cis	17	Não	Não faria	.	Sim
Feminino cis	17	Não	Não faria	.	Sim
Masculino cis	17	Talvez	Aumentar minha altura	Me acho muito baixo, por isso queria fazer essa intervenção cirúrgica.	Não
Feminino cis	18	Não	Apesar de não gostar de certas partes do meu corpo, prefiro mudar o mesmo	Apesar de me preocupar por conta de comparar meu corpo aos	Sim

Gênero que se identifica	Idade	Se tivesse oportunidade, faria alguma intervenção cirúrgica no corpo	Tipos de intervenções cirúrgicas	Justifique a sua resposta anterior.	Sentimento de pressão para seguir algum tipo de padrão
			naturalmente, não quero expor ele a cirurgias estéticas.	demais, eu gosto dele, um pouquinho, mas gosto, apesar dele parecer apagado em relação aos demais (porém prefiro que permaneça assim, pois quero guardar o meu corpo)	
Feminino cis	18	Não	Nenhuma	Não tenho coragem e, mesmo insegura, jamais teria vontade	Sim
Feminino cis	17	Sim	Lipoaspiração na barriga, mamoplastia, silicone nos seios, enxerto nas coxas e glúteo	Porque não me sinto segura com meu corpo.	Sim
Masculino cis	19	Não	Faria apenas	Faria apenas	Não

Gênero que se identifica	Idade	Se tivesse oportunidade, faria alguma intervenção cirúrgica no corpo	Tipos de intervenções cirúrgicas	Justifique a sua resposta anterior.	Sentimento de pressão para seguir algum tipo de padrão
			intervenções cirúrgicas que o especialista de saúde achasse que fossem necessárias.	intervenções cirúrgicas que fossem necessárias para a minha saúde.	
Masculino cis	17	Sim	Lipo HD	Músculos definidos	Sim
Feminino cis	17	Sim	minha barriga, meus seios, meus pés	Não me sinto satisfeita com os mesmos	Sim
Feminino cis	17	Sim	cirurgia na panturrilha e lipo	muito fina e pochete	Sim
Masculino cis	18	Não	Nenhuma	Nada	Sim
Feminino cis	17	Sim	Silicone (seios e glúteos), diminuir cintura, aumentar coxas, diminuir barriga	Gostaria de ter coxas, seios e glúteos maiores e diminuir minha barriga e cintura, já ouvi alguns comentários em relação a ele,	Sim

Gênero que se identifica	Idade	Se tivesse oportunidade, faria alguma intervenção cirúrgica no corpo	Tipos de intervenções cirúrgicas	Justifique a sua resposta anterior.	Sentimento de pressão para seguir algum tipo de padrão
				então decidi que se fizesse essa cirurgia não ouviria mais eles.	
Feminino cis	17	Sim	Rinoplastia, lipoenxertia glútea, silicone nos seios e lipoescultura.	Faria para acabar com as inseguranças acerca do meu corpo.	Sim
Feminino cis	17	Sim	Sim. No nariz, boca e botox na testa	No nariz para tirar uma parte que incomoda, botox na boca pra aumentar e botox na testa pra tirar as linhas de expressão.	Sim
Feminino cis	17	Sim	colocaria silicone nos glúteos e quadríceps, botox nas linhas de expressão, preenchimento	porque são minhas inseguranças, acredito que me sentiria mais segura.	Sim

Gênero que se identifica	Idade	Se tivesse oportunidade, faria alguma intervenção cirúrgica no corpo	Tipos de intervenções cirúrgicas	Justifique a sua resposta anterior.	Sentimento de pressão para seguir algum tipo de padrão
			labial (pouco), faria lipo		
Feminino cis	18	Não	não	não tenho vontade	Sim

Elaborado pelo Autor, 2025.

Como é possível perceber no quadro apresentado, entre as mulheres há o predomínio da possibilidade de realizar algum tipo de cirurgia estética. 2 delas responderam que talvez fizessem alguma intervenção e 9 afirmaram que fariam, caso tivesse a oportunidade. 8 mulheres disseram que não fariam cirurgias estéticas. Entre os homens a situação é inversa. Entre os 10 que participaram da pesquisa 8 deles afirmaram que não fariam cirurgia estética e 2 deixaram a possibilidade de realizar como sendo possível, sendo que 1 afirmou que faria e outro disse que talvez fizesse.

Graup *et al* (2008). citando o estudo da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, cita que:

A preocupação com a imagem corporal fez com que o Brasil ficasse atrás somente dos Estados Unidos, em relação ao número de cirurgias plásticas realizadas em 2004. Das mais de 660 mil intervenções cirúrgicas realizadas, as mulheres foram responsáveis por 69% delas. O que preocupa nesses números é o fato de que, além da maioria das intervenções serem de natureza estética, a faixa etária dos 14 aos 18 anos correspondeu a 11% desse montante (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA, 2006 *apud* GRAUP *et al.*, 2008).

Almeida, Wiggers e Jubé (2014), oferecem elementos para a discussão do corpo rascunho pode ser corrigido, reescrito, retocado e reinventado, de acordo com o desejo do sujeito. A liberdade de autocriação coexiste com novas formas de opressão, como padrões

estéticos inatingíveis e a medicalização da aparência.

Os corpos situados no contexto de fluidez tornam-se projetos de construções socioindividuais à medida que buscam seguir padrões sociais ou mesmo se ancoram no modelo de perfeição ou de performance, calcado no rendimento. Ora, infere-se que aqui o corpo pode ser considerado um rascunho e está suscetível a contínuas modificações, sendo capaz de se reinventar e se ressignificar em razão das suas experiências e mesmo definir outras identidades aos sujeitos (p. 979).

Junges (2013), em uma entrevista, abordada no texto que a medicalização da vida, a perda da autonomia individual em relação à saúde e a influência do poder médico na sociedade, de forma excessiva, transforma a saúde em um campo dominado pela expertise técnica, retirando das pessoas a capacidade de autocuidado e protagonismo sobre suas próprias condições. Essa crítica está fundamentada nas ideias do filósofo Ivan Illich, que aponta que o excesso de intervenção médica pode causar mais mal do que benefício, gerando dependência e patologias iatrogênicas, ou seja, doenças causadas pelos próprios tratamentos médicos. Além disso, o texto explora a resistência a essa medicalização por meio das terapias alternativas, que surgem como dinâmicas biopolíticas que desafiam a normatização imposta pelo poder médico. A saúde, para Illich e Junges, está profundamente ligada à cultura e à capacidade dos indivíduos de encontrar recursos simbólicos para lidar com suas condições, o que contrasta com a visão tecnicista e mercadológica da medicina contemporânea. Esses temas refletem uma crítica ampla à forma como a vida e a saúde são apropriadas e controladas socialmente, levantando questões éticas e políticas sobre o papel da medicina na sociedade atual.

Quando questionados se sentiam, de alguma maneira, pressionados a seguirem algum tipo de padrão estético, pôde-se perceber que as cobranças em relação ao corpo são comuns aos dois grupos. Todas as mulheres participantes afirmaram que se sentem, ou já se sentiram pressionados a seguirem determinado padrão estético. Entre os homens 8 responderam que já passaram por essa situação de terem tido algum tipo de cobrança. Entre todos/as 29 participantes apenas 2, homens, disseram que nunca se sentiram pressionados a seguirem determinado padrão estético.

Graup *et al.* (2008) ao falar sobre as insatisfações corporais apresentados pelos/as adolescentes participantes do seu estudo, ressaltam que “esses resultados são confirmados pela literatura especializada, a qual aponta que, independentemente do estado nutricional, o sexo

feminino geralmente deseja diminuir a silhueta corporal, enquanto o masculino almeja corpos mais fortes.” (GRAUP *et al.*, 2008, p. 134).

Oliveira e Machado (2021), em seu estudo com público adolescente, destacaram que os/as jovens sentem a pressão por atender um determinado padrão e que o fato de não seguir os padrões determinados interfere nas relações com os/as outros/as e afeta o olhar sobre si, gerando por vezes, desconforto e insatisfação com o próprio reflexo no espelho. Elas ainda destacam a imposição de um padrão de beleza, juntamente com o crescente mercado de cosméticos, adereços, vestuários e, sobretudo, procedimentos estéticos ganham espaço, pois contribuem para o alcance dos padrões sociais de beleza de uma forma rápida.

Entre os procedimentos estéticos relacionados pelos/as participantes como sendo algo que poderiam/queriam fazer, as cirurgias na região da barriga são as mais citadas. Isso reforça o que já havia sido explicitado anteriormente que a região da barriga era a que mais causava insegurança nos/as participantes. As cirurgias que têm como objetivos definir uma determinada região são as mais citadas. São cirurgias que dão o aspecto de músculos definidos, passando a impressão de que a pessoa pratica esportes de forma regular. Busca-se, além de definir alguma parte do corpo, passar a impressão de que se é fisicamente ativo e que a definição foi conquistada por meio de exercícios, dando um aspecto natural a região.

Graup *et al.* (2008), enfatizam que os contextos sociais que corroboram com essas diferenças nas percepções e desejos de corpo ideal, destacam que:

Neste contexto, os resultados parecem demonstrar influências socioculturais que afetam diferentemente crianças e jovens de diferentes sexos (CASH, 1993; DEMAREST & LANGER, 1996; GITTELSON, HARRIS, THORNE-LYMAN, HANLEY, BARNIE & ZINMAN, 1996; RICCIARDELLI, MCCABE & BANFIELD, 2000), pois enquanto crianças e jovens, do sexo masculino, são estimulados à prática de atividades esportivas, com enfoque no aumento de massa muscular, as do sexo feminino são instigadas ao desenvolvimento de competências afetivo-cognitivas e sociais e, também, à prática de atividades físicas que implicam em perda de peso, com enfoque no caráter estético (GRAUP *et al.*, 2008, p. 134).

É possível perceber que a adolescência se caracteriza por um momento de transformações e, que muitas vezes, podem desencadear sentimentos de conflito entre a imagem que se tem de si e aquela que se deseja ter. Essas transformações são acarretam uma busca por

um padrão imposto socialmente, como forma de se sentir pertencente a algum grupo. Como forma de ilustrar as dinâmicas dessa fase, Graup *et al.* (2008), destacam que: “neste período da vida, existe uma forte tendência social e cultural de considerar a magreza como uma situação ideal de aceitação e êxito, o que influencia cada vez mais os jovens, especialmente as mulheres, a uma não aceitação de sua aparência corporal” (p. 134).

Oliveira e Machado (2021), apontam o contexto social como um fator para uma busca de uma autoaceitação.

A sociedade do espetáculo diz respeito ao cenário capitalista, no qual capital e consumo significam satisfação pessoal, e se traduz numa nova estética que envolve corpo e relacionamentos, permeados ainda por novas tecnologias, onde a imagem media a relação social. Nesta sociedade de aparências, o adolescente arrisca volatilizar-se na imagem em sua busca por aceitação e pertencimento (OLIVEIRA; MACHADO, 2021, p. 2664).

Oliveira e Machado (2021), apontam que a mídia, por meio da internet e das redes sociais, tem sido um fator importante para a disseminação de padrões estéticos e que acabam estigmatizando quem foge desse padrão:

uma mídia de poder exacerbado pelo advento da internet e das redes sociais, que exercem um papel persuasivo na fixação pelos padrões de beleza preconizados. Além disso, existe o processo de estigmatização advindo de uma sociedade embasada em padrões estéticos que contribuem e reforçam a desvalorização do sujeito quando não corresponde a essas perspectivas (p. 2664).

Ao discutirem sobre os dados que encontraram em seu estudo, Oliveira e Machado (2021), mostram que há uma corroboração com outros estudos que reforçam o papel de atender a certos padrões estéticos determinados socialmente devido a importância dada a imagem. As autoras trazem que:

Em relação à imagem no mundo contemporâneo, os resultados se assemelham a outro estudo onde as narrativas apontam uma obrigatoriedade do sujeito em atender aos padrões impostos para que possa ser inserido em determinados espaços. O fato de não seguir os padrões preconizados interfere nas relações com os outros e reflete de forma significativa no olhar sobre si, gerando por vezes, desconforto e

insatisfação com o próprio reflexo no espelho (p. 2666).

É destacado por Oliveira e Machado (2011) que: “Os moldes do corpo ideal têm se apresentado inatingíveis, sendo que até os indivíduos que se aproximam das exigências e dos padrões sociais de beleza sentem-se aborrecidos por não contemplar a perfeição em sua totalidade” (p. 2667).

Foi evidenciado por Oliveira e Machado (2021) a organização da sociedade como uma sociedade do espetáculo, mediada pela mídia e consumo, impõe padrões estéticos que alienam adolescentes, gerando insatisfação corporal, autocobrança e normalização de cirurgias estéticas. A construção social do corpo é marcada por estereótipos de gênero e raça, reforçando hierarquias excludentes. A análise crítica desses mecanismos é essencial para repensar práticas de cuidado em saúde que valorizem a diversidade corporal.

É discutido por Andrade e Bosi (2003) sobre como as mulheres acabam sendo mais afetadas pela mídia.

O ideal de corpo perfeito preconizado pela nossa sociedade e veiculado pela *mídia* leva as mulheres, sobretudo na faixa adolescente, a uma insatisfação crônica com seus corpos, ora se odiando por alguns quilos a mais, ora adotando dietas altamente restritivas e exercícios físicos extenuantes como forma de compensar as calorias ingeridas a mais, na tentativa de corresponder ao modelo cultural vigente (ANDRADE; BOSI, 2003. P. 120).

A Teoria das Representações Sociais, proposta por Jodelet (2001), oferece um arcabouço teórico para compreender como grupos internalizam e reproduzem normas culturais. A partir das três fases da objetivação — seleção e descontextualização de elementos, formação do núcleo figurativo e naturalização —, analisamos as percepções corporais de discentes em aulas de Educação Física, evidenciando como padrões estéticos e pressões sociais moldam suas experiências.

Na primeira fase, elementos culturais são selecionados e desvinculados de seu contexto original para formar a base das representações. O estudo utilizou a escala de silhuetas de Stunkard (1983), que reflete a valorização social de corpos magros (silhuetas 1-3) e atléticos (silhuetas 4-7). A maioria dos participantes (55,2%) expressou desejo por silhuetas entre 3 e 7, associadas a corpos “definidos” e “musculosos”, descontextualizando outras formas corporais, como obesidade ou magreza extrema. Essa seleção revela a internalização de padrões estéticos

dominantes, como evidenciado pelo fato de 55,2% considerarem cirurgias estéticas (lipoaspiração e rinoplastia) para adequação a esses ideais (JODELET, 2001).

As diferenças de gênero também se destacam: mulheres relataram maior insatisfação com a barriga (10 respostas de “total insatisfação”), refletindo a pressão por abdomens “sarados”, enquanto homens buscaram corpos atléticos, vinculados a ideais de força. Além disso, a Educação Física emerge como espaço de exclusão, com relatos de discentes que internalizaram críticas ao corpo, como “sumindo de magreza” ou “ganho de peso”, reforçando normas sociais excludentes.

Na segunda fase, os elementos selecionados organizam-se em uma estrutura simbólica. O “corpo atlético” (silhuetas 3-7) torna-se o núcleo central da representação, associado a valores como saúde, disciplina e aceitação social. Para homens, busca-se silhuetas menores (para evitar associação com “gordura”) ou maiores (para ganhar massa muscular), enquanto mulheres desejam combinar magreza com curvas (glúteos e seios maiores), influenciadas por imagens midiáticas (JODELET, 2001).

A exposição corporal em situações sociais, como uso de roupas de banho ou trocas de roupas, gerou ansiedade em 22 participantes, consolidando a ideia de que o corpo deve ser “controlado” para ser socialmente válido. Paradoxalmente, embora 76% dos alunos prefiram aulas práticas por associá-las à conquista do corpo ideal, a formação de “grupinhos” revela contradições entre discurso de inclusão e práticas excludentes.

Na última fase, os conceitos internalizam-se como verdades incontestáveis, ou seja, há uma naturalização. A insatisfação corporal é naturalizada como parte da adolescência, com frases como “preciso perder gordura da barriga” ou “quero músculos definidos” tratando desejos socialmente construídos como necessidades individuais. A medicalização do corpo também se normaliza: 34,5% dos participantes justificaram cirurgias estéticas como forma de “acabar com inseguranças”, ignorando críticas a padrões irreais.

O último tópico do questionário trouxe nove questões que se relacionam com as aulas de Educação Física. Esse tópico foi estruturado para saber mais sobre como os/as participantes percebem as aulas e como eles/as se relacionam com a disciplina. As questões abordam desde a participação nas aulas até pontos mais sensíveis, como a exclusão de alguma atividade ou se sentir constrangido/a em participar. Também foi buscado saber o que cada um/a achava das aulas, com relação aos conteúdos abordados e formas de organização das aulas, teóricas e práticas, e, por último, foi pedido que dessem opiniões ou sugestões sobre as aulas de Educação Física.

Uma questão que foi levantada no questionário dizia respeito ao fato de já ter se sentindo, em algum momento, não capaz de realizar o que estava sendo proposto na aula prática de Educação Física e se, também, já havia deixado de participar das aulas práticas por, em algum momento, já ter ouvido alguma piada ou comentário maldoso em relação ao seu corpo. Abaixo estão listadas as respostas obtidas.

Quadro 16: Receio de participar das aulas práticas de Educação Física.

Gênero que se identifica	Idade	Deixou de participar das aulas de Educação Física por não se sentir apto	Deixou de participar das aulas de Educação Física por algum tipo de brincadeira ou comentário negativo sobre o seu corpo	Caso a resposta anterior tenha sido sim, por favor, descreva o que foi dito e como se sentiu.
Feminino cis	17	Sim	Não	
Feminino cis	17	Sim	Não	.
Feminino cis	17	Não	Não	.
Masculino cis	17	Não	Não	
Masculino cis	17	Sim	Não	
Feminino cis	17	Não	Não	nada
Feminino cis	17	Não	Não	Nenhum
Feminino cis	17	Sim	Não	Nunca ouvi nada
Masculino cis	18	Sim	Não	
Feminino cis	17	Sim	Não	
Masculino cis	17	Sim	Não	
Masculino cis	17	Não	Não	
Masculino cis	17	Não	Não	
Feminino cis	17	Sim	Não	.
Feminino cis	17	Sim	Não	
Masculino cis	17	Não	Não	Resposta foi não.
Feminino cis	18	Sim	Não	
Feminino cis	18	Sim	Sim	Por comentários de tal parte ser grande, ou ter

Gênero que se identifica	Idade	Deixou de participar das aulas de Educação Física por não se sentir apto	Deixou de participar das aulas de Educação Física por algum tipo de brincadeira ou comentário negativo sobre o seu corpo	Caso a resposta anterior tenha sido sim, por favor, descreva o que foi dito e como se sentiu.
				ganhado peso, além de sentir se constrangida também me senti envergonhada e desmotivada a prática educação física, me senti mais insegura de usar roupas, ainda mais quando há meninos por perto
Feminino cis	17	Sim	Não	
Masculino cis	19	Sim	Não	
Masculino cis	17	Sim	Não	
Feminino cis	17	Sim	Sim	sim, foi dito que eu estava "sumindo" forma de magreza, me senti totalmente ofendida
Feminino cis	17	Não	Não	
Masculino cis	18	Sim	Não	Nada
Feminino cis	17	Sim	Não	Não ouvi
Feminino cis	17	Sim	Não	
Feminino cis	17	Sim	Não	.
Feminino cis	17	Sim	Não	
Feminino cis	18	Sim	Não	

Elaborado pelo Autor, 2025.

Como pode ser percebido nas respostas dos/as participantes, as aulas práticas de Educação Física podem representar alguma barreira para que a participação de todos/as seja

feita da melhor forma possível, de forma que seja uma prática acolhedora e estimulante. Pode-se perceber que há o receio em realizar algumas atividades que são propostas por não se sentirem aptos para a realização da atividade e isso pode ser desencadeado por, em algum momento, já ter sido criticado ou ouvido piadas/brincadeiras por não conseguir realizar determinada atividade. Percebe-se que entre as mulheres o número de participantes que deixam de fazer alguma atividade por esse receio é muito significativo. Entre as 19 participantes da pesquisa, 15 afirmaram que já deixaram de participar das aulas práticas, enquanto apenas quatro responderam que não. Entre os homens o número de alunos que responderam que já deixaram de participar das aulas práticas é maior, porém com uma diferença menor entre as respostas. Dentre os/as participantes, seis disseram que já deixaram de participar de alguma aula prática, enquanto quatro deles disseram que não.

Os/as participantes também foram questionados se em algum momento eles/as deixaram de participar de alguma aula prática de Educação Física porque haviam escutado algum tipo de brincadeira e/ou comentário negativo acerca dos seu corpo. Pode-se perceber que essa questão não trouxe uma afetação para a participação nas aulas práticas de Educação Física. Foi possível verificar que não é hábito entre os/as participantes tecerem comentários acerca dos corpos dos/as colegas. Apenas duas respostas indicaram que já deixaram de participar de alguma aula prática por essa razão, ambos os comentários foram de mulheres, enquanto os/as demais 27 participantes relataram que nunca passaram por essa situação.

Uma característica comum às duas respostas que indicaram já terem recebidos comentários acerca do corpo está no fato de que ambos se referiam aos aspectos relacionados ao peso das estudantes. Um comentário foi feito indicando que a aluna estava “grande” ou ganhando peso e o outro comentário falava sobre a magreza da outra discente, fazendo a piada de que ela “estava sumindo”. Ambos os comentários despertam gatilhos sobre a relação como o peso, sendo questionada a participante apontada como tendo ganho peso demais e, também, questionada a discente que perdeu peso demais.

Por comentários de tal parte ser grande, ou ter ganhado peso, além de sentir se constrangida também me senti envergonhada e desmotivada a prática educação física, me senti mais insegura de usar roupas, ainda mais quando há meninos por perto (Discente 18)

Sim, foi dito que eu estava "sumindo" forma de magreza, me senti totalmente ofendida (Discente 22).

Como pode ser percebido nas falas das discentes participantes que relataram terem ouvido piadas/comentários sobre os seus corpos, a situação despertou sentimentos muitos negativos, desde a insegurança quanto a usar determinada roupa até o sentimento de ofensa com o que foi dito. A relação estética relacionada ao peso corporal é algo delicado para as mulheres, principalmente, pois ainda há sobre elas uma cobrança estética maior (ANDRADE; AMARAL; FERREIRA, 2010).

A última parte do questionário perguntava aos/as participantes quais eram as suas impressões com relação as aulas de Educação Física. Os questionamentos iam desde saber se gostavam mais das aulas teóricas ou práticas, também querendo saber se gostavam do que era discutido nas aulas teóricas e se gostavam da forma como ocorriam as aulas práticas. Foi pedido para que falassem sobre o que achavam das aulas de Educação Física e, também, pedido para que pudessem sugerir algo, que na visão deles/as ajudaria a melhorar as aulas de Educação Física. O quadro abaixo apresenta as respostas dadas sobre gostar ou não das Aulas de Educação Física e qual a preferência pelo tipo de aula, se teóricas ou práticas.

Quadro 17: Aulas teóricas e/ou aulas práticas de Educação Física.

Gênero que se identifica	Idade	Gosta das aulas de Educação Física	Preferência: aulas teóricas ou aulas práticas	Gosta do que é discutido nas aulas teóricas	Participa das aulas práticas
Feminino cis	17	Sim	Aulas práticas	Sim	Sim, sempre
Feminino cis	17	Sim	Aulas práticas	Sim	Sim, sempre
Feminino cis	17	Sim	Aulas práticas	Não	Sim, sempre
Masculino cis	17	Sim	Aulas práticas	Sim	Sim, sempre
Masculino cis	17	Sim	Aulas práticas	Sim	Às vezes, depende do que está sendo abordado
Feminino cis	17	Não	Aulas práticas	Sim	Às vezes, depende do que está sendo abordado
Feminino cis	17	Sim	Aulas práticas	Sim	Sim, sempre

Gênero que se identifica	Idade	Gosta das aulas de Educação Física	Preferência: aulas teóricas ou aulas práticas	Gosta do que é discutido nas aulas teóricas	Participa das aulas práticas
Feminino cis	17	Não	Aulas teóricas	Sim	Sim, sempre
Masculino cis	18	Sim	Gosto de ambas	Sim	Às vezes, depende do que está sendo abordado
Feminino cis	17	Sim	Gosto de ambas	Sim	Às vezes, depende do que está sendo abordado
Masculino cis	17	Sim	Gosto de ambas	Sim	Não, nunca
Masculino cis	17	Sim	Aulas práticas	Sim	Sim, sempre
Masculino cis	17	Sim	Aulas práticas	Sim	Sim, sempre
Feminino cis	17	Sim	Gosto de ambas	Sim	Sim, sempre
Feminino cis	17	Sim	Aulas práticas	Sim	Sim, sempre
Masculino cis	17	Sim	Aulas práticas	Sim	Sim, sempre
Feminino cis	18	Sim	Aulas práticas	Sim	Às vezes, depende do que está sendo abordado
Feminino cis	18	Sim	Aulas teóricas	Sim	Não, nunca
Feminino cis	17	Sim	Aulas práticas	Não	Sim, sempre
Masculino cis	19	Sim	Gosto de ambas	Sim	Às vezes, depende do que está sendo abordado
Masculino cis	17	Sim	Gosto de ambas	Sim	Às vezes, depende do que está sendo abordado

Gênero que se identifica	Idade	Gosta das aulas de Educação Física	Preferência: aulas teóricas ou aulas práticas	Gosta do que é discutido nas aulas teóricas	Participa das aulas práticas
Feminino cis	17	Sim	Aulas práticas	Sim	Sim, sempre
Feminino cis	17	Sim	Aulas práticas	Sim	Sim, sempre
Masculino cis	18	Sim	Aulas práticas	Sim	Sim, sempre
Feminino cis	17	Sim	Gosto de ambas	Sim	Sim, sempre
Feminino cis	17	Sim	Aulas práticas	Sim	Sim, sempre
Feminino cis	17	Sim	Aulas práticas	Sim	Sim, sempre
Feminino cis	17	Não	Aulas práticas	Sim	Sim, sempre
Feminino cis	18	Sim	Gosto de ambas	Sim	Às vezes, depende do que está sendo abordado

Elaborado pelo Autor, 2025.

As respostas apresentadas no quadro mostram que os/as discentes gostam das aulas de Educação Física. Entre todas as respostas obtidas 27, sendo 17 femininas e 10 masculinas, apresentam o gosto pela disciplina. Apenas duas respostas, ambas respostas femininas, afirmam não gostar das aulas de Educação Física. O ponto interessante dessas respostas que disseram não gostar das aulas de Educação Física é que uma delas prefere as aulas teóricas, enquanto a outra prefere as aulas práticas. Ambas afirmaram que gostam dos temas propostos nas aulas teóricas e que sempre participam das aulas práticas. Apesar de terem manifestado não gostar da disciplina elas estão engajadas na participação nas aulas, seja teórica ou prática.

Quando questionados/as se preferem as aulas teóricas ou as aulas práticas, foi possível perceber que a turma prefere a realização das aulas práticas. Apenas duas mulheres afirmaram que gostavam mais das aulas teóricas. Quatro delas afirmaram que gostam de ambas as aulas e 13 disseram que preferem as aulas práticas. As respostas masculinas também indicam uma preferência pelas aulas práticas. Foram seis discentes disseram que preferem as aulas práticas, enquanto quatro disseram que gostam de ambas. Não houve manifestação de preferência pelas aulas teóricas por parte dos homens.

Após essa parte de manifestação de interesse por aulas teóricas ou práticas foi

perguntado o que achavam dos conteúdos discutidos nas aulas. O questionamento foi dividido em 2 partes, sendo uma para perguntar se gostavam dos conteúdos que eram abordados nas aulas teóricas e a segunda parte questionando se gostavam dos conteúdos trabalhados nas aulas práticas. A aceitação da turma pelos conteúdos trabalhados nas aulas teóricas foi quase unânime. 27, dos/as 29 participantes, afirmaram que gostam dos conteúdos que são discutidos nas aulas teóricas. Apenas duas respostas, ambas femininas, disseram que não gostavam dos conteúdos propostos. Quando questionados/as acerca das aulas práticas as respostas indicam que há um gosto pelas aulas práticas. Dentre os/as participantes, 14 mulheres disseram que participam das aulas práticas e apenas quatro afirmaram que participam às vezes, dependendo do que está sendo abordado, e uma disse que não participa das aulas práticas. As respostas masculinas indicam um interesse em participar das aulas práticas. Foram cinco os que responderam que sempre participam das aulas, outros quatro responderam que participam às vezes, dependendo do tema abordado, e apenas um disse que não participa das aulas práticas.

Com base nas respostas obtidas é possível perceber que os/as discentes gostam das aulas de Educação Física, têm uma preferência pelas aulas práticas, mas que também gostam dos temas que são propostas nas aulas teóricas, vendo pontos relevantes na discussão. É importante identificar que os/as discentes gostam das aulas de Educação Física e que se engajam na participação nas aulas, pois, em tempos de ataques às disciplinas escolares com a redução das cargas horárias, ter o apoio dos/as discentes é fundamental para que seja possível lutar pela manutenção das aulas de Educação Física como componente curricular obrigatório e, no mínimo, com a carga horária que se tem atualmente, de 2h/a por semana.

A questão seguinte do questionário perguntava aos/as participantes que achavam das aulas de Educação Física e foi deixado um campo para que pudessem escrever a impressão que tinham. O quadro abaixo traz as respostas obtidas.

Quadro 18: O que acha das aulas de Educação Física.

Gênero que se identifica.	Idade	O que você acha das aulas de Educação Física?
Feminino cis	17	Acho bem interessantes, adoro a prática esportiva e me sinto bem realizando qualquer esporte ou brincadeira
Feminino cis	17	Gosto dela e principalmente quando são brincadeiras.
Feminino cis	17	São legais, algumas bem chatas, mas no geral são legais
Masculino cis	17	Legalzinhas, gosto de alguns assuntos quando é teórica, e acho muito

Gênero que se identifica.	Idade	O que você acha das aulas de Educação Física?
		legal quando é prática.
Masculino cis	17	Divertidas
Feminino cis	17	legais
Feminino cis	17	Interessantes
Feminino cis	17	São boas
Masculino cis	18	Legal
Feminino cis	17	Gosto bastante, mas não gosto de praticar atividade física na frente de outras pessoas, me sinto um pouco desengonçada.
Masculino cis	17	Boas
Masculino cis	17	Acho bom, por que além de praticar exercícios corporais, eu ainda aprendo diversos movimentos/coisas novas.
Masculino cis	17	Gosto bastante, por que além de entender a teoria, vc aprende mt sobre esportes
Feminino cis	17	Legais
Feminino cis	17	São boas, ajuda na disposição e no bem-estar.
Masculino cis	17	Eu gosto bastante
Feminino cis	18	Acho um ótimo momento de descontração e é o momento que finalmente posso me exercitar sem me preocupar em romper a rotina escolar.
Feminino cis	18	Legais
Feminino cis	17	Boas
Masculino cis	19	Até o momento, acho que estão satisfatórias.
Masculino cis	17	Legal
Feminino cis	17	gosto das aulas e da forma como interajo com meus amigos
Feminino cis	17	legais e interativas
Masculino cis	18	São ótimas e divertidas
Feminino cis	17	Gosto muito, é uma das minhas matérias favoritas. O que me incomoda um pouco são as roupas, mas isso é irrelevante em algumas ocasiões.
Feminino cis	17	Divertidas

Gênero que se identifica.	Idade	O que você acha das aulas de Educação Física?
Feminino cis	17	Bem legais e bem completas
Feminino cis	17	tranquilas
Feminino cis	18	acho legal

Elaborada pelo Autor, 2025.

Utilizando a análise de conteúdo, proposta por Bardin (2016), foi possível, após a análise das respostas dadas, observar a existência de 5 pontos que ajudam a compreender a forma como os/as discentes percebem as aulas de Educação Física.

O primeiro ponto identificado foi: Prática Esportiva e Diversão. As respostas nessa categoria destacam o prazer em realizar a prática das atividades físicas e jogos, como é possível perceber nas seguintes falas dos/as discentes: “Adoro a prática esportiva e me sinto bem realizando qualquer esporte ou brincadeira.”; “Divertidas”; “Gosto dela e principalmente quando são brincadeiras”.

O segundo ponto elencado foi: Benefícios Físicos e Emocionais. As respostas dadas pelos/as discentes fazem menções a melhorias na saúde, disposição ou bem-estar. É possível identificar essa categoria a partir das seguintes respostas: “Ajuda na disposição e no bem-estar.”; “É o momento que finalmente posso me exercitar sem me preocupar em romper a rotina escolar”.

O terceiro ponto identificado foi: Interação Social. Essa categoria engloba as respostas que enfatizam a convivência com colegas. Podemos perceber a importância dada para a interação social a partir das seguintes respostas: “Gosto das aulas e da forma como interajo com meus amigos.”; “Bem legais e bem completas (contexto de grupo)”.

O quarto ponto elencado foi: Teoria X Prática. Essa categoria traz à tona as menções à preferência por atividades teóricas ou práticas. “Gosto de alguns assuntos quando é teórica, e acho muito legal quando é prática.”; “Aprende muito sobre esportes”.

E por fim, o quinto ponto que pôde ser identificada foi: Desconfortos e Críticas. As respostas que ilustram essa categoria trazem os relatos de inseguranças ou aspectos negativos que foram sentidos em algum momento da participação nas aulas de Educação Física. É possível identificar a partir das seguintes respostas: “Não gosto de praticar atividade física na frente de outras pessoas, me sinto desengonçada.”; “O que me incomoda são as roupas”.

Além desses pontos listadas acima, também foi possível fazer a identificação dos

sentimentos que estavam sendo evocados nas respostas dadas. Essas respostas podem ser classificadas com sentimentos positivos, 85% das menções, percebidas pelo uso de termos como: “interessantes”, “divertidas”, “ótimo momento”, “favoritas”. Uns exemplos: “É uma das minhas matérias favoritas”. “São ótimas e divertidas”. Também foi possível identificar um sentimento neutro, 10% das respostas, por meio de respostas com palavras curtas e genéricas, como por exemplo: “legais”, “boas”, “satisfatórias”. Também foi possível identificar respostas que trazem um sentimento negativo para a disciplina, 5% das respostas, percebidas em falas que trazem alguma crítica pontual, como no trecho da fala que destaca que algumas aulas são “bem chatas”.

Foi possível fazer uma análise a partir da perspectiva de gênero para poder compreender se haviam diferenças significativas na forma que as mulheres percebem as aulas de Educação Física em relação como os homens têm de percepção.

Quadro 19: Diferença de gênero nas percepções das aulas de Educação Física.

Aspecto	Feminino	Masculino
Temas Predominantes	Maior ênfase em interação social e bem-estar emocional.	Foco em aprendizado teórico e prática esportiva.
	Menções a desconfortos (roupas, timidez).	Respostas mais objetivas (“Legal”, “Boas”).
Sentimentos	80% positivas; 15% neutras; 5% negativas.	90% positivas; 10% neutras.
Exemplos Contrastantes	“Me sinto um pouco desengonçada” (desconforto); “Momento de descontração” (positivo).	“Aprender diversos movimentos/coisas novas” (prática); “Gosto de assuntos teóricos”.

Elaborado pelo Autor, 2025.

A análise das respostas sobre as aulas de Educação Física, fundamentada na metodologia de Bardin (2016), revela um panorama multifacetado, destacando-se três eixos centrais: as categorias temáticas que estruturam as percepções dos alunos, a predominância de sentimentos positivos e as nuances nas experiências relacionadas ao gênero.

Em primeiro lugar, as categorias temáticas identificadas demonstram que a disciplina é percebida como um espaço de integração entre corpo, mente e relações sociais. A categoria “Prática Esportiva e Diversão” (ex.: “adoro a prática esportiva”) reflete o entusiasmo pela atividade física como forma de lazer, enquanto os “Benefícios Físicos e Emocionais” (ex.: “ajuda na disposição”) evidenciam que as aulas são vistas como aliadas da saúde integral. A

“Interação Social”, por sua vez, surge como um pilar fundamental, com alunos valorizando a convivência com colegas (ex.: “gosto da forma como interajo com meus amigos”). Contudo, as críticas pontuais na categoria “Desconfortos e Críticas” (ex.: “me sinto desengonçada”) alertam para a necessidade de atenção a questões como inclusão e adaptação de práticas pedagógicas.

Quanto aos sentimentos evocados, a polaridade positiva (85%) reforça o papel central da Educação Física no engajamento escolar. Expressões como “divertidas”, “favoritas” e “momento de descontração” traduzem uma associação entre a disciplina e prazer, o que contrasta com visões tradicionais que a reduzem a obrigação curricular. As respostas neutras (10%), embora genéricas (“legais”, “boas”), sugerem conformidade, enquanto as negativas/mistas (5%) apontam para desafios específicos, como inseguranças pessoais ou desconforto com o vestuário. Esses dados indicam que, embora a disciplina seja bem-avaliada, há margem para aprimoramentos que atendam a minorias com necessidades particulares.

Por fim, a análise por gênero revela diferenças significativas nas experiências. As mulheres, que representam a maioria das respostas, destacam-se por relacionar as aulas a aspectos emocionais e sociais (ex.: “momento de descontração”), mas também expressam desconfortos ligados à exposição corporal e à autoimagem (ex.: “não gosto de praticar na frente de outros”). Já os homens tendem a enfatizar aspectos objetivos, como aprendizado teórico (“gosto de assuntos teóricos”) ou domínio de habilidades práticas (“aprender diversos movimentos”), com respostas mais concisas e menos críticas. Essa divergência sugere que questões de gênero influenciam não apenas a vivência das aulas, mas também a forma como os benefícios da disciplina é internalizados/as.

Em síntese, a Educação Física emerge como uma disciplina estratégica para promoção de saúde, socialização e desenvolvimento integral, mas seu potencial pode ser ampliado com ações direcionadas, como por exemplo: 1. Inclusão de práticas que reduzam exposições constrangedoras (ex.: opções de vestimenta, atividades em pequenos grupos); 2. Equilíbrio entre teoria e prática, atendendo a diferentes preferências de aprendizagem; 3. Sensibilidade às questões de gênero, garantindo que atividades e abordagens contemplem as distintas necessidades emocionais e sociais dos alunos. Assim, a disciplina consolidaria seu papel como espaço de acolhimento, motivação e formação cidadã.

As aulas de Educação Física são majoritariamente valorizadas, com ênfase em diversão, socialização e saúde. As Mulheres tendem a expressar mais nuances emocionais (incluindo desconfortos), enquanto os homens focam em aspectos práticos e objetivos. A análise sugere que a disciplina cumpre um papel social e físico relevante, mas ajustes em questões como

vestuário e inclusão poderiam ampliar seu impacto positivo.

Por fim, foi pedido para que os/as participantes dessem sugestões que cada um/a acreditava que ajudaria a melhorar as aulas de Educação Física, tanto teóricas quanto práticas, contribuindo para que a disciplina pudesse se aproximar daquilo que cada uma entendia como sendo interessante para o melhor desenvolvimento das aulas e aprendizado.

Abaixo está apresentado o quadro com as respostas obtidas.

Quadro 20: Sugestões para as aulas de Educação Física.

Gênero que se identifica	Idade	Qual(ais) sugestão(ões) você deixa para a melhoria das aulas de Educação Física, tanto teóricas quanto práticas?
Feminino cis	17	Não tenho, são ótimas
Feminino cis	17	Acho que gosto de como é
Feminino cis	17	Menos slides
Masculino cis	17	Teórica não tem oq melhorar. E prática também não
Masculino cis	17	Aumentar a competitividade entre os alunos
Feminino cis	17	não sei
Feminino cis	17	Nenhum
Feminino cis	17	Nada a declarar sobre as teóricas, mas na prática poderia ter mais atividades em equipe
Masculino cis	18	Não tenho sugestão
Feminino cis	17	Nenhuma, gosto da dinâmica usada.
Masculino cis	17	Nenhuma
Masculino cis	17	Aulas que visam o interesse dos alunos.
Masculino cis	17	uma aula q desperte o interesse de todos
Feminino cis	17	Não sei, para mim as aulas estão legais do jeito que são
Feminino cis	17	Sinceramente não sei, mas pra mim está de bom agrado do jeito que tá.
Masculino cis	17	Ter menos aulas teóricas e mais aulas práticas
Feminino cis	18	Eu gosto como está, brincadeiras, técnicas de jogos, tudo do jeito que está, sinto falta de uma caminhada, um passeio e uma corrida, mas fora isso, tudo ótimo.
Feminino cis	18	.

Gênero que se identifica	Idade	Qual(ais) sugestão(ões) você deixa para a melhoria das aulas de Educação Física, tanto teóricas quanto práticas?
Feminino cis	17	Nenhuma
Masculino cis	19	Por enquanto, nenhuma.
Masculino cis	17	.
Feminino cis	17	Nada
Feminino cis	17	nenhuma, p mim, as aulas são ótimas
Masculino cis	18	Sem sugestões
Feminino cis	17	Para as práticas: Quando tem jogos ou brincadeiras, como na aula passada, os grupinhos brincam apenas entre si e excluem os outros, seria interessante alguma forma de fazer com que todos participem do jogo ou brincadeira. Para as teorias: Alguma forma de prender mais a atenção dos alunos pois depois de algum tempo de aula eles se dispersam, algo mais interativo, questionários, alguma brincadeira sobre o conteúdo.
Feminino cis	17	Nenhuma
Feminino cis	17	Tá ótimo do jeito que já são feitas.
Feminino cis	17	.
Feminino cis	18	não tenho ideias

Elaborada pelo Autor, 2025.

Utilizando a análise de conteúdo, proposta por Bardin (2016), foi possível, após a análise das respostas dadas, observar a existência de 5 fatores que ajudam a compreender as sugestões dadas pelos/as discentes para a melhoria das aulas de Educação Física.

O primeiro fator percebido foi: Satisfação com as Atuais Aulas. As respostas que fazem parte desse fator indicam aprovação ou ausência de críticas, como é possível perceber nos exemplos: “Não tenho, são ótimas”; “Gosto da dinâmica usada”; “Para mim está de bom agrado”. Essa categoria aponta que os/as discentes estão satisfeitas com a dinâmica atual das aulas e não apresentaram sugestões para melhorias.

O segundo fator observado foi: Sugestões para Aulas Práticas. As respostas que estão contidas aqui são as que apresentam propostas de mudanças nas atividades físicas. É possível as perceber em respostas como essas: “Mais atividades em equipe”; “Caminhada, passeio,

corrida”; “Fazer todos participarem”. São apontamentos de direção para que as aulas práticas possam ter uma maior participação.

O terceiro fator constatado foi: Sugestões para Aulas Teóricas. As respostas que estão nesse fator são as que apresentam algumas críticas ou ideias para melhorar o ensino das aulas teóricas. Pode ser percebida em respostas como as seguintes: “Menos slides”; “Algo mais interativo, questionários”; “Prender mais a atenção”. São sugestões para que as aulas não corram o risco de se tornarem desinteressantes ou enfadonhas.

O quarto fator identificado foi: Inclusão e Dinâmica de Grupo. As respostas dessa aqui contidas fazem menções à necessidade de maior integração ou redução de exclusão de discentes que não se sentem à vontade para participar das aulas. As sugestões dadas são, por exemplo: “Evitar grupinhos que excluem outros”; “Formas de incluir todos nas brincadeiras”. Demonstram o sentimento de quererem incluir todos/as nas aulas evitando que alguém seja excluído ou se exclua por não se sentir pertencente ao lugar.

Por fim, o quinto fator percebido foi: Competitividade e Engajamento. As respostas dadas apresentam como sugestões para a melhoria das aulas de Educação Física aumentar os desafios ou interesses. As respostas que ilustram esse fator são: “Aumentar a competitividade entre alunos”; “Aulas que despertem o interesse de todos”. São manifestações de que a não participação pode estar relacionada a falta de interesse com o que foi proposta para a aula, bem como eles/as se sentem mais atraídos para a prática quando há o componente da competição em grupo ou se sentem mais desafiados/as.

A partir da análise das falas dos/as discentes participantes também foi possível perceber os sentimentos envolvidos nas respostas. Os sentimentos evocados e polaridade das respostas foram classificadas em: Positivas/Neutras (80%). Essas respostas são as que têm um predomínio de satisfação (“são ótimas”; “tudo do jeito que está”) ou neutralidade (“não tenho sugestão”; “nada a declarar”). Foi possível observar que há uma outra polaridade, a de Críticas Construtivas (20%), onde as respostas dadas fazem menções específicas para que seja possível alcançar as melhorias que eles/as pensam que sejam ideais. Essas críticas podem vir acompanhadas de elogios: “Evitar exclusão nos jogos” (crítica + sugestão); “Menos slides, mais interatividade” (crítica prática).

Foi possível fazer uma análise a partir da perspectiva de gênero para poder compreender se haviam diferenças significativas no tipo de sugestão que seria dada a partir da perspectiva que as mulheres percebem as aulas de Educação Física em relação como os homens têm de percepção.

Quadro 21: Diferença de gênero nas sugestões para as aulas de Educação Física.

Aspecto	Feminino	Masculino
Temas Predominantes	- Maior ênfase em inclusão e dinâmica coletiva (ex.: <i>"fazer todos participarem"</i>).	- Foco em competitividade (ex.: <i>"aumentar a competitividade"</i>) e engajamento geral.
	- Sugestões práticas ligadas a bem-estar (ex.: <i>"caminhada, passeio"</i>).	- Críticas genéricas às aulas teóricas (ex.: <i>"ter menos teoria"</i>).
Sentimentos	- 70% positivas/neutras; 30% críticas construtivas.	- 85% positivas/neutras; 15% críticas (foco em competitividade).
Exemplos Contrastantes	<i>"Evitar grupinhos que excluem"</i> (inclusão); <i>"Gosto como está"</i> (satisfação).	<i>"Aumentar competitividade"</i> (ação); <i>"Aulas que despertem interesse"</i> (engajamento).

Elaborada pelo Autor, 2025.

Com a observação das respostas obtidas foi possível perceber que as mulheres apresentam uma maior preocupação com as questões relacionadas a inclusão nas aulas e, também, com as realizações de atividade mais colaborativas, realizadas de forma coletiva. Para a maior parte das mulheres as falas foram de forma positivas/neutras. Por outro lado, os homens demonstraram que tinham um foco voltado para a competitividade, acreditando que seria um elemento que estimularia uma maior participação nas aulas. A maior parte das sugestões forma com caráter positivo/neutro.

As sugestões revelam um alto índice de satisfação com as aulas de Educação Física, especialmente entre os homens. Contudo, as críticas construtivas destacam demandas específicas, como: 1. Inclusão social. As mulheres apontam a necessidade de práticas mais colaborativas e menos excludentes; 2. Dinamismo nas aulas teóricas. Alunos de ambos os gêneros sugerem reduzir o uso de slides e adotar métodos interativos; 3. Equilíbrio entre competição e cooperação. Enquanto os homens valorizam a competitividade, as mulheres priorizam atividades que integrem todos. 4. Diversificação das atividades práticas: As sugestões, como caminhadas e passeios, indicam desejo por variedade além dos esportes tradicionais.

Esses dados sugerem que, embora a disciplina seja bem-avaliada, ajustes focados em inclusão, interatividade e diversificação podem potencializar seu impacto, atendendo às

expectativas distintas de gênero e promovendo um ambiente mais equilibrado e motivador.

A análise das sugestões para as aulas de Educação Física, à luz da metodologia de Bardin (2016), revela um cenário marcado por satisfação predominante, mas com demandas específicas que apontam caminhos para aprimoramentos. A partir das categorias identificadas, dos sentimentos evocados e das diferenças de gênero, é possível compreender como alunos e alunas percebem a disciplina e quais ajustes consideram prioritários.

Em relação às categorias temáticas, destacam-se dois eixos principais: validação das práticas atuais e sugestões para mudanças. A categoria “Satisfação com as Atuais Aulas” (ex.: “são ótimas”; “gosto da dinâmica usada”) domina as respostas, indicando que a maioria dos alunos reconhece o valor da disciplina. No entanto, as sugestões para práticas e teóricas revelam críticas pontuais. Por exemplo, a demanda por “menos slides” e “aulas mais interativas” nas teóricas reflete um desejo por metodologias que combatam a dispersão, enquanto propostas como “mais atividades em equipe” e “caminhadas/passeios” nas práticas sugerem busca por diversificação e inclusão. A categoria “Inclusão e Dinâmica de Grupo” (ex.: “evitar grupinhos que excluem”) chama atenção para conflitos sociais que permeiam as aulas, evidenciando a necessidade de estratégias pedagógicas que garantam participação coletiva.

Quanto aos sentimentos evocados, a polaridade positiva/neutra (80%) confirma a aceitação geral da disciplina, com expressões como “tudo do jeito que está” e “ótimo agrado”. Contudo, as “críticas construtivas (20%)”, embora minoritárias, são significativas por sua especificidade. Por exemplo, a sugestão “fazer todos participarem”, associada a relatos de exclusão em brincadeiras, revela uma frustração silenciosa que pode impactar a experiência de parte dos alunos. Já a menção a “questionários interativos” para aulas teóricas indica que a insatisfação não está na disciplina em si, mas em como certos conteúdos são abordados. Esses pontos demonstram que, mesmo em um contexto de aprovação, há espaço para inovações que tornem as aulas mais equitativas e engajadoras.

Na análise por gênero, as diferenças são claras e reveladoras. As mulheres, que representam a maioria das respostas, destacam-se por priorizar a colaboração e a inclusão. Sugestões como “evitar exclusão nos jogos” e “mais atividades em equipe” refletem uma preocupação com a dinâmica social e o bem-estar coletivo. Além disso, propostas como “caminhadas e passeios” sugerem uma valorização de práticas menos competitivas e mais acessíveis. Já os homens tendem a focar em competitividade e eficiência, como em aumentar a competitividade entre alunos, e em críticas genéricas às aulas teóricas (“ter menos teoria”). Essa divergência indica que questões de gênero influenciam não apenas as preferências, mas também

a forma como os alunos enxergam o propósito da Educação Física: para elas, um espaço de convívio e integração; para eles, um ambiente de desafio e desempenho.

Em síntese, as sugestões dos alunos apontam para um equilíbrio delicado entre tradição e inovação. A disciplina é reconhecida como relevante, mas seu potencial pode ser ampliado com ações como: 1. Promoção de inclusão social, combatendo a formação de “grupinhos” e garantindo que atividades práticas sejam adaptadas para envolver todos/as os/as alunos/as; 2. Modernização das aulas teóricas, substituindo modelos passivos (ex.: slides) por métodos interativos (ex.: jogos, debates); 3. Diversificação das práticas, incorporando atividades como caminhadas e passeios, que atendam a diferentes perfis de interesse; 4. Sensibilidade às demandas de gênero, equilibrando competitividade e cooperação para criar um ambiente que acolha tanto a energia competitiva quanto a necessidade de colaboração.

A inclusão social na educação, como apontado no texto, requer estratégias que transcendam a mera integração física. Freire (1987), defende que a educação deve ser um ato político de diálogo, onde todas as vozes são valorizadas, evitando hierarquias que marginalizem grupos. Isso implica criar dinâmicas pedagógicas que desconstruam estereótipos e incentivem a colaboração, como trabalhos em duplas rotativas ou projetos coletivos que distribuam lideranças. Além disso, a teoria de Vygotsky (2007) sobre o desenvolvimento social ressalta que a aprendizagem ocorre em interações mediadas, sugerindo que atividades práticas adaptadas devem incluir tutoria entre pares, garantindo que alunos com diferentes habilidades se apoiem mutuamente.

Outro aspecto crucial é a análise estrutural dos "grupinhos", que muitas vezes refletem dinâmicas de exclusão históricas, como aponta Bourdieu e Passeron (1992). Para combatê-los, é necessário identificar padrões de segregação, como por exemplo a divisões por gênero, e intervir com metodologias que promovam a diversidade, como sorteio de grupos ou temas que exijam múltiplas perspectivas. A adaptação de atividades práticas também pode incluir flexibilidade de formatos, como opções artísticas, esportivas ou tecnológicas, assegurando que cada aluno encontre um canal de expressão.

A substituição de modelos passivos por abordagens interativas dialoga com a crítica de John Dewey (1916) à educação bancária, na qual o aluno é um receptor passivo. Ele defende que a aprendizagem significativa surge da experiência ativa, como debates e simulações, que conectam teoria e prática. Plataformas digitais interativas, como Kahoot! ou Mentimeter, também permitem respostas em tempo real, ajustando o ritmo das aulas às necessidades da turma. Além disso, a interatividade pode ser ampliada com metodologias ativas, como a sala

de aula invertida, na qual o estudante estuda previamente o conteúdo e usa o tempo presencial para discussões. Isso exige, porém, formação docente para equilibrar liberdade e direcionamento, evitando que a interatividade se torne caótica.

A incorporação de caminhadas, passeios e outras atividades externas, como visitas a parques ou museus, contextualizam o conhecimento e estimulam a curiosidade. Além disso, o contato com a natureza pode reduzir o estresse e melhorar o foco, conforme estudos de Louv (2016), que alerta para o “transtorno de déficit de natureza” nas gerações urbanizadas.

No entanto, a diversificação exige planejamento para evitar superficialidade. Como alerta Morin (2000), é preciso integrar as atividades a um projeto pedagógico coerente, evitando o “ativismo” vazio. Por exemplo, uma caminhada pode ser vinculada a aulas de biologia, estudo de ecossistemas, geografia, análise urbana, ou até literatura, inspiração para escrita criativa. Essa multidisciplinaridade, aliada à inclusão de diferentes perfis, como os/as discentes menos atléticos podem focar em observação ou documentação, reforça o potencial educativo das práticas diversificadas.

A criação de um ambiente acolhedor para todos os gêneros exige reconhecer que a competitividade, historicamente associada à masculinidade hegemônica, pode excluir alunos que se identificam com valores colaborativos. Conforme Connell e Messerschmidt (2013), a escola reproduz padrões de gênero, mas também pode subvertê-los através de dinâmicas que valorizem tanto a liderança quanto a empatia. Jogos cooperativos, são alternativas para equilibrar essa dinâmica.

Além disso, é preciso questionar a dualidade competição vs. cooperação. Para Khon (1992), a competição prejudica a autoestima e a solidariedade, sugerindo que a colaboração deve ser o eixo central. O desafio, portanto, é oferecer opções: atividades competitivas para quem se identifica e cooperativas para quem prefere, sempre mediadas por reflexões críticas sobre estereótipos de gênero e inclusão.

Assim, a Educação Física consolidaria seu papel não apenas como espaço de exercício físico, mas como ferramenta de integração social e desenvolvimento integral, respeitando as múltiplas vozes que compõem a sala de aula cooperando para a produção de uma ambiência inclusiva.

CAPÍTULO IV – REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES

Após a análise dos dados coletados nos encontros realizados com os/as discentes, foi possível perceber que ainda há uma forte busca por atender a um padrão de corpo tido como ideal, sendo esse corpo representado pela imagem do corpo forte, com a musculatura bem definida e que aparente ser saudável.

Foi possível perceber que os/as discentes têm uma certa consciência sobre a influência dos meios sociais, principalmente as redes sociais na construção da imagem corporal. Apesar de terem a influência de buscar um certo padrão corporal, os/as discentes demonstraram que conseguem compreender que nem tudo que está posto como padrão é real, pois há as tecnologias para a edição das imagens e nem todas as “receitas” para a obtenção de um corpo bonito são reais. Eles/as conseguiram demonstrar a maturidade de saber identificar os seus limites.

Outro ponto importante nas análises foi a observação de que os/as discentes pretos/as demonstraram ter pessoas pretas como referencial de beleza e sucesso a ser admirado. Essa possibilidade é importante, pois destaque como é fundamental a representatividade positiva para que as pessoas possam se identificar e se aceitarem como elas são, sem a reprodução de um estereótipo de beleza que os coloque como inferiores.

A discussão acerca do corpo, no contexto social e, sobretudo, no contexto das aulas de Educação Física são importantes para que possamos ter um maior conhecimento dos/as discentes e, assim, podermos realizar as aulas de forma a respeitar as individualidades e oferecer um ambiente acolhedor, que não seja um reforço dos estereótipos sociais que muitas vezes aflige e distancia os/as jovens das práticas corporais, principalmente as que são realizadas em grupo. Compreender a dinâmica de como os/as discentes se reconhecem e como esse reconhecimento impacta na sua relação pessoal com o próprio corpo e nas suas relações sociais é um passo importante para a criação de um ambiente escolar saudável, respeitoso e inclusivo.

As oficinas pedagógicas revelaram a complexidade da relação entre adolescentes, seus corpos e as estruturas socioculturais que moldam suas percepções acerca dos corpos e dos estereótipos sociais. Por meio de metodologias qualitativas, como a Técnicas de Associação Livre de Palavras (TALPs), elaboração de desenhos e discussões temáticas, foi possível destacar os processos pelos quais os/as discentes internalizam padrões estéticos, enfrentam pressões socioculturais em relação ao gênero e lidam com inseguranças corporais.

A primeira oficina, que enfatizou as percepções do corpo, evidenciou a predominância de categorias como Corpo e Saúde e Autoestima e Identidade, refletindo uma visão instrumental

do corpo e conflitos entre autocrítica e idealizações sociais. Já a segunda oficina explorou as desigualdades de gênero, expondo como vantagens e desvantagens são percebidas de forma distinta por homens e mulheres, reforçando estereótipos que impactam saúde, segurança e oportunidades. A terceira oficina aprofundou a influência das redes sociais e padrões estéticos na construção da autoimagem, revelando disparidades de gênero na exposição virtual e na busca por corpos ideais. Por fim, a quarta oficina, centrada nas aulas de Educação Física Escolar, destacou a insatisfação corporal generalizada, especialmente entre mulheres, como pode ser visto em Graup *et al.* (2008), que destaca o fato de que a busca por um padrão de corpo ideal, associado à felicidade, altera a percepção da imagem corporal, em especial, a imagem corporal das mulheres. Andrade, Amaral e Ferreira (2010), apontam que as meninas são mais insatisfeitas com os seus corpos do que os meninos. Os resultados destes exercícios investigativos apontam para a urgência de repensar práticas pedagógicas para promover ambientes mais inclusivos e críticos, capazes de desafiar normas opressoras e valorizar a diversidade corporal.

Pode-se destacar que a adolescência é um período marcado por tensões entre autopercepção e expectativas externas, mediadas por fatores biopsicossociais. A internalização de padrões hegemônicos, como corpos magros ou musculosos, e a naturalização de críticas tóxicas refletem a necessidade de intervenções educativas que estimulem a reflexão crítica e a autoaceitação. As oficinas, ao combinarem abordagens verbais e visuais, demonstraram potencial para desvendar essas dinâmicas, mas também apontaram lacunas a serem superadas, como a reprodução de estereótipos em atividades como o desenho ou a construção do "corpo Frankenstein".

A oficina 1 permitiu, por meio do uso das TALPs e dos desenhos, centrada na percepção do corpo, revelar aspectos relevantes sobre como os/as discentes concebem o corpo, tanto em termos gerais quanto em relação a si mesmos, destacando padrões, contradições e influências socioculturais.

A combinação abordagens qualitativas e quantitativas, utilizando TALPs para coletar associações livres e justificativas, seguidas de uma oficina de desenho, possibilitou a realização de uma triangulação que permitiu capturar não apenas respostas verbais, mas também representações visuais, enriquecendo a compreensão das percepções dos/as alunos/as. A categorização semântica, Corpo e Saúde, Autoestima e Identidade, Emoções e Psicológico, Espiritualidade e Existência e Sociedade e Expressão, ajudaram a organizar os dados obtidos, evidenciando prioridades e conexões temáticas.

Pôde-se perceber que houve um predomínio dos aspectos físico e da saúde quando apontaram as percepções sobre o corpo. A combinação entre as categorias Corpo e Saúde foi a mais frequente nas TALPs, com palavras como “saúde”, “músculos” e “movimento”. Isso indica uma visão instrumental do corpo, associada à funcionalidade e ao bem-estar físico. A ênfase reflete uma internalização de discursos sobre saúde como prioridade, possivelmente influenciada por campanhas educativas ou valores sociais.

Também foi possível perceber que há uma grande preocupação com os aspectos que estão relacionados a autoestima e as pressões estéticas. A categoria Autoestima e Identidade também se destacou, com termos como “beleza”, “autoestima” e “imagem” sendo os mais destacados. As justificativas revelaram conflitos entre a busca por aceitação social, que seria a obtenção de um “corpo padrão” e críticas à própria aparência, com o uso de termos como, “feio” e “distorcido” para se referir ao próprio corpo. A dualidade entre autocritica e reprodução de ideais estéticos sugere a internalização de padrões inatingíveis, comumente reforçados pela mídia e redes sociais.

Palavras como “insegurança”, “triste” e “liberdade”, contidas na categoria Emoções e Psicológico, ilustram como o corpo é um campo de tensões emocionais. Isso pode ser justificado pelo fato de que são adolescentes e que a fase da adolescência é caracterizada por ser uma fase de construção identitária, demonstram vulnerabilidade, associando a autoimagem a sentimentos de inadequação ou resistência.

Apesar de menos expressiva, a categoria Espiritualidade e Existência trouxe termos como “templo”, “sagrado” e “existência”, para se referirem ao próprio corpo. Essas palavras podem ser um indicativo de uma visão simbólica do corpo como morada da essência ou conexão com valores transcendentais. Essa perspectiva pode estar ligada a influências religiosas ou filosóficas, não raro, tais significações vem mostrando influência sobre a formação da personalidade das pessoas.

A atividade de desenho expôs a reprodução de padrões estéticos hegemônicos, como corpos magros, atléticos e com traços de gênero marcados (ex.: cabelos longos para mulheres, músculos para homens). A exceção foi o Grupo 5, que incluiu “imperfeições” (estrias, gordura), sinalizando uma tentativa de representar corpos reais, embora isso tenha sido interpretado como “dissidente” por outros alunos.

As conexões entre categorias, como Autoestima com Emoções e Saúde com Identidade, evidenciam a interdependência entre dimensões físicas e psicológicas. A saúde não é apenas funcional, mas afeta a autoestima; já a espiritualidade, embora marginal, dialoga com questões

existenciais, como o envelhecimento, aqui relacionadas ao termo “tempo” e a resistência, relacionada ao termo “sagrado”.

Os/as alunos/as demonstraram maior rigor ao avaliar seus próprios corpos, sendo perceptível esse rigor no uso de termos como “odiado” e “problemático”, quando faziam referência a si, enquanto as representações gerais seguiam normas sociais. Isso revela uma discrepância entre autopercepção e percepção coletiva, possivelmente amplificada por comparações e idealizações. Além disso, a dificuldade em listar três palavras nas TALPs sugere falta de reflexão crítica prévia sobre o tema.

Os resultados reforçam a necessidade de abordagens pedagógicas que problematizem padrões estéticos e promovam aceitação corporal. A inclusão de debates sobre diversidade como, por exemplo, corpos gordos, trans ou com deficiência, poderia desafiar estereótipos e reduzir a autocobrança excessiva observada nas respostas.

A intervenção evidenciou que o corpo é um constructo multidimensional, influenciado por fatores biológicos, emocionais e socioculturais. Enquanto os/as discentes participantes valorizam a saúde e a funcionalidade, enfrentam dilemas entre a autoaceitação e a conformidade a padrões. A atividade de desenho, embora limitada por representações majoritariamente normativas, abriu espaço para reflexões sobre diversidade, indicando caminhos para futuras intervenções mais inclusivas e críticas.

A oficina 2, realizada com grupos divididos por gênero, revelou percepções complexas sobre as vantagens e desvantagens de ser homem ou mulher na sociedade contemporânea. A análise de conteúdo, baseada na metodologia de Bardin (2016), permitiu categorizar as respostas em dimensões biológicas, sociais, emocionais e culturais, destacando como as estruturas de gênero moldam experiências distintas e, muitas vezes, desiguais.

As mulheres destacaram vantagens como a capacidade de gerar vida, maior resistência à dor, apoio social e isenção do alistamento militar. Esses aspectos refletem uma valorização de atributos biológicos e emocionais, além de benefícios legais. Contudo, as desvantagens apontadas — como assédio, desigualdade salarial, pressões estéticas e riscos de violência — evidenciam uma realidade marcada por discriminação sistêmica e vulnerabilidades amplificadas por normas sociais patriarcais.

Os homens reconheceram vantagens como maior força física, segurança em espaços públicos e menos pressão estética. No entanto, as desvantagens incluem obrigações como o alistamento militar, repressão emocional, como no trecho que cita que “homem não chora”, exposição a trabalhos perigosos e pressão por sucesso financeiro. Esses pontos revelam uma

masculinidade associada a riscos físicos e emocionais, sustentada por expectativas rígidas de força e autossuficiência.

A saúde emergiu como um eixo crítico: mulheres enfrentam desafios como dor menstrual, parto e negligência médica, enquanto homens lidam com maior propensão a doenças, menor atenção à saúde mental e morte precoce. Essas questões ilustram como estereótipos de gênero impactam o acesso a cuidados e o bem-estar, perpetuando desigualdades.

A insegurança feminina foi um tema recorrente, com menções a assédio, medo de andar sozinha à noite e risco de feminicídio. Já os homens destacaram a pressão para silenciar vulnerabilidades, como assédio encoberto e tabus sobre homossexualidade. Ambos os gêneros enfrentam violências, porém com manifestações distintas, reforçando a necessidade de políticas específicas.

As mulheres apontaram disparidades salariais e dificuldades em alcançar posições de liderança, enquanto os homens reconheceram vantagens estruturais, como maior facilidade em empregos e salários. Essas percepções destacam a persistência de um ambiente laboral desequilibrado, onde o gênero ainda determina oportunidades e reconhecimento.

A crítica aos padrões estéticos impostos às mulheres — como julgamentos sobre vestimenta e cobrança por beleza — contrasta com a menor pressão sobre os homens. Essa dinâmica reflete uma sociedade que objetifica corpos femininos, limitando sua autonomia, enquanto permite maior liberdade aos homens, ainda que sob expectativas de virilidade.

As respostas evidenciaram a carga de papéis tradicionais: mulheres são cobradas por cuidados domésticos e maternidade, enquanto homens enfrentam pressão para provedoria financeira e reafirmação da masculinidade. Tais expectativas perpetuam ciclos de desigualdade e restringem escolhas individuais.

Apesar dos desafios, há indícios de resistência. As mulheres valorizam redes de apoio e solidariedade, enquanto homens questionam tabus emocionais. Essas nuances sugerem um movimento incipiente de desconstrução de normas de gênero, apontando para a importância de diálogos que promovam empatia e equidade.

A análise das respostas obtidas permitiu sistematizar narrativas qualitativas, mas também expôs generalizações. Fatores como classe, raça e orientação sexual não foram explorados, limitando a compreensão de interseccionalidades. Futuros estudos poderiam aprofundar essas variáveis para uma visão mais abrangente.

A discussão reforça a urgência de políticas públicas que combatam violência de gênero, garantam igualdade laboral e promovam saúde integral. Educação sobre gênero e espaços

seguros para expressão emocional são essenciais para desconstruir estereótipos e construir uma sociedade onde vantagens e desvantagens não sejam definidas pelo gênero, mas pela equidade de oportunidades.

A oficina 3 proporcionou uma análise profunda sobre a relação dos jovens com seus corpos, influenciada por pressões sociais, redes digitais e padrões estéticos. A questão da percepção da autoimagem e as diferenças das respostas a partir do recorte de gênero à questão “Como você se vê?” evidenciaram diferenças marcantes. Enquanto os homens tendiam a fazer uma descrição com termos como “comum” ou “atlético”, as mulheres expressaram maior insatisfação, citando inseguranças ligadas a “defeitos” físicos e comparações sociais, refletindo a cobrança estética mais intensa sobre corpos femininos, historicamente submetidos a padrões rígidos.

Foi possível perceber que há um certo desejo de transformação do corpo. Na pergunta “Como você gostaria de se ver?”, predominou a busca por equilíbrio entre saúde e estética. Muitos almejavam corpos “atléticos” ou “malhados”, associando-os a confiança e aceitação social. Nota-se, porém, uma dualidade: alguns buscavam adequação a modelos externos, enquanto outros desejavam autoconfiança e paz interior. Essa dualidade reflete os conflitos internos que os/as adolescentes atravessam nessa fase tão complexa, possível de ser ilustrada quando se fala: “Quero ver meu corpo como algo satisfatório, não bonito ou na moda”.

Os/as participantes também demonstraram que as redes sociais se configuram como ambiente de receio da exposição do corpo, pois há o medo do julgamento que possa ser feito acerca de alguma coisa que seja vista/percebida como imperfeição em seus corpos. A virtualização do corpo expôs disparidades de gênero. A maior parte das mulheres participantes relataram evitar postar fotos por medo de críticas, enquanto essa preocupação não foi tão significativa por parte dos homens. Comentários negativos recebidos, especialmente sobre peso, magreza para mulheres e gordura para homens, reforçam estereótipos como de que os corpos femininos devem ser “curvilíneos”, enquanto os corpos masculinos devem ser “musculosos”. A naturalização dessas críticas, muitas vezes disfarçadas de conselhos, reflete a internalização de normas sociais tóxicas.

A realização da Atividade do “Frankenstein” foi importante para que fosse possível compreender melhor a forma como cada um/a pensava acerca dos padrões estéticos e como essa percepção se manifestava na idealização de um corpo. Na construção do modelo de beleza ideal, predominaram corpos atléticos e traços de celebridades, como Cristiano Ronaldo ou Angelique Boyer. A justificativa “corpo bem desenhado e proporcional” revela a admiração por padrões

socialmente validados, associados a sucesso e disciplina. Apesar da menção à representatividade étnica, como a personagem Moana, a maioria das escolhas ainda refletia ideais eurocêntricos e comercializados, indicando a dificuldade em romper com modelos hegemônicos.

A criação de espaços seguros para expressão emocional também é fundamental. Oficinas que incentivem a reflexão sobre autoimagem, como a atividade do "Frankenstein", podem ser aprimoradas com a inclusão de modelos corporais diversos e discussões sobre a historicidade dos padrões de beleza. A escola deve ainda fortalecer parcerias com profissionais de saúde mental para oferecer suporte a alunos/as que lidam com inseguranças profundas, evitando que piadas ou críticas banalizadas perpetuem danos à autoestima.

As questões referentes aos temas da saúde *versus* estética também foram abordadas pelos/as discentes. Embora muitos vinculassem o corpo ideal à saúde, a ênfase em características estéticas como “abdômen trincado” ou “cintura fina”, mostra que a saúde é frequentemente confundida com aparência. A fala “se for um corpo saudável por dentro, ele se torna cada vez melhor”, ilustra essa ambiguidade, onde o bem-estar físico é condicionado a uma estética específica.

Paula Sibilia (2010), em uma entrevista, explora a crescente obsessão contemporânea pelo corpo perfeito e como essa busca incessante gera infelicidade e sofrimento. Segundo a autora, há uma "moral da boa forma" que pune o corpo por sua materialidade e substância, desprezando características naturais como poros, rugas e marcas de expressão. Essa moral impõe um ideal de juventude, limpeza e pureza que é inatingível para a maioria das pessoas, especialmente com o uso de ferramentas como o *Photoshop* que criam corpos irreais e inatingíveis. A autora aponta que essa busca pelo corpo perfeito está intrinsecamente ligada ao mercado, que estendeu seus tentáculos ao corpo e à alma. Essa lógica empresarial se infiltrou em áreas antes consideradas alheias a ela, como a própria alma, onde é possível "comprar felicidade" através de pílulas que alteram o estado de ânimo.

A pesquisadora também discute como a cultura moderna valoriza a imagem corporal em detrimento da interioridade e da essência. As "essências visíveis" estão ganhando um papel preponderante, enquanto as entidades biológicas invisíveis se tornam observáveis através de máquinas. Ela conclui que essa obsessão pelo corpo e pela aparência leva a um sofrimento generalizado, especialmente entre os adolescentes, que têm dificuldades em aceitar seus próprios poros e imperfeições. Essa concentração excessiva no corpo impede as pessoas de agirem no mundo, contribuírem para a sociedade e se relacionarem com os outros. Além disso,

a velhice é estigmatizada, pois os idosos não se enquadram no ideal do corpo liso e performático.

Outro aspecto que foi destacado diz respeito ao impacto psicológico que as comparações sociais podem trazer. As narrativas destacaram ansiedade, frustração e comparação constante. A autoimagem negativa, especialmente entre mulheres, foi associada a sentimentos de invisibilidade, “sou uma pessoa muito apagada”, enquanto a aceitação apareceu como um processo contínuo, não um estado final. A pressão por adequação gera ciclos de insatisfação, mesmo entre quem busca “evolução constante”.

Aspectos como a indicação de corpos que trazem uma demonstração de representatividade foi algo interessante de ser visto. A presença de referências como a personagem Moana ou atores e atletas negros, como o Michael B. Jordan e o Ja Morant, sinaliza a importância da diversidade na construção da autoestima. Contudo, a predominância de corpos padronizados nas escolhas dos/as discentes indica que a representatividade ainda é insuficiente para desafiar normas arraigadas, especialmente em contextos em que a mídia reforça ideais restritos.

A oficina evidenciou a eficácia de atividades práticas, como o questionário e a atividade de criação do “Frankenstein”, para desvendar percepções corporais. A dificuldade de alguns/mas em criar modelos ideais do que seria o corpo desejado sugere a complexidade de conciliar desejos pessoais com pressões externas, reforçando a necessidade de espaços de diálogo sobre autoaceitação.

O estudo revela que a relação com o corpo é profundamente mediada por normas sociais, redes digitais e expectativas de gênero. Enquanto os homens relatam menor pressão estética, as mulheres enfrentam cobranças mais severas, refletidas em maior insegurança e autocensura nas redes. A busca por corpos ideais muitas vezes mascara anseios por pertencimento e reconhecimento, evidenciando a necessidade de políticas educacionais que promovam diversidade corporal e criticidade frente aos padrões de beleza.

Para mitigar os impactos negativos, sugere-se ampliar discussões sobre saúde integral, não reduzida à estética, incentivar a representatividade midiática e trabalhar autocompaixão em ambientes educacionais. A oficina serve como um ponto de partida para desnaturalizar ideais opressores e valorizar corpos como veículos de expressão e conexão, não apenas objetos de julgamento.

A oficina 4, realizada sobre os corpos na Educação Física Escolar, revelou aspectos profundos e multifacetados da relação dos/as discentes com sua autoimagem, práticas

pedagógicas e pressões sociais. Em primeiro lugar, a insatisfação corporal mostrou-se predominante, uma vez que 22 dos/as 29 participantes desejavam alterar sua silhueta atual, com diferenças marcantes entre gêneros. Enquanto as mulheres concentraram-se em reduzir medidas (principalmente na barriga) ou buscar corpos atléticos, os homens dividiram-se entre aumentar massa muscular ou diminuir gordura. Essa disparidade reflete a influência de padrões estéticos distintos, com maior cobrança sobre as mulheres para adequação a ideais de magreza e definição.

A insegurança corporal afetou diretamente a participação nas aulas práticas. Mulheres relataram maior desconforto em situações de exposição, como uso de roupas de banho ou trocas de roupa, muitas vezes evitando atividades por medo de julgamentos. Dois casos específicos destacaram comentários sobre peso, quando uma discente relatou sofrer críticas por “estar grande”, falando que estava ficando gorda, e outra que ouviu críticas afirmando que ela estava “sumindo”, devido a perda de peso. Ambas as situações desencadearam sentimentos de vergonha e desmotivação. Esses relatos evidenciam como piadas aparentemente banais podem impactar negativamente a autoestima e a inclusão, especialmente em uma fase vulnerável como a adolescência.

A pressão por padrões estéticos também se manifestou no interesse por cirurgias plásticas. As mulheres afirmaram que fariam ou considerariam intervenções, principalmente lipoaspiração e procedimentos na barriga, reforçando a região como foco de insatisfação. Já os homens, embora menos propensos a cirurgias, também relataram cobranças sociais, principalmente para alcançar um corpo atlético. Todos/as os/as participantes, exceto dois homens, admitiram se sentir pressionados a seguir padrões, indicando um contexto cultural que normaliza a insatisfação corporal.

Nas aulas de Educação Física, a preferência pelas práticas foi unânime, associando-as a diversão, interação social e benefícios físicos. No entanto, críticas pontuais surgiram. As mulheres destacaram desconforto com roupas e exposição, enquanto homens sugeriram maior competitividade. Apesar disso, a disciplina foi amplamente valorizada como espaço de descontração e aprendizado, com 93% dos/as discentes afirmando gostar das aulas.

As aulas teóricas, embora menos populares, foram consideradas relevantes. Contudo, sugestões como “menos slides” e “mais interatividade” apontam para a necessidade de metodologias dinâmicas que combatam a dispersão. A inclusão também emergiu como demanda crítica quando alunas propuseram atividades colaborativas para evitar exclusão em grupinhos, enquanto alguns homens priorizaram desafios competitivos.

Diferenças de gênero permearam todas as análises. Mulheres associaram as aulas a bem-estar emocional e convívio, mas expressaram mais inseguranças ligadas à autoimagem. Homens, por outro lado, focaram em aspectos técnicos e desempenho, com respostas mais objetivas. Essa dicotomia reflete estereótipos sociais que vinculam mulheres à sensibilidade e homens à ação, exigindo abordagens pedagógicas sensíveis a essas nuances.

As sugestões para melhoria destacaram caminhos promissores como, por exemplo, diversificação de atividades, como caminhadas e passeios, equilíbrio entre cooperação e competição, e estratégias para garantir participação integral. A ênfase na inclusão, especialmente nas respostas femininas, ressalta a importância de um ambiente acolhedor, onde todos se sintam aptos e pertencentes.

Por fim, o estudo reforça o papel da Educação Física como disciplina estratégica para promover saúde integral, autoaceitação e socialização. Contudo, os dados alertam para a necessidade de políticas escolares que combatam a normatização de padrões estéticos, integrem debates sobre diversidade corporal e adaptem práticas pedagógicas às demandas de gênero. Somente assim, a disciplina poderá cumprir seu potencial como espaço de autonomia e emancipação, livre de constrangimentos e pautado pelo respeito à pluralidade de corpos.

Boff (2013), faz a reflexão de que o culto ao corpo na contemporaneidade se caracteriza por uma busca incessante e muitas vezes obsessiva pelo corpo perfeito, idealizado como jovem, magro, saudável e esteticamente agradável. Esse fenômeno é amplamente influenciado pela mídia e pela globalização, que difundem padrões estéticos inatingíveis, como corpos esbeltos e musculosos, reproduzidos por celebridades e modelos, criando uma pressão social intensa para a conformidade com esses ideais. Essa valorização extrema do corpo não se limita apenas à saúde, mas se estende a uma dimensão estética e simbólica, onde o corpo torna-se um objeto de investimento e consumo, transformando-se em uma espécie de “técnica de sobrevivência” social e cultural. Além disso, o culto ao corpo está profundamente imbricado com o mercado e a indústria da beleza, que exploram a imagem corporal como mercadoria, oferecendo soluções rápidas e consumíveis para os “defeitos” percebidos, desde dietas e produtos até cirurgias e tecnologias estéticas. A publicidade e os meios de comunicação reforçam continuamente a ideia de que o corpo deve ser cuidado e aperfeiçoado como um dever quase religioso, criando rituais diários de cuidado corporal que se tornam obrigações sociais.

As análises das quatro oficinas destacam que a relação dos/as adolescentes com seus corpos é profundamente influenciada por normas socioculturais, pressões estéticas e desigualdades de gênero. A internalização de padrões hegemônicos, como a associação entre

saúde e aparência física, revela uma confusão entre bem-estar integral e ideais estéticos comercializados. Além disso, a insatisfação corporal, especialmente entre mulheres, está diretamente ligada à exposição em redes sociais e à cobrança por adequação a modelos irreais, como corpos curvilíneos ou atléticos. Essas dinâmicas perpetuam ciclos de ansiedade, comparação e autocensura, impactando não apenas a autoestima, mas também a participação em atividades escolares, como demonstrado nas aulas de Educação Física.

No contexto educacional, as oficinas revelaram que a Educação Física, embora valorizada como espaço de socialização e diversão, ainda reproduz práticas que marginalizam corpos fora dos padrões. Mulheres relatam desconforto com exposição física e julgamentos, enquanto homens enfrentam pressões por desempenho e força. Para transformar esse cenário, é essencial adotar estratégias pedagógicas inclusivas, como a diversificação de atividades e a redução de enfoque em competições que reforçam estereótipos. A inclusão de debates sobre diversidade corporal, abordando corpos gordos, trans, com deficiência ou marcados por características étnicas, pode desafiar a normatização estética e promover representatividade.

Outro eixo crítico é a necessidade de integrar saúde integral ao currículo, desvinculando-a de padrões estéticos. Discussões sobre alimentação, saúde mental e autocompaixão, aliadas a práticas que valorizem o bem-estar físico sem cobranças de desempenho, podem redirecionar o foco da aparência para a funcionalidade e o respeito ao próprio corpo. Além disso, a formação docente deve incluir sensibilização para questões de gênero e diversidade, capacitando profissionais a identificar e combater comentários discriminatórios em aulas práticas.

Por fim, políticas públicas educacionais precisam priorizar a equidade de gênero e a inclusão. Isso inclui a revisão de materiais didáticos para representar corpos plurais, a promoção de campanhas contra a violência de gênero e a garantia de infraestrutura adequada, como vestiários privativos, para reduzir constrangimentos. A Educação Física, quando reconhecida como disciplina estratégica para o desenvolvimento integral, pode se tornar um espaço de compreensão e aceitação, onde corpos são celebrados em sua diversidade, e não julgados por padrões opressores. Assim, será possível construir uma geração mais crítica, autoconfiante e respeitosa com a pluralidade humana.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J.-C. **Pratiques sociales et représentations**. Paris: PUF, 1994.

ALMEIDA, D. F.; WIGGERS, I. D.; JUBÉ, C. N. Do corpo produtivo ao corpo rascunho: aproximações conceituais a partir de relações entre corpo e tecnologia. **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 3, p. 729-747, set./dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922014000300014>. Acesso em: 15 maio 2023.

ANDRADE, A.; BOSI, M. L. M. Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 16, n. 1, p. 117-125, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rn/a/DwyJjBYbgKGMzGKTt6S3GjR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2023.

ANDRADE, M. R. M.; AMARAL, A. C. S.; FERREIRA, M. E. C. A cultura do corpo ideal: prevalência de insatisfação corporal entre adolescentes. **Psicologia em Pesquisa**, v. 4, n. 1, p. 24-30, jan./jun. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472010000100004. Acesso em: 2 set. 2023.

ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Caderno de Pesquisa**, n. 117, p. 127-149, 2002. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n117/n117a07.pdf>. Acesso em: 4abr. 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BATISTA, C.; DE ANDRADE, M. S. Concepções, historicidade e abordagens da teoria das representações sociais. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 16, n. 11, p. 24760–24776, 2023. DOI:10.55905/revconv.16n.11-001. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/2580>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BEZERRA, F. A. Institutos Federais: inovação, contradições e ameaças em sua curta trajetória. In: ARAÚJO, Adilson Cesar; SILVA, Cláudio Nei Nascimento da (orgs.). **Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios**. Brasília: Ed. IFB, 2017.

BOFF, Leonardo. **Cuidado do corpo contra o culto do corpo**. IUH On-line. Instituto Humanitas UNISINOS, São Leopoldo, 2013. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/521327-cuidado-do-corpo-contra-o-culto-do-corpo>. Acesso em: 16 abr. 2025.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**.

Tradução: Maria João Alvarez; Sara Bahia dos Santos; Telmo Mourinho Baptista.
Revisão: António Branco Vasco. Porto: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, P.; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRACHT, V. **Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in) feliz**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2007.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, 16 jul. 1990.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 30 dez. 2008.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 18. ed. Campinas: Papirus, 2010. E-book. Disponível em: <http://ifce.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/8530800214>. Acesso em: 17 nov. 2021.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992. (Coleção Magistério 2º grau – Série formação do professor).

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 424, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650>. Acesso em: 17 abr. 2025.

COSLIN, P. G. **Psicologia do adolescente**. São Paulo: Jean Piaget, 2009.

DAOLIO, J. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física. **Revista Movimento**, n. 2, ano 2, p. 24-28, jun. 1995. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2184>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/issue/view/143/showToc>. Acesso em: 2 jan. 2021.

DEWEY, J. **Democracy and education**. New York: Macmillan, 1916.

DIAS, J. R. A. **Culturas escolares e adolescentes: imagem corporal e relações sociais**. 2013. 222 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Santos, Santos, 2013. Disponível em: <https://tede.unisantos.br/handle/tede/1121>. Acesso em: 10 fev. 2024.

DIAS, A. F. Corpo, gênero e sexualidades: problematizando estereótipos. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 73-90, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/download/485/598>. Acesso em: 22 abr. 2021.

FELDEN, E. P. G. et al. Fatores sociodemográficos e imagem corporal em adolescentes do ensino médio. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 11, p. 3329-3337, 2015. DOI:10.1590/1413-812320152011.00212015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/3Jz9qg8hXk6n8bKXw3wY7nP/?lang=pt>. Acesso em: 5 set. 2023.

FERNANDES, L.; BARBOSA, R. A construção social dos corpos periféricos. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 70-82, jan./mar. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902016146173>. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sausoc/2016.v25n1/70-82/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

FERREIRA, T. H. S.; FARIAS, M. A.; SILVARES, E. F. M. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 227-234, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/5810>. Acesso em: 15 abr. 2025.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALEGO, J. P. C. et al. Teoria das representações sociais: um convite aos estudos de Serge Moscovici. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 20, p. 1-23, 2023. ISSN2238-1279. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/11178/47968507>. Acesso em: 10 mar. 2025.

GATTIBONI, B. D. et al. Vivências esportivas e recepção da imagem corporal dos adolescentes do ensino médio de escolas privadas. **Salusvita**, Bauru, v. 34, n. 1, p. 13-26, 2015. Disponível em: https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/salusvita/salusvita_v34_n1_2015_art_01.pdf. Acesso em: 6 set. 2023.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. *In*: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 6. reimpressão., 2018.

GONÇALVES, A. S. **O corpo na educação física escolar**. *In*: Congresso Luso Afro-brasileiro de Ciências Sociais – CONLAB, 11., 2011, Salvador. Anais eletrônicos [...]. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br>. Acesso em: 10 dez. 2021.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2011. Edição digital.

GRAUP, S. et al. Associação entre a percepção da imagem corporal e indicadores antropométricos de escolares. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 129-138, abr./jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/7f4g7n8n9n3n8n9n8n9n8n9n/?lang=pt>. Acesso em: 19 nov. 2024.

GUARESCHI, P. Representações sociais: alguns comentários oportunos. In: NASCIMENTO-SCHULZE, C. M. (org.). **Novas contribuições para a teorização e pesquisa em representação social**. Coletâneas da ANPEPP, v. 1, n. 10, p. 9-35, 1996. Disponível em: <https://www.anpepp.org.br/acervo/Colet10.htm>. Acesso em: 10 nov. 2021.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ –IFCE. **O campus —Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará IFCE**. Disponível em: <https://ifce.edu.br>. Acesso em: 2 jun. 2023.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ –IFCE. **IFCE em números**. Disponível em: <https://ifceemnumeros.ifce.edu.br/>. Acesso em: 2 jun. 2023.

JODELET, D. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In: JODELET, D. (org.). Representações sociais. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 17-44.

JUNGES, J. R. **A medicalização da vida faz mal à saúde**. [Entrevista concedida à] IUHOn-line. Instituto Humanitas UNISINOS, São Leopoldo, 2013. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/521327-a-medicalizacao-da-vida-faz-mal-a-saude>. Acesso em: 16 abr.2025.

KHON, Alfie. **No contest: the case against competition**. Boston: Houghton Mifflin, 1992.

LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 5. ed. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2021. p. 60.

LE BRETON, D. **Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. Lisboa: Miosótis, 2004.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Tradução de Sônia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LIMA, F. M.; DINIS, N. F. Corpo e gênero nas práticas escolares de educação física. **Currículo sem Fronteiras**, v. 7, n. 1, p. 243-252, jan./jun. 2007. ISSN 1645-1384. Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org. Acesso em: 20 out. 2024.

LOUV, R. **A última criança na natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.

MARTINELLI, T. A. P.; MILESKI, K. G. **Concepções de “corpo” na Educação Física: apontamentos históricos.** In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DA REGIÃO SUL - ANPED SUL, 9., 2012, Caxias do Sul. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/view/3129/64>. Acesso em: 3 out. 2020.

MARTINS, L. T. **O corpo e o sagrado: o renascimento do sagrado através do discurso da corporeidade.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/274952>. Acesso em: 20 jan. 2021.

MESQUITA, B. K. N. Representação social dos pibidianos da UFPI sobre o ensino da sociologianas escolas. **Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais**, v. 2, n. 1, p. 50-68, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://www.abeccs.org.br/revista/index.php/cadernos/article/view/46>. Acesso em: 10 ago. 2022.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes para a educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2000.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image et son public.** Paris: PUF, 1976.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

NATT, E. D. M.; CARRIERI, A. P. A teoria das representações sociais e a análise de conteúdo: instrumentos que se complementam na pesquisa em administração. **Caderno de Estudos Sociais**, v. 29, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/80325662/A_Teoria_das_Representações_Sociais_TR_S_e_a_Análise_de_Conteúdo_AC_instrumentos_que_se_complementam_na_pesquisa_em_Administração. Acesso em: 22 abr. 2023.

NÓBREGA, T. P. **Uma fenomenologia do corpo.** São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

NOVAES, J. V. **O corpo magro, esbelto, é um corpo de classe.** [Entrevista concedida à] IUH On-line. Instituto Humanitas UNISINOS, São Leopoldo, 2010. Disponível em: <https://www.iuh.unisinos.br/entrevistas/521327-o-corpo-magro-esbelto-e-um-corpo-de-classe>. Acesso em: 17 abr. 2025.

OLIVEIRA, D. C. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 16, n. 4, p. 569-576, out./dez. 2008. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/0104-3552/2008/v16n4/a569-576.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2023.

OLIVEIRA, F. O.; WERBA, G. C. Representações sociais. In: STREY, Marlene

Neves et al. (org.). **Psicologia social contemporânea: livro-texto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. Edição digital.

OLIVEIRA, M. C. S. L. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 427-436, mai./ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n2/v11n2a21.pdf>. Acesso em: 16abr. 2025.

OLIVEIRA, M. R.; MACHADO, J. S. A. O insustentável peso da autoimagem: (re)apresentações na sociedade do espetáculo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 7, p. 2663-2672, 2021. DOI:10.1590/1413-81232021267.08782021. Acesso em: 10dez. 2024.

OUTEIRAL, J. **Adolescer**. 3. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

PEREIRA, A. C. A. **O adolescente em desenvolvimento**. São Paulo: Harbra, 2005.

REIS, S. L. da A.; BELLINI, M. Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, Maringá, v. 33, n. 2, p. 149-159, 2011. DOI:10.4025/actascihumansoc.v33i2.10256. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumSoc/article/view/10256>. Acesso em: 21 fev. 2022.

RESENDE, Moisés Sipriano de. Olhares sobre corpos e a construção de “homens” e “mulheres” na escola. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 37, p. 69-82, dez. 2011. ISSN 2175-8042. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2011v23n37p69>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/24451>. Acesso em: 20 abr. 2020.

RODRIGUES, F. A.; MELO, E. S. do N. A dinâmica da teoria das representações sociais: um diálogo entre saberes psicossociológicos, filosóficos e jurídicos. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 11, n. 5, p. e36811528482, 2022. DOI:10.33448/rsd-v11i5.28482. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/28482>. Acesso em: 13 fev.2025.

SANTIN, S. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí: Unijuí, 1987.

SANTIN, S. Verbete Corporeidade. In: GONZÁLEZ, Fernando Jayme; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário crítico de educação física**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2014.

SANTOS, L. A. O corpo na cultura e a cultura da ‘reforma’ do corpo. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 10, n. 30, p. 406-414, dez. 2011. ISSN1676-8965. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>. Acesso em: 22 out. 2020.

SANTOS, T. B. Integrando saberes: reflexão sobre o currículo do ensino médio integrado com a educação profissional técnica no Instituto Federal de Brasília.

Revista Eixo, v. 1,n. 2, 2012. DOI: <https://doi.org/10.19123/eixo.v1i2.25>.

Disponível em:

<http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/view/25>. Acesso em: 4 set. 2023.

SCHWENGBER, M. S. V. Verbete Corpo-sujeito. *In*: GONZÁLEZ, Fernando Jayme; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário crítico de educação física**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2014.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esclarecimentos:

Este é um convite para você participar da pesquisa intitulada “A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO CORPO, POR DISCENTES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO, E A SUA RELAÇÃO COM AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGedu – da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS-RS, sob a orientação do Professor Dr. Rodrigo Manoel Dias da Silva, tendo como pesquisador responsável o doutorando Marcelo Alencar Leite. A pesquisa tem como Objetivo Geral compreender qual é a representação social do corpo, por discentes do ensino médio integrado, e a sua relação com as aulas de educação física. A pesquisa tem os seguintes objetos específicos: a) Compreender qual é a ideia de corpo que os/as discentes do ensino médio integrado trazem consigo; b) Discutir sobre a influência do meio social na construção da ideia de corpo; c) Debater acerca da influência das aulas de Educação Física no processo de formação e consolidação da ideia de corpo por parte dos/as discentes do ensino médio integrado. Esse termo segue as recomendações das resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e seus complementares. Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento ou se recusando a participar da pesquisa, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Essa pesquisa se justifica pela necessidade de discussão sobre como os discentes dos Cursos Técnico Integrado do Campus Cedro percebem a representação social do corpo e a sua relação com as aulas de Educação Física e da ampliação dos estudos sobre o tema na Região do Centro Sul do Ceará, que ainda carece desse tipo de pesquisa. Caso decida aceitar o convite, você será submetido ao seguinte procedimento: 1) RESPONDERÁ A UM QUESTIONÁRIO CONTENDO UMA TALP E _____ PERGUNTAS, FECHADAS E ABERTAS, QUE VERSAM SOBRE O CORPO E A EDUCAÇÃO FÍSICA. A sua participação não lhe acarretará riscos. Você não terá benefícios financeiros ao participar da pesquisa pois, trata-se de uma adesão voluntária. Todas as informações obtidas serão mantidas em sigilo e seu nome não será identificado em nenhuma fase/etapa desta pesquisa. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos

resultados, na tese de doutorado e em artigos, será feita de forma a não identificar os voluntários. Garanto que os dados obtidos a partir de sua participação na pesquisa não serão utilizados para outros fins, além dos previstos neste termo. Você ficará com uma cópia deste Termo, que deverá ser rubricada e assinada em cada página e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa.

Consentimento Livre e Esclarecido

Estou de acordo com a participação do/a menor:

_____ no estudo descrito acima. Fui devidamente esclarecido(a) quanto aos objetivos da pesquisa, ao(s) procedimento(s) ao(s) qual(is) o/a menor será submetido/a e dos possíveis riscos que possam advir de participação. Foram-me garantidos esclarecimentos que eu venha a solicitar durante o curso da pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou de minha família.

São Leopoldo-RS, ____ de _____ de 2024.

Responsável legal pelo/a discente

Participante da pesquisa

Marcelo Alencar Leite – Pesquisador

Rodrigo Manoel Dias da Silva – Orientador

APENDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ÁUDIO E IMAGEM

Eu, _____, CPF: _____, RG: _____, responsável pelo/a discente: _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso da imagem e/ou áudios, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Marcelo Alencar Leite e Rodrigo Manoel Dias da Silva, orientador do projeto de pesquisa intitulado “A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO CORPO, POR DISCENTES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO, E A SUA RELAÇÃO COM AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA” a realizar as fotos e/ou vídeos que se façam necessárias e/ou a colher o depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, LIBERO a utilização destas fotos e/ou vídeos ou áudios (seus respectivos negativos ou cópias) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados. Por ser a expressão da minha vontade assino a presente autorização, cedendo, a título gratuito, todos os direitos autorais decorrentes dos depoimentos, artigos e entrevistas por mim fornecidos, abdicando do direito de reclamar de todo e qualquer direito conexo à minha imagem e/ou som da minha voz, e qualquer outro direito decorrente dos direitos abrangidos pela Lei 9160/98 (Lei dos Direitos Autorais).

São Leopoldo-RS, _____ de _____ de 2024.

Assinatura do Responsável Legal pelo/a discente

Marcelo Alencar Leite – Pesquisador

Prof. Dr. Rodrigo Manoel Dias da Silva - Orientador

APÊNDICE C – ROTEIRO DAS OFICINAS SOBRE O CORPO

OFICINA 1 – A Construção do Corpo

Inicialmente cada participante irá responder a duas TALPs. A primeira tem como frase norteadora para as questões: “Para mim, o corpo é?”. Após a resolução dessa primeira TALP os/as participantes responderão a segunda, com a seguinte frase norteadora: “Para mim, o meu corpo é?”.

Após responderem as duas TALPs a turma será dividida em grupos, com no máximo cinco integrantes, e cada grupo receberá uma folha de papel madeira, ou cartolina, e lápis. As equipes receberão o comando de desenhar um corpo, sem que sejam dadas informações sobre o que cada desenho deve conter.

Em seguida, cada equipe irá fazer a apresentação do seu desenho e falar sobre os aspectos que foram levados em consideração para a sua construção. Após as apresentações serão discutidos sobre os marcadores de gênero que foram desenhados e/ou explanados na apresentação das equipes e serão confrontados sobre as similaridades e diferenças que foram apresentadas.

OFICINA 2 – Estereótipos Corporais e de Gênero e Impactos na Formação da Identidade

A turma participante será dividida em grupos, sendo um formado só pelos homens e/ou formado só pelas mulheres. Cada grupo terá que responder aos seguintes questionamentos:

- 1 – Qual(ais) as vantagens de ser homem;
- 2 – Qual(ais) as desvantagens de ser homem;
- 3 – Qual(ais) as vantagens de ser mulher;
- 4 – Qual(ais) as desvantagens de ser mulher;

Após a resolução das questões propostas cada equipe irá apresentar as suas respostas. Após a apresentação serão discutidos sobre as diferenças e semelhanças entre as respostas dos dois grupos e discutir sobre como cada grupo chegou as suas respostas, buscando compreender o impacto do meio social na formação dos estereótipos de gênero e como foi a afetação de cada um.

OFICINA 3 – A Virtualização do Corpo e os Padrões de Beleza das Redes Sociais

Inicialmente será pedido aos participantes que respondam a um questionário que contém questões que buscam saber como eles/as se veem e como eles/as gostariam de se ver, e como cada um/a se sente em relação aos seus corpos, desde pequenos incômodos com alguma parte até incômodos maiores que poderiam os deixar, ou não, mais propensos a realizar alguma intervenção cirúrgica estética e como é o comportamento de cada um nas redes sociais.

A realização do segundo momento da atividade será feita por meio da criação de um “Frankistein”, onde cada um dos/as participantes deve criar um corpo que acreditam ser o ideal e desejável. Essa criação será feita a partir de recortes e colagens de partes de corpos de celebridades que julgam serem bonitas. Depois devem compartilhar a justificativa de porquê escolheram aquele corpo como modelo ideal.

A partir dessas duas atividades será iniciada a discussão sobre como as redes sociais podem influenciar na percepção da autoimagem corporal, fazendo com que as pessoas busquem, cada vez mais, um padrão estético corporal tido como “ideal” e inalcançável e como essa busca pode afetar a autoestima e autoaceitação de adolescentes.

OFICINA 4 – Os Corpos na Educação Física Escolar

Inicialmente, cada participante deverá responder a um questionário que contém questões que abordam sobre padrões corporais, o corpo nas aulas de Educação Física, abordando a participação ou exclusão das aulas, razões de participar ou não das práticas e, por fim, uma avaliação das aulas e a possibilidade de poder sugerir o que cada uma acredita que vai ser bom para as aulas de educação Física.

Após esse primeiro momento a turma será confrontada sobre como a relação que cada um/a têm com seu corpo afeta a sua participação nas aulas de Educação Física. Cada participante deverá falar se estão se sentindo confortáveis com seus corpos ou se há algum desconforto que se acentua durante as aulas.

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIOS

TALP 1

Prezado/a estudante, você participará da pesquisa intitulada “AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS CORPOS, POR DISCENTES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO, E A SUA RELAÇÃO COM AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA”, do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEDU – da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Esta pesquisa pretende compreender quais são as representações sociais dos corpos, feitas por discentes do ensino médio integrado, e a sua relação com as aulas de educação física. Com esta pesquisa, poderemos contribuir com informações sobre esse tema, também, importante para a Região do Centro Sul do Ceará. A sua participação se dará da seguinte forma: 1) Preenchimento de formulários eletrônicos, com o uso do celular, que consiste em responder a perguntas sobre a temática do Corpo. 2) Participará de quatro oficinas, que serão realizadas no próprio IFCE. Será realizada a gravação, em áudio e vídeo, das oficinas realizadas. Com o seu consentimento, e assinatura desse termo, há concordância com as gravações e o uso dessas informações para a pesquisa e divulgação dos resultados, pois serão utilizados exclusivamente para os fins da pesquisa. Pode haver algum desconforto com relação à discussão sobre o próprio corpo e como se sente em relação a ele. Nessa situação, o pesquisador dará espaço para o diálogo, de forma individualizada, buscando compreender a situação e buscará oferecer alternativas para você possa se sentir mais confortável possível, sem prejudicar a sua participação nas atividades propostas. Caso seja manifestado ou identificado algum sentimento de estresse e/ou ansiedade, haverá o encaminhamento para o Psicólogo do Campus Cedro. Caso não seja possível seguir na pesquisa depois dessas alternativas, você poderá desistir da participação, não acarretando nenhuma perda ou prejuízo para você ou familiar. Todas as informações obtidas serão mantidas em sigilo, e os nomes dos/as participantes e da instituição não serão identificados em nenhuma fase/etapa desta pesquisa.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para mim, (88) 99921-7667, ou entrar em contato pelo e-mail: marcelo.alencar@ifce.edu.br.

Se concordar em participar, assinale o campo abaixo.

Agradeço a sua colaboração e apoio na realização desta pesquisa.

☐ Desejo participar da pesquisa e concordo com os termos apresentados.

A Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), se caracteriza por ser um meio de coleta de dados a partir de uma sentença norteadora. A partir da sentença norteadora será contado 5 (cinco) minutos para responder. O tempo é importante, pois se busca saber o que os/as participantes pensam sobre o tema de forma mais subjetiva, fazendo com que sejam evocadas as primeiras interpretações sobre o tema, sem o tempo de reflexão ou adequação da resposta.

A escolha da TALP como ferramenta de coleta dos dados se dá por se tratar de uma ferramenta que proporciona conseguir as informações dos/as participantes de uma forma que possam expressar os seus pensamentos acerca do tema tratado.

Os/as participantes terão 5 (cinco) minutos para responder as 3 (três) questões que vêm a seguir.

A primeira questão consiste em listar 3 (três) palavras que remetem ao que a questão norteadora traz;

A segunda questão é para que os/as participantes ordenem as palavras listadas na questão anterior em ordem de importância, sendo a primeira listada a mais importante das palavras e a terceira a menos importante;

A terceira questão deve ser respondida apresentando uma justificativa acerca da ordenação das palavras feitas na questão anterior. Essa justificativa serve como base para a análise do que permeia a interpretação que é tida acerca da questão norteadora.

A QUESTÃO NORTEADORA É: “O CORPO, PARA MIM, É...”.

Questões

1ª - Tendo como referência a questão norteadora, O MEU CORPO, PARA MIM, É... escreva as 3 (três) primeiras palavras que, para você, melhor responde à questão.

Palavra 1: _____

Palavra 2: _____

Palavra 3: _____

2ª - Agora você deve ordenar as palavras listadas na questão anterior em ordem de importância, sendo a primeira a mais importante, a segunda a palavra com importância média e a terceira a menos importante das palavras citadas.

1ª Palavra Importante: _____

2ª Palavra Importante: _____

3ª Palavra Importante: _____

3ª - Agora você deve escrever uma justificativa explicando por que você escolheu aquelas palavras e porque as ordenou da maneira que ordenou na questão anterior.

TALP 2

Prezado/a estudante, você participará da pesquisa intitulada “AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS CORPOS, POR DISCENTES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO, E A SUA RELAÇÃO COM AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA”, do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEDU – da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Esta pesquisa pretende compreender quais são as representações sociais dos corpos, feitas por discentes do ensino médio integrado, e a sua relação com as aulas de educação física. Com esta pesquisa, poderemos contribuir com informações sobre esse tema, também, importante para a Região do Centro Sul do Ceará. A sua participação se dará da seguinte forma: 1) Preenchimento de formulários eletrônicos, com o uso do celular, que consiste em responder a perguntas sobre a temática do Corpo. 2) Participará de quatro oficinas, que serão realizadas no próprio IFCE. Será realizada a gravação, em áudio e vídeo, das oficinas realizadas. Com o seu consentimento, e assinatura desse termo, há concordância com as gravações e o uso dessas informações para a pesquisa e divulgação dos resultados, pois serão utilizados exclusivamente para os fins da pesquisa. Pode haver algum desconforto com relação à discussão sobre o próprio corpo e como se sente em relação a ele. Nessa situação, o pesquisador dará espaço para o diálogo, de forma individualizada, buscando compreender a situação e buscará oferecer alternativas para você possa se sentir mais confortável possível, sem prejudicar a sua participação nas atividades propostas. Caso seja manifestado ou identificado algum sentimento de estresse e/ou ansiedade, haverá o encaminhamento para o Psicólogo do Campus Cedro. Caso não seja possível seguir na pesquisa depois dessas alternativas, você poderá desistir da participação, não acarretando nenhuma perda ou prejuízo para você ou familiar. Todas as informações obtidas serão mantidas em sigilo, e os nomes dos/as participantes e da instituição não serão identificados em nenhuma fase/etapa desta pesquisa.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para mim, (88) 99921-7667, ou entrar em contato pelo e-mail: marcelo.alencar@ifce.edu.br.

Se concordar em participar, assinale o campo abaixo.

Agradeço a sua colaboração e apoio na realização desta pesquisa.

☐ Desejo participar da pesquisa e concordo com os termos apresentados.

A Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), se caracteriza por ser um meio de coleta de dados a partir de uma sentença norteadora. A partir da sentença norteadora será contado 5 (cinco) minutos para responder. O tempo é importante, pois se busca saber o que os/as participantes pensam sobre o tema de forma mais subjetiva, fazendo com que sejam evocadas as primeiras interpretações sobre o tema, sem o tempo de reflexão ou adequação da resposta.

A escolha da TALP como ferramenta de coleta dos dados se dá por se tratar de uma ferramenta que proporciona conseguir as informações dos/as participantes de uma forma que possam expressar os seus pensamentos acerca do tema tratado.

Os/as participantes terão 5 (cinco) minutos para responder as 3 (três) questões que vêm a seguir.

A primeira questão consiste em listar 3 (três) palavras que remetem ao que a questão norteadora traz;

A segunda questão é para que os/as participantes ordenem as palavras listadas na questão anterior em ordem de importância, sendo a primeira listada a mais importante das palavras e a terceira a menos importante;

A terceira questão deve ser respondida apresentando uma justificativa acerca da ordenação das palavras feitas na questão anterior. Essa justificativa serve como base para a análise do que permeia a interpretação que é tida acerca da questão norteadora.

A QUESTÃO NORTEADORA É: “O MEU CORPO, PARA MIM, É...”.

Questões

1ª - Tendo como referência a questão norteadora, O MEU CORPO, PARA MIM, É... escreva as 3 (três) primeiras palavras que, para você, melhor responde a questão.

Palavra 1: _____

Palavra 2: _____

Palavra 3: _____

2ª - Agora você deve ordenar as palavras listadas na questão anterior em ordem de importância, sendo a primeira a mais importante, a segunda a palavra com importância média e a terceira a menos importante das palavras citadas.

1ª Palavra Importante: _____

2ª Palavra Importante: _____

3ª Palavra Importante: _____

3ª - Agora você deve escrever uma justificativa explicando por que você escolheu aquelas palavras e porque as ordenou da maneira que ordenou na questão anterior.

Questionário Oficina 3

Prezado/a estudante, você participará da pesquisa intitulada “AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS CORPOS, POR DISCENTES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO, E A SUA RELAÇÃO COM AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA”, do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEDU – da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Esta pesquisa pretende compreender quais são as representações sociais dos corpos, feitas por discentes do ensino médio integrado, e a sua relação com as aulas de educação física. Com esta pesquisa, poderemos contribuir com informações sobre esse tema, também, importante para a Região do Centro Sul do Ceará. A sua participação se dará da seguinte forma: 1) Preenchimento de formulários eletrônicos, com o uso do celular, que consiste em responder a perguntas sobre a temática do Corpo. 2) Participará de quatro oficinas, que serão realizadas no próprio IFCE. Será realizada a gravação, em áudio e vídeo, das oficinas realizadas. Com o seu consentimento, e assinatura desse termo, há concordância com as gravações e o uso dessas informações para a pesquisa e divulgação dos resultados, pois serão utilizados exclusivamente para os fins da pesquisa. Pode haver algum desconforto com relação à discussão sobre o próprio corpo e como se sente em relação a ele. Nessa situação, o pesquisador dará espaço para o diálogo, de forma individualizada, buscando compreender a situação e buscará oferecer alternativas para você possa se sentir mais confortável possível, sem prejudicar a sua participação nas atividades propostas. Caso seja manifestado ou identificado algum sentimento de estresse e/ou ansiedade, haverá o encaminhamento para o Psicólogo do Campus Cedro. Caso não seja possível seguir na pesquisa depois dessas alternativas, você poderá desistir da participação, não acarretando nenhuma perda ou prejuízo para você ou familiar. Todas as informações obtidas serão mantidas em sigilo, e os nomes dos/as participantes e da instituição não serão identificados em nenhuma fase/etapa desta pesquisa.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para mim, (88) 99921-7667, ou entrar em contato pelo e-mail: marcelo.alencar@ifce.edu.br.

Se concordar em participar, assinale o campo abaixo.

Agradeço a sua colaboração e apoio na realização desta pesquisa.

☐ Desejo participar da pesquisa e concordo com os termos apresentados.

Questões gerais:

1ª- Com qual gênero você se identifica?

- ☐ Feminino cis
- ☐ Masculino cis
- ☐ Feminino trans
- ☐ Masculino trans
- ☐ Outro

2ª- Qual a sua idade?

- ☐ 15
- ☐ 16
- ☐ 17
- ☐ 18
- ☐ 19

Percepção da autoimagem corporal

As questões a seguir têm como objetivo saber como cada um/a percebe a si.

3ª- Como você se vê?

A questão tem o interesse em saber como você se percebe e quais são as impressões que são despertadas ao observar ou pensar acerca do seu corpo e da sua relação como meio social.

4ª- Como você gostaria de se vê?

A questão tem o interesse em saber como você gostaria de se perceber. Quando pensa acerca do seu corpo, como gostaria que fosse? Como gostaria que fosse a percepção do seu corpo no meio social?

Virtualização do corpo

As questões a seguir têm o objetivo de levantar a discussão acerca da sua interação nas redes sociais de compartilhamento de fotos.

5ª- Você tem rede social onde compartilha fotos?

- ☐ Sim
- ☐ Não

6ª- Quando vai postar alguma foto, você pensa a respeito do que as pessoas podem achar sobre o seu corpo?

() Sim

() Não

7ª- Alguma vez já deixou de compartilhar alguma foto por medo de receber algum tipo de comentário negativo em relação ao seu corpo?

() Sim

() Não

8ª- Você já recebeu algum tipo de comentário negativo acerca do seu corpo em alguma foto postada em rede social?

() Sim

() Não

9ª- Você já recebeu algum tipo de comentário negativo acerca do seu corpo vindo como um "conselho" ou "toque" em algum momento de sua vida?

() Sim

() Não

10ª- Caso sim, como foi o comentário?

11ª- Você se sentiu mal ou com incômodo acerca do comentário e chegou a questionar se a pessoa estaria certa sobre a impressão e você quis mudar algo para "mudar o que foi criticado"?

() Sim

() Não

12ª- Você já fez algum comentário negativo em relação ao corpo de alguém em rede social?

() Sim

() Não

13ª- Caso sim por que fez o comentário?

Questionário Oficina 4

Prezado/a estudante, você participará da pesquisa intitulada “AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS CORPOS, POR DISCENTES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO, E A SUA RELAÇÃO COM AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA”, do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEDU – da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Esta pesquisa pretende compreender quais são as representações sociais dos corpos, feitas por discentes do ensino médio integrado, e a sua relação com as aulas de educação física. Com esta pesquisa, poderemos contribuir com informações sobre esse tema, também, importante para a Região do Centro Sul do Ceará. A sua participação se dará da seguinte forma: 1) Preenchimento de formulários eletrônicos, com o uso do celular, que consiste em responder a perguntas sobre a temática do Corpo. 2) Participará de quatro oficinas, que serão realizadas no próprio IFCE. Será realizada a gravação, em áudio e vídeo, das oficinas realizadas. Com o seu consentimento, e assinatura desse termo, há concordância com as gravações e o uso dessas informações para a pesquisa e divulgação dos resultados, pois serão utilizados exclusivamente para os fins da pesquisa. Pode haver algum desconforto com relação à discussão sobre o próprio corpo e como se sente em relação a ele. Nessa situação, o pesquisador dará espaço para o diálogo, de forma individualizada, buscando compreender a situação e buscará oferecer alternativas para você possa se sentir mais confortável possível, sem prejudicar a sua participação nas atividades propostas. Caso seja manifestado ou identificado algum sentimento de estresse e/ou ansiedade, haverá o encaminhamento para o Psicólogo do Campus Cedro. Caso não seja possível seguir na pesquisa depois dessas alternativas, você poderá desistir da participação, não acarretando nenhuma perda ou prejuízo para você ou familiar. Todas as informações obtidas serão mantidas em sigilo, e os nomes dos/as participantes e da instituição não serão identificados em nenhuma fase/etapa desta pesquisa.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para mim, (88) 99921-7667, ou entrar em contato pelo e-mail: marcelo.alencar@ifce.edu.br.

Se concordar em participar, assinale o campo abaixo.

Agradeço a sua colaboração e apoio na realização desta pesquisa.

☐ Desejo participar da pesquisa e concordo com os termos apresentados.

Questões gerais:

1ª- Com qual gênero você se identifica?

- ☐ Feminino cis
☐ Masculino cis
☐ Feminino trans
☐ Masculino trans
☐ Outro

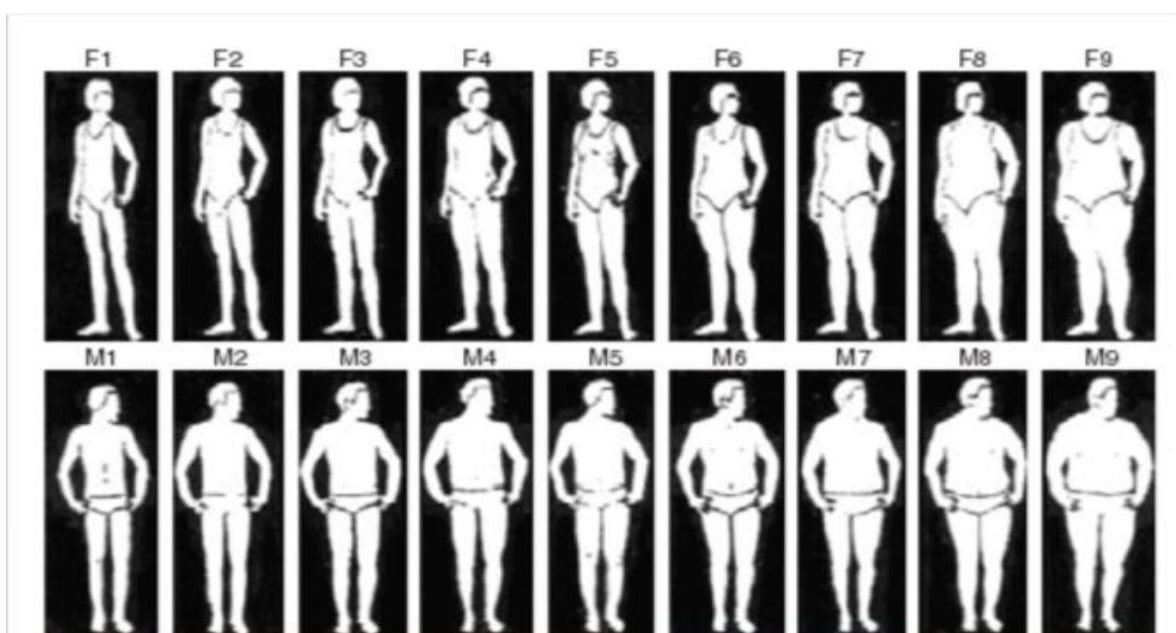
2ª- Qual a sua idade?

- ☐ 15
☐ 16
☐ 17
☐ 18
☐ 19

Sobre a sua percepção corporal e como se sente em relação a si

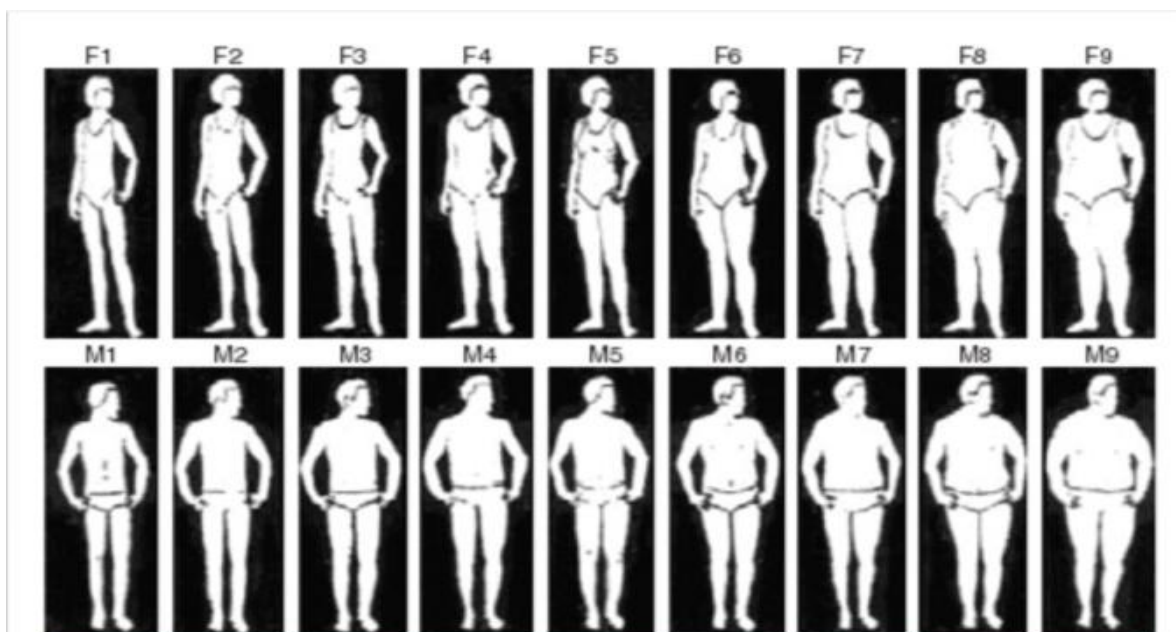
Esta seção tem o intuito de discutir acerca da percepção corporal que cada um/a tem de si e como essa percepção se reflete em cada um/a

3ª- Observe a imagem abaixo e marque na escala o número que você acredita que melhor representa a forma como você percebe o seu corpo. As mulheres devem observar os desenhos F1 a F9 (F - Female - Feminino) e os homens os desenhos do M1 ao M9 (M - Male - Masculino)



- ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9

4ª- Observe a imagem abaixo e marque na escala o número que você acredita que melhor representa a forma como você gostaria que fosse o seu corpo. As mulheres devem observar os desenhos F1 a F9 (F - Female - Feminino) e os homens os desenhos do M1 ao M9 (M - Male - Masculino)



() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7 () 8 () 9

5ª - Analise a afirmativa abaixo e marque a opção que melhor representa a sua forma de pensar.
Estou satisfeito/a com o meu corpo.

Quando olho para o meu corpo eu me sinto Totalmente insatisfeito/a

Quando olho para o meu rosto Insatisfeito/a com algumas partes

Quando olho para meu peito Não me incomoda

Quando olho para meus braços Estou satisfeito, mas quero melhorar alguma parte

Quando olho para meus antebraços Totalmente satisfeito/a

Quando olho para minhas mãos

Quando olho para minha barriga

Quando olho para meu quadril

Quando olho para as minhas coxas

Quando olho para minhas panturrilhas

Quando olho para meus pés

6ª- Analise a afirmativa abaixo e marque a opção que melhor representa a sua forma de pensar sobre seu corpo e as sensações que isso desperta.

Quando preciso usar roupa de banho	Totalmente inseguro/a
	Inseguro/a com algumas partes
Quando preciso trocar de roupa próximo a outras pessoas	
Quando posto foto nas redes sociais	Não me incomoda
	Me sinto seguro/a, mas já me preocupei
Quando eu falo sobre o meu corpo	
Quando escuto falarem sobre o meu corpo	Totalmente seguro/a
Quando estou em grupo e há comparações sobre os corpos	
Quando vou demonstrar interesse por alguém	
Quando alguém demonstra interesse por mim	
Quando chego em algum ambiente com pessoas que não conheço	

7ª- Caso tivesse a oportunidade, você faria algum tipo de intervenção cirúrgica no seu corpo

- () Sim
() Não
() Talvez

8ª- Caso fosse fazer alguma(s) intervenção(ções) cirúrgica(s) no seu corpo, qual(is) seria(m)?

9ª- Justifique a sua resposta anterior.

10ª- Você se sente, ou já se sentiu, pressionado/a a seguir algum tipo de padrão?

Sobre as aulas de Educação Física

Esta seção visa discutir acerca da Educação Física, especificamente dessa etapa do Ensino Médio, sobre como você se sente em relação as aulas práticas e aos temas abordados nas aulas teóricas.

11ª- Você gosta das aulas de Educação Física?

- () Sim

☐ Não

12ª- Você prefere as aulas teóricas ou as aulas práticas?

☐ Aulas teóricas

☐ Aulas práticas

☐ Gosto de ambas

☐ Não gosto de nenhuma

13ª- Você gosta do que é discutido nas aulas teóricas?

☐ Sim

☐ Não

14ª- Você participa das aulas práticas?

☐ Sim

☐ Não

15ª- Em algum momento, durante as aulas práticas de Educação Física, você já deixou de participar da atividade porque não se sentia apto para realizar?

☐ Sim

☐ Não

16ª- Em algum momento, durante as aulas práticas de Educação Física, você já deixou de participar da atividade porque ouviu algum tipo de brincadeira ou comentário negativo sobre o seu corpo?

☐ Sim

☐ Não

17ª- Caso a resposta anterior tenha sido sim, por favor, descreva o que foi dito e como se sentiu.

18ª- O que você acha das aulas de Educação Física?

19ª- Qual(ais) sugestão(ões) você deixa para a melhoria das aulas de Educação Física, tanto teóricas quanto práticas?